

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE LETRAS**

FÁBIO MACEDO SIMAS

**A CONSTRUÇÃO DE CADEIAS REFERENCIAIS
EM REDAÇÕES DE PORTUGUÊS (LM) E INGLÊS (LE)**

**Niterói
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DE LINGUAGEM
MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA
LINHA DE PESQUISA: DISCURSO E INTERAÇÃO**

FÁBIO MACEDO SIMAS

**A CONSTRUÇÃO DE CADEIAS REFERENCIAIS
EM REDAÇÕES DE PORTUGUÊS (LM) E INGLÊS (LE)**

**Dissertação apresentada à Coordenação
de Pós-Graduação em Letras como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre.**

**Orientadora:
Profa. Dra. Cláudia Nívia Roncarati de Souza.**

NITERÓI

JUNHO DE 2009

EXAME DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

SIMAS, Fábio Macedo. **A construção das cadeias referenciais em redações de Português (LM) e Inglês (LE)**. 2009. 224f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Língua Portuguesa)–Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. CLÁUDIA NIVIA RONCARATI DE SOUZA (UFF, Orientadora)

Profa. Dra. SOLANGE VEREZA (UFF)

Profa. Dra. ROSÂNGELA ÁVILA DANTAS (UERJ)

Profa. Dra. MARIA CECÍLIA MOLLICA (UFRJ, Suplente)

Prof. Dr. JOSÉ CARLOS GONÇALVES (UFF, Suplente)

Examinada:

Em:

*Dedico este trabalho
aos amados da minha alma,
Simone e Levi.*

AGRADECIMENTOS

Àquele que, com Sua graça sem par, soprou em mim o dom da vida e resolveu confiar-me amor, perdão e graça, e que reina para todo o sempre: Jesus Cristo!

À minha querida orientadora, Profa. Cláudia Roncarati, pela orientação sóbria e consciente. Por sua bravura frente ao trabalho e aos reveses da vida.

Às professoras Solange Vereza e Rosângela Dantas, por aceitarem meu convite e por todos os pertinentes apontamentos quando da defesa do projeto.

Ao Prof. David Shepherd, pela gentileza de emprestar seus livros.

Aos funcionários da Pós-Graduação em Letras, que sempre me atenderam com educação, destreza e competência, além da simpatia de sempre.

Ao Centro Educacional Mendes Duarte (CEMD), que abriu suas portas para que eu pudesse realizar as redações dos *corpora* deste trabalho, principalmente na pessoa do querido Manoel Duarte.

A todos os meus queridíssimos alunos do CEMD, que gastaram seu precioso tempo de estudo para o vestibular ajudando-me nesta empreitada. Seria injusto se citasse só um ou outro, pois todos vocês foram especiais!!

À minha amada esposa Simone, cuja presença foi essencial mesmo durante minhas ausências. Seu amor ultrapassa os limites de todo este trabalho! Obrigado.

Ao meu amado filho João Levi, que mesmo tão novinho, pôde compreender meus momentos de afastamento e sempre, sempre!, me emocionava com seu afeto e carinho durante as longas horas frente ao computador.

Aos meus pais, Miguel e Conceição que sempre apostaram em mim, no meu trabalho, e me incentivaram quando, lá atrás, resolvi trilhar os caminhos do magistério. Sem palavras! Ao meu irmão Lucas, que, agora ao final deste trabalho, volta a ser o meu Lucas de antes, meu amigo.

À minha amada Igreja Evangélica Congregacional Gonçalense, irmãos, e amigos mais chegados que irmãos, que sempre oraram por mim e nunca me desampararam, mesmo quando precisava faltar às reuniões para escrever este trabalho.

À Érica, que me ajudou com a transcrição das entrevistas para o trabalho, muito obrigado por sua disposição e apreço.

SINOPSE

Análise de progressão referencial, progressão tópica e *status* informacional em redações dissertativo-argumentativas de Português (LM) e Inglês (LE).

RESUMO

A presente pesquisa surge de questionamentos e indagações a respeito da produção de redações dissertativo-argumentativas de alunos do ensino médio, tanto em língua materna (Português) quanto em língua estrangeira (Inglês). Verificamos possíveis dificuldades dos discentes em construir cadeias referenciais, por meio da análise da progressão referencial, progressão tópica e do *status* informacional em dez redações de alunos do terceiro ano, de uma escola particular de classe média em São Gonçalo-RJ. Cinco alunos produziram um texto em LM e outro em LE sobre o mesmo tema, a partir dos quais elencamos as estratégias referenciais utilizadas. Além disso, confrontamos os dados de um questionário aplicado aos alunos com as análises dos textos produzidos, e entrevistamos, aleatoriamente, um participante, visando a perceber sua consciência no que concerne à identificação de referentes e de possíveis inadequações gramaticais, em razão do não gerenciamento adequado das cadeias referenciais. Os resultados atestaram que os alunos possuem consciência das estratégias referenciais adotadas no texto e que a identificação dos referentes nas cadeias referenciais pode contribuir para detectar problemas de desvio da norma padrão. As evidências não apontaram distinções significativas no emprego de estratégias referenciais em Português e Inglês: em ambas as línguas, a estratégia mais recorrente foi a da pronominalização.

Palavras-chave: Redação dissertativo-argumentativa, cadeia referencial, estratégias referenciais, progressão textual, progressão tópica, progressão referencial e *status* informacional.

ABSTRACT

The present work arises from questions and inquiries about the writing process of students at high school levels, mainly in respect to the argumentative text in foreign (English) and native (Portuguese) languages. Thus, we have verified possible difficulties students might have in the construction of the referential chains (RCs) within the analysis of the referential and topic progresses and informational status in 10 compositions of students in the last year of high school. The students have been selected at a middle class' school in São Gonçalo-RJ. Five students have written 2 texts each: one in their native language and another in English, a foreign language, on the same subject. From these compositions, the referential strategies used by the students are listed in order to verify the referents progression, the topic progression and the informational status. Besides, data from a questionnaire, which all students have filled in, and an interview with one randomly chosen student is confronted with their texts analyses, so as to observe the students' consciousness within the identification of the references and possible grammar errors due to the incorrect management of the RCs. The results have shown that the students are conscious of the referential strategies used in the text. Moreover, they are aware of the fact that the identification of the referents in the referential chains might contribute to detect grammar problems. The evidences have not shown relevant distinctions on the usage of the referential strategies in Portuguese and in English: in both languages, the most applied strategy was the use of the pronouns.

Key words: argumentative text, referential chain, referential strategies, text progression, topic progression, referential progression and informational status.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	p.8
2. HIPÓTESES E OBJETIVOS	p.10
3. INSTRUMENTAL TEÓRICO.....	p.11
3.1 Breve histórico da Linguística Textual.....	p.11
3.2 Noção de língua, linguagem, texto e sujeito.....	p.15
3.3 Teoria da referenciação.....	p.18
3.3.1 Pressupostos gerais.....	p.18
3.3.2 Estratégias de referenciação.....	p.35
3.3.2.1. Quadro dos mecanismos de referenciação.....	p.42
3.3.2.2. Noção de cadeia referencial	p.45
3.4 Referenciação em textos argumentativos: o modo de organização da dissertação escolar.....	p.47
4. INSTRUMENTAL METODOLÓGICO	p.54
4.1 Constituição dos <i>corpora</i>	p.54
4.2 Critérios de elaboração do Questionário.....	p.57
4.3 Análise das produções textuais em língua portuguesa (Língua Materna)..	p.61
4.4 Análise das produções textuais em língua inglesa (Língua Estrangeira).....	p.100
4.5 Cadeias referenciais nos textos em língua portuguesa e inglesa: um confronto.....	p.133
4.6 Correlação entre as respostas do Questionário e as dissertações escolares	p.140
5. CONCLUSÕES.....	p.171
6. REFERÊNCIAS	p.177

7. ANEXOS.....	p.182
ANEXO A – Redações em Língua Portuguesa (LM)	p.183
ANEXO B – Redações em Língua Inglesa (LE).....	p.189
ANEXO C – Questionário.....	p.195
ANEXO D – Respostas dos Questionários.....	p.200
ANEXO E – Quadros de referência anteriormente adotados na literatura.....	p.221

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O presente trabalho surge de questionamentos provenientes da minha experiência docente ao longo dos anos como professor de língua portuguesa (Língua Materna) para o ensino médio, em escolas públicas e particulares, e de língua inglesa (Língua Estrangeira) em cursos de idiomas com diferentes metodologias e abordagens.

Especificamente no que concerne ao ensino de redação, constato a situação, comumente vivenciada pelos colegas professores, de que os discentes, inclusive os formandos no ensino médio e aqueles em nível de fluência avançado nos cursos de Inglês, apresentam, entre outras, a dificuldade de gerir a progressão textual¹ dos referentes introduzidos em seus textos. Dentre esses entraves, podemos apontar os de ativar um referente e de fazê-lo evoluir, e, assim também, o de identificar que predicções e informações novas foram atribuídas a que referentes. Uma das hipóteses, que testamos em nosso estudo, é a de que esses problemas podem estar associados à dificuldade em manter os referentes na memória discursiva ao longo da organização dos tópicos (no sentido de *aboutness*, aquilo sobre o qual estamos falando, cf. Brown e Yule²), fator este que também pode gerar trechos sem coesão e sem coerência, com digressões, inadequações de concordância e regência, truncamentos, ambiguidades, contradições, repetições, etc, podendo comprometer, assim, a extração de sentidos do texto.

¹ A progressão textual, como especificamos em 3.3.1, diz respeito à atividade de introduzir e de manter os referentes.

² Segundo Brown e Yule (1986, p. 68-69), a noção de tópico é muito difícil de ser definida e, na prática, se instaura como uma noção intuitivamente satisfatória que permite descrever um princípio unificador que torna uma porção do discurso algo 'sobre' o qual se está falando.

Hodiernamente, a teoria da referenciação sociointerativamente concebida (cf. KOCH; MARCUSCHI, 1998; MONDADA; DUBOIS, 2003; RONCARATI; NEVES DA SILVA, 2006) avulta-se como uma matriz teórica pertinente para discutirmos esse conjunto de problemas no âmbito da progressão dos referentes com base na constituição de cadeias referenciais (doravante, CRs), foco de nosso interesse.

Neves da Silva, em dissertação sobre cadeias referenciais em textos orais e escritos, afirma que:

Na tessitura do texto, o estabelecimento das cadeias referenciais constitui um dos mecanismos mais eficazes de que a língua dispõe para produzir relações e efeitos de sentido, seja na língua falada, seja na língua escrita. No contexto da integração da informação ingressante na memória discursiva, essas cadeias constituem um dos recursos mais frequentes disponibilizados pelo usuário da língua para estabelecer a progressão tópica. (NEVES DA SILVA, 2002, p.1.).

Em razão dessas considerações, justifica-se a escolha do objeto de estudo – a elaboração de CRs na progressão textual e na organização dos tópicos e sua associação com a taxa de informatividade³ dos referentes – viés, até onde sabemos, ainda não foi explorado nos estudos sobre referenciação.

Para tanto, constituímos um *corpus* com redações em Português (LM) e Inglês (LE), a partir de um tema único – O voto deve ou não ser obrigatório? – visando a verificar que tipo de estratégias referenciais são utilizadas para o desenvolvimento da progressão textual e tópica em ambas as línguas.

³ A noção de taxa de informatividade ou de *status* informacional está associada aos trabalhos de Prince (1981 e 1992), de Braga e Oliveira e Silva (1984), de Roncarati (1993) e de Koch (2006), a respeito das entidades mencionadas no discurso, cuja categorização é explicada em 3.3.1. Segundo Marcuschi (2008, p. 132), a informatividade também diz respeito ao grau de expectativa ou falta dela, de conhecimento ou desconhecimento acerca dos referentes introduzidos em um texto.

A hipótese fundadora a ser confirmada ou infirmada na elaboração desse estudo é a seguinte:

- A análise de redações, a partir da identificação e constituição das CRs, pode vir a ser um mecanismo relevante para detectar, com base no *status* informacional e na atividade de introdução, manutenção e retomada de referentes na progressão textual e tópica, problemas de ordem sintático-semântica.

Associadas a essa hipótese, delimitamos nossas questões de pesquisa:

1. Quais são as estratégias de referenciação mais frequentes na constituição de CRs nas redações de Português (LM) e Inglês (LE)?
2. Que problemas de ordem sintático-semântico e de distribuição dos referentes em função do *status* informacional estão correlacionados com o não gerenciamento adequado das estratégias de referenciação que configuram as CRs nas redações?
3. Há diferenças de estratégias de referenciação na constituição de CRs em textos de língua portuguesa e língua inglesa? Essas distinções se devem a características tipológicas de ambas as línguas?⁴
4. Os alunos têm consciência das estratégias de referenciação e da sua configuração em CRs? Um teste complementar, realizado através de entrevistas gravadas em que essas estratégias lhes fossem explicitadas, poderia ativar essa consciência?

⁴ O parâmetro *pro-drop* categoriza as línguas que permitem que a posição do sujeito fique vazia, como o Italiano e o Português, e línguas de preenchimento de sujeito que não o permitem, de sujeito obrigatório como o Inglês. (Cf. MIOTO *et al.* 1999, p.36-37)

2. INSTRUMENTAL TEÓRICO

2.1 Breve histórico da Linguística Textual

Os estudos sobre referenciação advêm dos postulados da Linguística Textual (doravante, LT) ou Linguística do Texto, termo este utilizado pela primeira vez por Harald Weinrich (1964), autor alemão que advoga que toda a linguística deve ser necessariamente do texto.

Num primeiro momento, a LT surge da necessidade de se realizar uma análise para além dos domínios da frase, pois o locutor não produz frases, mas um texto⁵. Nesse período, é importante verificar os mecanismos que envolvem os componentes intratextuais, tais como a coesão sequencial e a coesão referencial.

O segundo momento da LT diz respeito à formação das chamadas “gramáticas textuais”. Uma vez que todo usuário da língua possui uma “competência textual”, então se justifica a tarefa de se criar uma gramática textual que dê conta dessa competência. Fávero e Koch (1988, p.14-15) afirmam que as gramáticas textuais deveriam ter três tarefas:

- a) verificação do que faz com que um texto seja um texto: a busca da determinação de princípios de constituição, de fatores responsáveis pela coerência e de condições em que a textualidade se manifesta;
- b) levantamento de critérios para a delimitação de textos, considerando-se a completude uma das características essenciais;
- c) diferenciação das diversas espécies de texto.

⁵Nessa perspectiva teórica, o texto é a unidade linguística mais elevada, a partir da qual seria possível chegar a unidades menores a serem categorizadas.

Nessa segunda fase, todavia, o intento de verificar o que faz com que um texto seja um texto produz um deslocamento: ao invés de conferir um tratamento formal e exaustivo ao objeto “texto”, busca-se explicitar as regras capazes de descrever todos e apenas todos os tipos de texto, o que acaba aproximando essa fase da LT ao modelo gerativista chomskiano (cf. CHOMSKY, 1957), que, ao nível da frase, procurava estabelecer um conjunto finito de regras, comum a todos os usuários da língua, capaz de gerar um número potencialmente infinito de frases novas. Por essa teoria de texto, o conjunto de regras internalizado pelo falante constituiria a sua competência textual (cf. BENTES, 2001, p.251). No entanto, esse desiderato não dá conta da produção textual, provavelmente devido à impossibilidade de se descrever todos e apenas todos os textos possíveis de uma determinada língua natural.

Chega-se então, à terceira fase da LT, aquela denominada “*teoria do texto*”, que se propõe a investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso e cujos postulados principais são:

- a) tratamento dos textos no seu contexto pragmático;
- b) delimitação do âmbito de investigação: do texto ao contexto;
- c) ampliação de escopo: da gramática do texto para a noção de textualidade⁶.

A LT, tal como entendida hodiernamente, constitui uma teoria de base multidisciplinar, em razão de suas diferentes perspectivas e interesses: mudança na concepção da língua, como um sistema atual, de uso efetivo; concepção de texto não

⁶ Beaugrande e Dressler (1981) são os postuladores dos sete princípios de textualidade, a saber: coesividade; coerência; intencionalidade; aceitabilidade; informatividade; situacionalidade e intertextualidade.

mais como um produto, mas como um processo; análise e descrição da unidade do texto em funcionamento, e não como uma unidade formal e abstrata.

Em conclusão ao seu capítulo sobre a LT, afirma Bentes:

Podemos dizer ainda que os estudos sobre texto/discurso têm se aproximado bastante do que costumamos chamar de estudos cognitivos, principalmente daqueles ligados a uma concepção de cognição que pressupõe uma visão integrada das faculdades cognitivas do ser humano, onde a linguagem, percepção, afeto, atenção, memória, estrutura cultural e outros componentes do sistema cognitivo encontram-se definitivamente interrelacionados. Por último, pode-se dizer também que recentemente houve uma retomada do interesse pela questão da tipologia e dos gêneros textuais. (BENTES, 2001, p.282)

Portanto, a atual orientação da LT é de base predominantemente sociointerativa, uma vez que considera que a linguagem é “uma ação compartilhada que percorre um duplo percurso na relação sujeito/realidade e exerce dupla função em relação ao desenvolvimento cognitivo: intercognitivo (sujeito/mundo) e intracognitivo (linguagem e outros processos cognitivos)” (KOCH, 2004a, p. 32).

Os pressupostos da LT têm servido de base tanto para alguns professores de língua portuguesa do ensino médio das escolas brasileiras, quanto para alguns livros didáticos contemporâneos que procuram se espelhar nesses fundamentos teóricos, tal como prescrevem os *Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio*:

A unidade básica da linguagem verbal é o texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz, e a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização e a razão do ato linguístico.

O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que os constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem visto como um texto que constrói textos.

O processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral.

Essa concepção destaca a natureza social e interativa da linguagem, em contraposição às concepções tradicionais, deslocadas do uso social. O trabalho do professor centra-se no objetivo de desenvolvimento e sistematização da linguagem interiorizada pelo aluno, incentivando a verbalização da mesma e o domínio de outras utilizadas em diferentes esferas sociais. Os conteúdos tradicionais de ensino de língua, ou seja, nomenclatura gramatical e história da literatura, são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos e a literatura integra-se à área de leitura. (PCNEM, p.18)

Em recente monografia apresentada à disciplina “O livro didático e o ensino do Português”, na Pós-Graduação em Letras da UFF em 2007, procedemos a um levantamento dos referenciais teóricos em que se basearam os autores de alguns livros didáticos de língua portuguesa⁷, adotados nos ensinos fundamental e médio, observando, assim, uma tendência de aplicação das recentes contribuições da LT.

Durante o curso, cada aluno analisou uma obra ou coleção didática. A constatação de que, hodiernamente, os autores tentam se ancorar em ensinamentos da LT ou de alguma outra vertente da Análise do discurso foi expressiva. As obras dos autores que analisamos são referência no meio escolar, uma vez que são ou já foram adotadas em diversas escolas da região de Niterói e São Gonçalo. Aquela que examinamos apresenta um capítulo complementar direcionado para os docentes, em que se demonstra a fundamentação teórica com bibliografia atualizada de pesquisadores como Koch (1991), Koch & Travaglia (1995), Bahktin (1979;1997), entre outros. Os capítulos especificamente voltados para a produção textual baseiam-se em teorias diversas de gênero textual; além disso, há preocupação com conceitos como coesão, coerência e intertextualidade.

⁷ A obra didática com que trabalhamos foi: CEREJA, William; COCHAR, Thereza. **Português: linguagens**. 2. ed. São Paulo: Atual Editora, 2005. V. 1.

Desse modo, conforme enfatiza Koch (2004b, p.3), a LT pode oferecer ao professor subsídios indispensáveis para o estudo dos recursos linguísticos e das condições discursivas que regulam a construção da textualidade e da produção dos sentidos, revitalizando, em consequência, o próprio estudo da gramática não como um fim em si mesma, mas visando a evidenciar as possibilidades que a língua põe à disposição dos usuários.

Após contextualizar, de um modo sintético, a trajetória da LT, na próxima seção, especificamos os conceitos de língua, linguagem, texto e sujeito que dão suporte à teoria da referenciação de base sociointerativa.

2.2 Noção de língua, linguagem, texto e sujeito

Toda e qualquer análise linguística está fundada em uma determinada concepção sobre língua e linguagem, a depender da perspectiva teórica adotada. Para a teoria da referenciação sociointerativamente constituída, o conceito de língua se afasta do postulado saussuriano de língua como um sistema abstrato. Atualmente, como já enfatizamos, os estudos do texto estão percorrendo os âmbitos do discurso.

Londoño, Estupiñán e Idárraga (2004) e Marcuschi (2001), por exemplo, advogam uma noção de língua voltada para o processo de comunicação, conferindo-lhe função sociointerativa. Ela é vista como uma atividade social, interativa e cognitiva. Marcuschi (2007) reforça a perspectiva cognitivista, no que tange à análise linguística essencialmente ligada à atividade humana e comandada pela realidade sociocultural como base da cognição. Em outras palavras, o mundo comunicado é sempre fruto de uma ação cognitiva e não de uma identificação de realidades discretas apreendidas

diretamente: a ação de discretização do mundo, na forma como o comunicamos, avulta-se como um trabalho sociocognitivo sistemático.

É nesse sentido que Roncarati (2009) salienta que o recorte teórico da referenciação aqui proposto possibilita as seguintes definições:

- (i) a *linguagem* é uma atividade sociointerativa situada e não um instrumento especular de representação da realidade, em que se prevê uma relação estável entre as palavras e as coisas;
- (ii) a *língua* é vista como um sistema comunicativo dinâmico, variável, uma atividade interativa em que o aspecto formal se integra ao funcional, e que existe na e pelas práticas discursivas dos locutores, não tendo, por conseguinte, uma semântica determinada;
- (iii) o *texto* é dimensionado como um sistema de construção cognitiva ou um lugar de explicitação da experiência humana, um evento discursivo que envolve ações linguísticas, cognitivas, sociais e psicológicas, no qual o tópico discursivo não é um dado prévio, mas uma construção interativamente negociada.

Marcuschi (2007, p.64) acrescenta ainda que a língua se manifesta como um conjunto de práticas sociointerativas, ressaltando que sua exteriorização depende de processos cognitivos de discretização do mundo. Para ele, (op.cit., p.68) a linguagem “é uma atividade constitutiva e não uma forma de representar a realidade; mais que um *retrato*, a língua é um *trato* da realidade”.

Koch (2002), por sua vez, contextualiza as concepções de língua, sujeito, texto e sentido, utilizando-se de diversas correntes linguísticas, filosóficas e psicológicas.

Entendemos que será mais prático perceber diferenças e semelhanças entre tais conceitos, a partir do seguinte quadro por nós adaptado:

LÍNGUA	SUJEITO	TEXTO	SENTIDO
1- Representação do pensamento.	Sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações.	Produto lógico do pensamento.	Depende mais do falante que do ouvinte, pois este é mero expectador.
2- Estrutura.	Sujeito determinado, <i>assujeitado</i> pelo sistema.	Produto de combinações dentro das possibilidades do sistema.	Construído também a partir das possibilidades do sistema.
3- Instrumento que se encontra à disposição dos indivíduos, que o utilizam como se ele não tivesse história.	Sujeito da enunciação responsável pelo sentido; predominância da consciência individual no uso da linguagem.	Transmissão de pensamentos da mente do falante para a mente do ouvinte.	Depreendido da intenção do falante; trata-se de um evento mental que se realiza nessa descoberta.
4- Instrumento de comunicação, código.	Sujeito como um mero repetidor de outros discursos, inserido em uma ideologia da qual é porta-voz. Pressupõe um “assujeitamento”: o indivíduo não é dono de seu discurso e de sua vontade; a consciência é produzida de fora para dentro.	Produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte.	Sentido originado da formação discursiva a que o enunciado pertence.
5-Lugar (instrumento) de interação.	Sujeito como entidade psicossocial de caráter ativo; reproduz o social por participar da definição da situação na qual se acha engajado; é ator na atualização das imagens e das representações, sem as quais a comunicação não poderia existir.	O próprio lugar da interação.	Construído no decorrer do texto pelos interlocutores, ou seja, na interação entre os sujeitos.

Quadro 1- Concepções de língua, sujeito, texto e sentido. Fonte: Adaptação de Koch (2002, p. 14-20)

Com relação à noção de sujeito aqui adotada, cumpre ainda explicitar que o papel dos sujeitos envolvidos no processo interacional é tema também crucial nos estudos das análises dos discursos. Os autores vinculados à perspectiva da Escola

Francesa de Análise do Discurso⁸ advogam a tese de que os sujeitos são os agentes responsáveis pela construção do discurso. Charaudeau e Maingueneau, por exemplo, assim dimensionam o estatuto do sujeito no discurso:

O sujeito do discurso é uma noção necessária para precisar o estatuto, o lugar e a posição do sujeito falante (ou do locutor) com relação a sua atividade linguageira. Ela leva a considerar as relações que o sujeito mantém com os dados da situação de comunicação na qual ele se encontra, os procedimentos de discursivização, assim como os saberes, opiniões e crenças que possui e que supõe serem compartilhados pelo seu interlocutor. Sua competência não é mais simplesmente linguística, ela é ao mesmo tempo *comunicacional, discursiva e linguística*. (CHARAUDEAU;MAINGUENEAU, 2006, p.457.).

2.3 Teoria da referenciação

2.3.1 Pressupostos gerais

Com base nas noções expostas em 3.2, passamos a detalhar os pressupostos metateóricos da referenciação sociointerativamente concebida, que considera a língua um sistema comunicativo dinâmico e variável. Dentre as noções pertinentes, destacamos as seguintes: referência e referente; objeto de mundo e objeto de discurso. Apresentamos a distinção entre referir, remeter, retomar e aludir, e, assim também, entre expressões referenciais, não-referenciais e atributivas. Para finalizar, tratamos da taxa de informatividade dos referentes, e, assim também, da progressão textual.

⁸ De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 202), o rótulo “Escola Francesa” permite designar a corrente da análise do discurso que iniciou seus postulados com o estudo do discurso político, associando a linguística estrutural a uma teoria da ideologia, simultaneamente inspirada na releitura da obra de Marx e na psicanálise de Lacan. Nessa vertente teórica, busca-se pensar a relação entre o ideológico e o linguístico, evitando, ao mesmo tempo, reduzir o discurso à análise da língua e dissolver o discurso no ideológico.

Em primeiro lugar, cumpre distinguir entre os termos *referência* e *referente*. O primeiro designa a propriedade de uma dada forma linguística remeter a um elemento da realidade extralinguística; o segundo, em contrapartida, é aquilo que o referente designa. Consoante Marcuschi (2007, p.96), “não se trata de negar o valor referencial da língua e sim de rever a maneira como se dá esse processo de referenciação.”

O escopo aqui adotado emerge do enquadre em que a referenciação não parte de uma visão especular entre o objeto e a coisa que ele (o referente) designa, pressupondo uma noção de referente ‘dotado’ de propriedades intrínsecas, essenciais ou estáveis. A interpretação de uma expressão referencial anafórica nominal ou pronominal não implica a localização de um antecedente ou de um objeto específico no mundo tão somente, mas de uma informação, de um evento, um indivíduo, objeto, fato ou estado de coisas, concretos ou abstratos, reais ou virtuais, alocados na memória discursiva compartilhada, publicamente alimentada pelo próprio discurso, exatamente pelo fato de estar projetada no âmbito de uma teoria da referenciação fundamentada em uma semântica do texto sociointerativamente concebida (cf. RONCARATI, 2009). Nessa versão, as noções de referente e de referência passam a ser discutidas no âmbito de uma distinção entre objetos de mundo e objeto de discurso.

Assim podemos afirmar que os autores que postulam uma diferença entre os construtos teóricos *objetos de discurso* e *objetos de mundo* dividem-se em duas tendências dominantes quanto ao tratamento e à concepção da referência: uma de acordo com a perspectiva lógico-semântica, mais tradicional, e outra de acordo com a perspectiva sociocognitiva interacionista.

Conforme a primeira visão, a linguagem é “uma representação extensional (dêitica, apontadora) da realidade objetiva e circundante, e a referência, uma forma de representação do mundo.” (RONCARATI; NEVES DA SILVA, 2006, p. 320). Nessa vertente, o processo que envolve a referência é uma operação de atamento de uma forma nominal ou pronominal ao referente no espaço da sentença, e o referente é tratado como uma entidade apriorística e estável, um objeto do mundo extralinguístico.

Apesar de ainda haver adeptos dessa noção de referência, aumenta o número de estudiosos que acreditam que a linguagem seja uma atividade interativa e sociocognitiva, e que “passam a ver a referência como um contrato discursivamente produzido, em que os referentes são imanentemente objetos de discurso, entidades alimentadas e sancionadas pela atividade discursiva.” (RONCARATI; NEVES DA SILVA, op.cit. p. 320-321). Em outras palavras, a referência não se apresenta pronta no mundo extralinguístico, mas se realiza no construto discursivo à medida que os participantes constroem o objeto de discurso na progressão textual.

Dentre as noções pertinentes à teoria da referenciação, existem alguns termos que se confundem e que precisam ser bem delimitados, com relação ao objeto de nosso estudo, as CRs. *referir*, *remeter*, *retomar* e *aludir*, apesar de estarem envolvidos na progressão textual na CR, possuem sutis distinções.

Marcuschi (2000, p.5) afirma que todos os casos de progressão referencial baseiam-se em algum tipo de referenciação e defende que:

- ✓ REFERIR é uma atividade de designação realizável com a língua sem implicar uma relação especular língua-mundo.

- ✓ REMETER é uma atividade de processamento indicial na co(n)textualidade.
- ✓ RETOMAR é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não.

O autor advoga ainda que toda remissão envolve algum tipo de relação semântica, cognitiva, pragmática ou outra qualquer, mas não necessariamente de correferenciação (relação de identidade). Há casos de processos que exigem uma interpretação inferencial. Para ele, a retomada subentende continuidade referencial, implicando algum tipo de relação direta, seja de identidade (correferenciação) ou não identidade (associação).

Já na avaliação de Koch (2006, p. 84):

- ✓ a retomada implica remissão e referenciação;
- ✓ a remissão implica referenciação e não necessariamente retomada;
- ✓ a referenciação não implica remissão pontualizada nem retomada.

A autora acrescenta ainda que:

referir é uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação especular língua-mundo; *remeter* é uma atividade de processamento indicial na co-textualidade; *retomar* é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não. [...] Na atividade específica envolvida pela *remissão*, deve-se ter em conta algum tipo de relação (de ordem semântica, cognitiva, associativa, pragmática ou de outro tipo). A noção de remeter diz respeito a um movimento textual em que se dão relações não necessariamente correferenciais. Assim, o fato de se progredir mediante a atividade de remeter não envolve uma retomada, já que *retomar* é uma atividade particular de remissão que subentende *continuidade referencial*, implicando algum tipo de relação direta, seja de identidade material (caso da correferenciação), seja de não-identidade material (caso da associação). (KOCH, 2006, p.84.).

Koch esclarece-nos um pouco mais a visão de Marcuschi (2000), ao definir os parâmetros de alcance de cada termo, i.é., se eles operam na contextualidade ou na cotextualidade. Além disso, considera o texto como um universo de relações sequenciadas, mas não lineares em que esses três processos (remeter, referir e retomar) podem ocorrer concomitantemente ou não na progressão textual.

Finalmente, Neves da Silva (2007, p.52-53) acrescenta aos outros três um quarto elemento, *aludir*, definindo-os assim:

- ✓ *Referir* implica remissão com retomada explícita e estabelece continuidade referencial com correferenciação (identidade do objeto de discurso) e cossignificação (identidade de sentidos); opera por meio de anáforas diretas (é a retomada que comprova a dimensão referencial da expressão nominal).
- ✓ *Retomar* não exige remissão pontualizada, pois pode operar retomadas explícitas e implícitas por algum tipo de associação ou extensão referencial; pode implicar continuidade referencial plena ou subentender a continuidade referencial associativa ou extensiva; no primeiro caso, implica cossignificação e correferenciação, operando simultaneamente a atividade de referir; no segundo, pode gerar recategorização ou ativação de novos referentes, não havendo garantias de correferenciação ou cossignificação.
- ✓ *Remeter* envolve algum tipo de relação semântica ou pragmática, no cotexto ou no contexto; implica remissão, mas não estabelece, necessariamente, retomada, tampouco cossignificação ou correferenciação; pode fazer aporte de atributos ou de informações novas, gerando desse modo recategorização ou ativação de novos referentes.

- ✓ *Aludir* envolve algum tipo de associação ou extensão referencial, de modo vago e indireto; não apresenta antecedente cotextual; subentende remissão a um elemento do conhecimento socialmente compartilhado, ativando um objeto de discurso preñado de sentidos não explicitados, mas apenas vagamente sugeridos; aludir não implica referir, já que referir é retomar o referente já introduzido no texto.

As definições de Neves da Silva parecem-nos mais pontuais e operacionais, uma vez que nos permitem operar melhor com essas noções em nossas análises. Cumpre ressaltar que a inclusão do termo *aludir* emergiu da necessidade de se dar conta, principalmente, de casos de anáforas indiretas⁹.

Como vemos, a distinção entre referir, remeter e retomar é complexa pelo fato de admitir sobreposições. Além disso, cada um dos autores aqui elencados tendem a conferir a essas noções um escopo mais lato ou mais restrito. Contudo, parece consenso que essas noções constituem atividades fundamentais da língua na (re)construção de objetos de discurso, colaborando para a progressão textual.

Tratamos agora de uma outra questão, ainda polêmica nos estudos linguísticos, a distinção entre: expressões referenciais e não-referenciais. Discutimos, ademais, a necessidade de se incluir a expressão referencial atributiva na progressão dos referentes que constituem uma CR.

⁹Segundo Shwarz (2000, p.49), “No caso da *Anáfora Indireta* trata-se de expressões definidas que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que têm duas funções referenciais textuais: introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global.”

Halliday e Hasan (1976) ao abordarem a coesão, classificam-na em sequencial e referencial. A primeira, é gramatical, enquanto a segunda é semântica. Por conseguinte, deduz-se que aquilo que é sequencial não é referencial. É preciso esclarecer, antes, que, para eles, a referência são itens da língua que não são interpretados semanticamente *per si*, mas podem ser interpretados referindo-se a outro elemento – propriedade da referência (op.cit., p.31). Todavia, a substituição é sujeita uma condição gramatical: o substituto deve ser da mesma classe gramatical do item pelo qual é substituído. Tal restrição não se aplica à referência, exatamente pelo fato de a relação ser semântica e não gramatical. Depreende-se, assim, que a referência pode ser tanto exófora (fora do texto, no contexto) como endófora (no interior do texto, no cotexto), já a substituição é sempre endófora.

Para Dubois (1980, p. 209-213), um sintagma nominal não é referencial quando não é usado para falar de um objeto como um objeto em si. Já Chafe (1994, p.102) afirma que o sintagma nominal ou pronome é não-referencial quando não há referente verbalizado.

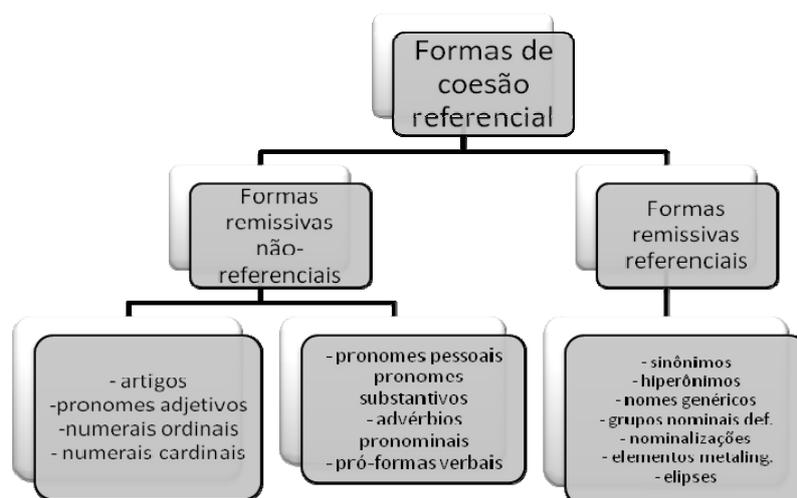
A inclusão ou não dos pronomes pessoais na classe das expressões referenciais não constitui ainda consenso. Assim, por exemplo, para Benveniste, os pronomes pessoais não constituem uma classe de referência:

Cada instância de emprego de um nome refere-se a uma noção constante e “objetiva”, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular, e que permanece sempre idêntica na representação que desperta. No entanto, as instâncias de emprego de *eu* não constituem uma classe de referência, uma vez que não há “objeto” definível como *eu* ao qual se possam remeter idênticamente essas instâncias. Cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal. (BENVENISTE, 1976, p. 278.).

O pronome pessoal, como afirma Benveniste, possui referência própria, sendo construído como objeto do discurso cada vez que é atualizado: no plano da língua, os pronomes constroem ou ajudam a construir, no caso de retomadas, objetos de discurso todas as vezes que são empregados. Os pronomes não constituem categorias referenciadoras porque “não remetem à realidade nem a posições objetivas no espaço ou no tempo, **mas à enunciação**, cada vez única, que as contém, e refletem assim o seu próprio emprego” (op.cit. p. 280, grifo nosso). A língua não existe, como já enfatizamos, fora dos sujeitos sociais que a utilizam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm. Marcuschi (2008, p. 109) compartilha da mesma visão de Benveniste, já que inclui os pronomes pessoais no grupo das formas remissivas não-referenciais.

Devido à nossa escolha teórica, entendemos que o pronome ou qualquer outra classe gramatical participante de um sintagma nominal será referencial a partir do momento em que apontar para a construção de determinado objeto de discurso. Entretanto, algumas classes como o artigo, o numeral e o pronome adjetivo não podem constituir expressões referenciais *per se*, mas participam diretamente da construção do objeto de discurso. Isso, contudo, não torna inoperante a proposta de Halliday e Hasan (1976) de que as substituições realizadas por pronomes, por exemplo, são meramente gramaticais. Assim o são, no que diz respeito à formalidade gramatical, mas parece-nos inegável o fato de que também se referem ao objeto de discurso em evolução dentro da CR, como demonstramos em 4.3 e 4.4.

Encontramos em Marcuschi, uma esquematização das estratégias de organização referencial que operam no esquema da coesão referencial:



Quadro 2 – Formas de coesão referencial. Fonte: MARCUSCHI (2008, p.109)

Já para Givón (1995, p. 232), a distinção entre o que é referencial e não-referencial reside na intenção do falante que, ao codificar a referência, assinala para o ouvinte se o sintagma nominal que utiliza é, ou não, semanticamente referencial, e se será pragmaticamente importante.

Portanto, a noção de formas remissivas referenciais diz respeito a todos os elementos linguísticos que estabelecem referências a partir de suas possibilidades referidoras, como os sinônimos e as nominalizações. Por outro lado, as formas remissivas não-referenciais não têm autonomia referencial, elas podem estabelecer uma relação de identidade referencial com o elemento remetido, ou, então, referir algo por analogia, associação, etc. Tais formas podem ser presas, como no caso de artigos, ou livres, como no caso de pronomes pessoais.

Além da distinção entre expressões referenciais e não-referenciais, torna-se importante discutir o emprego referencial atributivo na constituição da CR, “tendo em vista o processo de construção da referência e de seu sentido, ou seja, construção do objeto de discurso” (RONCARATI; NEVES DA SILVA, 2006, p. 329). Algumas pesquisas,

segundo Koch & Elias (2006, p.138) têm evidenciado a existência de formas híbridas, referenciadoras e predicativas, isto é, veiculadoras não só de informação dada, mas também de informação nova.

O exemplo a seguir, é adequado para discutir a questão do emprego referencial e atributivo na evolução do objeto do discurso.

Ex.(1):

O cedro
(Leonardo da Vinci)

Era uma vez um cedro que sabia o quanto era bonito.

Ficava no centro do jardim e era mais alto que todas as outras árvores. O arranjo absolutamente simétrico de seus galhos fazia-o parecer um grande candelabro.

- Como seria eu se produzisse frutos? - pensou ele - seria certamente a árvore mais bonita do mundo.

E então começou a observar as outras árvores e tentou imitá-las. Finalmente, bem no alto do cedro, surgiu um lindo fruto.

- Agora preciso alimentá-lo - pensou o cedro consigo mesmo - preciso ajudá-lo a crescer.

E o fruto começou a crescer e a inchar até tornar-se grande demais. O topo do cedro não conseguiu mais suportar-lhe o peso e começou a curvar-se. E quando o fruto amadureceu, o topo, que fora o orgulho e a alegria da árvore, ficou pendurado com um ramo partido.

(DA VINCI, Leonardo. **Fábulas e lendas**. Interpretadas e transcritas por Bruno Nardini. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1972, p.102)

Essa ilustração reforça a tese de que o objeto de discurso é construído na progressão textual, através de predicções atributivas que lhe são conferidas, e que designam as transformações de estado do referente inicialmente introduzido.

Assim, vejamos, a partir da fábula *O cedro* de Leonardo da Vinci, a CR de *cedro*, introduzido por 1ª menção no título, e observemos de que modo os aportes de atributo (predicações atributivas) contribuem para a evolução do referente:

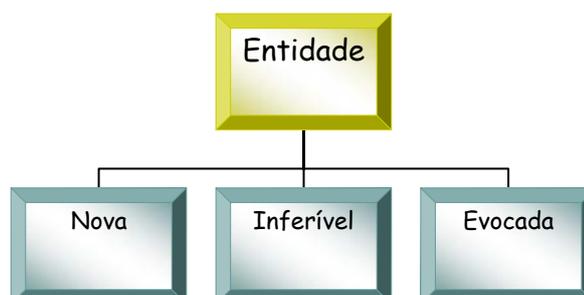
CR: CEDRO: O Cedro (1ª menção) ⇒ bonito ⇒ mais alto que todas as outras árvores ⇒ O arranjo absolutamente simétrico de seus galhos ⇒ o ⇒ um grande candelabro ⇒ a árvore mais bonita do mundo ⇒ um lindo fruto ⇒ lo ⇒ lo ⇒ o fruto ⇒ grande demais ⇒ O topo do cedro ⇒ lhe ⇒ o fruto ⇒ o topo ⇒ o orgulho ⇒ a alegria da árvore ⇒ pendurado com um ramo partido.

Após a verificação dessa CR de *cedro*, verifica-se que o referente é retomado 20 (vinte) vezes no decorrer do texto. Entretanto, 9 (nove) são referentes atributivos, ou seja, que lhe conferem predicação e, conseqüentemente, alteram o estado inicial do *cedro* construindo a imagem da árvore no discurso garantido, assim, a progressão textual. Trata-se de um objeto de discurso que sofreu evolução, pois o último atributo (um ramo partido) homologa, incorpora, as predicações anteriores.

Acredita-se que um texto seja um misto de informações velhas e novas e, quanto mais informações novas um texto apresente, mais informativo será e vice-versa. Prince (1981) desenvolveu uma categorização a respeito do *status* informacional das entidades e foi um dos autores que propôs a distribuição da informação em nova, velha e inferível, associando-a àquilo que o falante acredita que está em foco na cabeça do seu interlocutor. A autora afirma que as entidades do discurso podem ser consideradas novas ou velhas em relação ao ouvinte (acrescentamos leitor), ao seu conhecimento de mundo. Isso tem a ver com aquilo que se pode inferir de um texto.

Em suma, refere-se ao balanço entre aquilo que é novidade e aquilo que já faz parte do saber compartilhado pelos interlocutores.

Braga & Oliveira e Silva (1984) fazem uma revisão crítica da taxonomia novo/velho com base nas teorias de Prince (1981), Halliday (1967) e Chafe (1976). A principal contribuição das autoras, nos parece ser a de insistir no fato de que o contexto é de suma relevância para decidir quanto à categorização das informações novas, velhas e inferíveis. Para elas, é impossível se ater ao referente sem levar em conta o contexto linguístico e o extralinguístico¹⁰, exatamente pelo grau de suposição que deve ser feito ao se considerar o que é dado e o que é novo. Com base na análise de dados empíricos (gravações da fala espontânea), as autoras concluíram que o modelo mais adequado é o de Prince. Consideraram, no entanto, que esse modelo se torna mais produtivo com base em uma categorização mais restrita: entidades novas, evocadas e inferíveis, sem as suas subespecificações, como ilustrado a seguir:



Quadro 3 – A taxonomia novo velho (BRAGA; OLIVEIRA, 1984, p.32)

Consoante Koch (2006, p.41), a informatividade refere-se à distribuição da informação no texto e ao grau de previsibilidade/redundância com que a informação nele contida é veiculada. No que tange ao primeiro aspecto, deve haver um equilíbrio

¹⁰ Salienta-se que as redações dos nossos *corpora* foram produzidas durante o períodos de eleições municipais no país, em 2008, fato que pode influenciar a produção dos textos, uma vez que os assuntos a respeito do tema estavam em voga, principalmente, nos meios de comunicação de massa.

entre o que se denomina informação dada e informação nova.¹¹ Isso advém da premissa de que um texto repleto de informações dadas torna-se redundante por possuir baixa taxa de informatividade, evidenciando assim a dificuldade de os sujeitos construírem novos objetos de discurso capazes de elevar a taxa de informatividade do texto.

Por outro lado, é cognitivamente impossível a existência de textos embasados em informações exclusivamente novas, uma vez que tais informações não seriam processadas devido à falta de âncoras linguístico-cognitivas necessárias ao processamento. Assim, cabe ressaltar que, para a introdução de informações novas, deve-se partir de informações já compartilhadas cognitivamente e socialmente pelos interlocutores. Conforme enfatiza Koch:

Assim sendo, é preciso que os produtores de textos dominem uma série de estratégias de organização da informação e de estruturação textual. A continuidade de um texto resulta de um equilíbrio variável entre dois movimentos fundamentais: retroação e progressão. Desta forma, a informação semântica contida no texto vai distribuir-se em (pelo menos) dois grandes blocos: o *dado* e o *novo*, cuja disposição e dosagem interferem na construção do sentido. A informação dada (ou aquela que o produtor do texto apresenta como dada) – tem por função estabelecer os pontos de ancoragem para o aporte da informação nova. A retomada desta informação opera-se, por meio de remissão ou referência textual, que leva à formação, no texto, de *cadeias referenciais coesivas*. Estas cadeias têm papel importante na organização textual, contribuindo para a produção do sentido pretendido pelo produtor do texto. Contudo, é preciso, também, considerar que a remissão se faz, frequentemente, não a referentes textualmente expressos, mas a conteúdos de consciência, isto é, a referentes que estão presentes na memória discursiva dos interlocutores e que, a partir de “pistas” ou âncoras encontradas na superfície textual, são (re)ativados via inferênciação. (KOCH, 2004, p.3.).

No que concerne ao grau de previsibilidade da informação, quanto mais previsível for um texto, menos informativo o será, pois as informações serão

¹¹ Há na linguística denominações diferentes para os termos informação velha e informação nova, a saber: tema/rema; tópico/comentário; entre outras.

redundantes e tautológicas, o que certamente acarretará menor grau de informatividade.

A manutenção do referente na memória discursiva de curto e longo prazo é regulada pelo deslocamento do foco de consciência, que vai de uma porção informacional a outra, gradativamente, integrando informações velhas com novas, com teor argumentativo (cf. CHAFE, 1994).

No caso dos textos dissertativo-argumentativos produzidos por nossos alunos, nossa análise, como demonstramos adiante, sugere que eles tentam desenvolver o tema sugerido (“O voto deve ou não ser obrigatório?”), apresentando argumentos contrários ou favoráveis, a partir de conhecimento enciclopédico acumulado, mas não conseguem sustentar seus argumentos com aporte de informações novas tão somente, e sim, sobretudo, com informações ou entidades evocadas (velhas, que estão na memória discursiva compartilhada) e inferíveis.

Outro aspecto relevante no que concerne à informatividade é a questão das inferências determinantes para taxa informacional do texto. Conforme discorre Charaudeau (2008, p. 204), “o aspecto argumentativo de um discurso encontra-se frequentemente no que está implícito.” Para o desenvolvimento de um tema, muitas inferências são invocadas, considerando-se que algumas informações já são conhecidas por parte do leitor. Isso se deve ao fato de o texto dissertativo-argumentativo ser um lugar de interação de dois sujeitos: nas palavras de Charaudeau (op.cit., p.205), trata-se da pessoa a que se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a compartilhar da mesma verdade (persuasão), sabendo-se que esta pode aceitar ou refutar a argumentação.

Para finalizar esta seção, vamos tratar da progressão textual, que se desdobra em dois processos: a progressão tópica e a progressão referencial. A última diz respeito à referenciação no que tange à introdução, preservação, continuidade, identificação e retomada de referentes textuais, formando o que se denomina uma cadeia referencial (CR, RONCARATI, 2009; NEVES DA SILVA, 2002, p.1). Dessa forma, a referenciação, no que concerne à progressão referencial, consiste na *construção e reconstrução de objetos de discurso*, i.é. os referentes são construídos ao longo do processamento textual.

Neves da Silva (2002, p.29) advoga que, em razão de as CRs estabelecerem relações semânticas e cognitivas entre os itens lexicais que as constituem, colaboram para sequencializar os estágios de um argumento no fluxo discursivo; a continuidade referencial e o desenvolvimento tópico permitem a organização e a progressão discursiva ao longo do texto. É devido ao equilíbrio entre esses dois processos que o texto pode adquirir coerência, coesão e textualidade.

A progressão referencial se dá a partir do momento em que as CRs estabelecem a construção e reconstrução dos objetos de discurso, conforme explana Koch (2008, p.119). A autora afirma ainda que “Evidencia-se, assim, como as cadeias referenciais presentes nos enunciados em tela garantem não só a progressão e a continuidade referencial, como exercem papel de relevância na orientação argumentativa do texto e, por decorrência, na construção textual do sentido”(KOCH, op.cit., p.121). Essa progressão dos referentes, como abordada *a posteriori*, ocorre por meio de estratégias ou mecanismos de referenciação. Koch e Elias (2006, p.123) afirmam que, quando os referentes são retomados por meio de variados mecanismos referenciais ou servem

para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina *progressão referencial*. Tratando da mesma questão, as autoras, em obra mais recente (KOCH;ELIAS, 2009, p.138), acrescentam que “Às retomadas ou remissões a um mesmo referente dá-se o nome de **progressão referencial**” (grifo das autoras) e apresentam uma série de elementos linguísticos responsáveis por tal progressão: formas nominais, pronominais e dêiticas.

A progressão tópica, por sua vez, diz respeito à topicidade ou continuidade tópica. A esse respeito afirmam Koch e Marcuschi (1998, p.170) que a *topicidade*, vista aqui como *progressão tópica*, diz respeito ao(s) assunto(s) ou tópico(s) discursivo(s) tratado(s) ao longo do texto. Todavia, se, por um lado, a continuidade referencial serve de base para o desenvolvimento de um tópico, por outro lado, a presença de um tópico oferece tão somente as condições possibilitadoras da continuidade referencial, mas não as garante.

Ainda no que concerne à organização tópica, segundo Brown e Yule (1986, p.73), *tópico* pode ser entendido como “o assunto acerca do qual se está falando ou escrevendo”, e está na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato comunicativo.

Nesse sentido, ao dissertar sobre a organização tópica, Roncarati (1993) propõe o seguinte quadro classificatório, que foi por nós adaptado, uma vez que a autora parte da língua oral e nós trabalhamos com a língua escrita:

- Tópico novo: mudança, equivalendo à introdução de tópico.
- Quebra de tópico: quando o tópico foi interrompido, podendo ser retomado.

- Tópico relacionado ou encaixado (subtópico): tópico que possui alguma relação semântica com o tópico original, equivalendo à manutenção de tópico.
- Tópico marginal: sequência inserida, digressão ou comentário: interrupção do tópico por conta de comentários ou digressões relevantes ou não ao contexto.
- Tópico reintroduzido: retorno ao tópico interrompido.
- Tópico único.
- Esgotamento de tópico: denota enquadre final da argumentação.

Sob esta perspectiva, a autora salienta que um tópico discursivo organiza hierarquicamente a proposição estrutural de sequências discursivas, pois o discurso, para ela, vem a ser uma sequência de orações que expressa uma sequência de proposições. Roncarati ainda afirma:

Do ponto de vista de uma interpretação que tenta vincular estratégias cognitivas a estratégias interacionais de produção e compreensão do discurso, [...] articulam-se relações intertópicas em duas direções: a) ou promovendo engates para relações de adjacência, isto é, para abertura ou esgotamento de tópicos ou subtópicos; b) ou sinalizando planos de hierarquia entre tópicos focais ou não-focais (isto é, de relevância marginal). (RONCARATI, 1993, p.22.).

Cumpramos explicitar que, na análise das CRs das redações em LM e em LE, além de confrontarmos as estratégias de referência empregadas em ambas as línguas, vamos estabelecer uma correlação entre progressão referencial e organização tópica, verificando o *status* informacional das entidades do texto, pois esses fatores, dentre outros, também colaboram para a progressão textual.

O tema único (O voto deve ou não ser obrigatório?) proposto para as redações equivale, no dizer de van Dijk (1992), a uma macroestrutura¹². Uma vez que os alunos

¹² Segundo van Dijk (1992, p.51), os referentes podem ser relacionados a uma questão ou tópico central. A macroestrutura é a informação semântica que fornece esta unidade global ao discurso. Muitas vezes,

deveriam se posicionar contra ou a favor, consideramos que os argumentos elencados poderiam funcionar como tópicos encaixados ou relacionados (subtópicos), contribuindo, assim, para a manutenção tópica.

2.3.2 Estratégias de referenciação

Nesta seção, partimos dos princípios de ativação de referentes, tal como postulados por Koch (2002), para melhor definir a introdução ancorada ou não-ancorada dos referentes correlacionando-a com o fenômeno do encapsulamento. A seguir, apresentamos algumas estratégias de referenciação, tais como, pronominalização e expressões nominais definidas e indefinidas.

Conforme Koch (2002, p.83), os princípios de referenciação envolvidos no foco de consciência são:

- ativação/introdução/construção: um referente até então não mencionado é introduzido no fluxo discursivo;
- reativação/retomada/manutenção: um referente já introduzido é novamente ativado na memória de curto termo, por meio de uma forma referencial;
- desativação/desfocalização: outro referente é introduzido, deslocando a atenção do referente anteriormente em foco.

A autora ainda afirma que a introdução de referentes textuais pode ser ancorada ou não-ancorada. Será não ancorada quando um objeto de discurso

essas macroestruturas subjacentes são expressas pelo próprio texto (por exemplo, em anúncios, títulos, sumários, sentenças temáticas) ou pela expressão de sequências de ações realizadas.

totalmente novo é introduzido no texto, geralmente por um sintagma nominal de primeira menção; será ancorada sempre que um novo objeto de discurso é introduzido no texto, com base em algum tipo de associação com elementos já presentes no texto ou no contexto sociocognitivo. Pode-se afirmar, do mesmo modo, que a introdução ancorada de um novo referente ocorre por anáfora indireta ou associativa.¹³

A introdução ancorada de novos objetos de discurso pode ocorrer ainda por meio de nominalizações ou rotulações, i.é., pela introdução de um sintagma nominal resumitivo, encapsulando todas as informações anteriores no texto como numa relação hiperonímica, como no exemplo a seguir, em que o sintagma *Todas essas questões* resume os itens expostos anteriormente encapsulando-os, rotulando-os, como em: “Segurança, educação e saúde. Todas essas questões devem ser resolvidas pelos políticos.”

Como já vimos, a retomada dos referentes é um mecanismo de manutenção do referente no foco de consciência. De acordo com Koch e Elias (2006, p.131-135), tal operação realiza-se por meio de algumas estratégias de referenciação textual. As principais são:

a) Uso de pronomes ou outras formas de valor pronominal (pronominalização)

Essa estratégia é possível porque os interlocutores mantêm o referente na memória discursiva que pode ser recuperado por remissão ao cotexto. Mas há outros casos em que o pronome exige interpretação a partir de processos inferenciais como

¹³ Segundo Koch e Elias (2006), a anáfora indireta ocorre quando não há no cotexto antecedente explícito, mas um elemento de relação decisivo para a interpretação. Já a associativa introduz um novo referente (sintagma nominal) que remete ao outro por meio de relações meronímicas, ou seja, aquelas que desenvolvem uma metonímia. Contudo, a nosso ver, essas relações parecem ser tematicamente associadas e não somente de ordem meronímica.

como ocorre com as anáforas indiretas. Em ambos a construção do objeto de discurso se dá a partir da retomada que o pronome realiza.¹⁴

b) Uso de expressões nominais definidas

Tais expressões constituem sintagmas nominais formados por determinantes (artigo ou pronome adjetivo) que possuem função dêitica, apontadora, acrescidos de substantivos. São importantes para designar os propósitos do locutor, “trata-se, na maioria dos casos, da ativação, dentre os conhecimentos pressupostos como partilhados com o(s) interlocutor(es), ou enfatizar segundo suas intenções [...]” (KOCH; ELIAS, op.cit., p. 132).

c) Uso de expressões nominais indefinidas

Geralmente são sintagmas nominais formados por artigo indefinido e substantivo. Essas expressões possuem função anafórica, seja endófora ou exófora.

Koch (2005, p.35-36) considera que as expressões nominais definidas e indefinidas constituem remissão por meio de formas nominais, que podem receber a categorização de “descrições nominais”, que possuem função de categorização ou recategorização de referentes e envolvem escolhas feitas pelos interlocutores, com base em conhecimentos culturalmente partilhados, que podem contribuir para a construção dos sentidos. O conhecimento enciclopédico pode servir de âncora e de acesso para que o falante adquira informações novas.

No que tange ao estudo de Neves (2007, p.78-80), enquanto as expressões nominais definidas são claramente referenciais, o mesmo não ocorre com as indefinidas, uma vez que o uso do artigo indefinido pode indicar um ser qualquer que

¹⁴ Tal referência pronominal, tradicionalmente, pode ocorrer por anáfora ou por catáfora.

não é construído ou retomado no discurso. Um dos exemplos utilizados pela autora é: “Se você vir **um cara** com o sapato dessa cor, saia correndo”. Contudo, a nosso ver, esse exemplo designa uma entidade que está no modo *irrealis*, hipotético. Braga & Oliveira e Silva (1984, p. 35) afirmam que tais entidades que dão conta dos itens hipotéticos são problemáticas, pois são difíceis de serem entendidas como entidades do discurso.

Koch (2006, p.104-105) defende que “as expressões nominais introduzidas por artigo indefinido não são normalmente adequadas para a retomada de referentes já introduzidos no texto.” Todavia, podem, em certas situações, desempenhar tal função:

- ✓ Quando se seleciona um referente no interior de um conjunto já mencionado: **Um grupo de colegiais** entrou na sala. **Um rapazinho loiro** acenou para mim.
- ✓ Quando se nomeiam partes de um referente previamente mencionado (i) ou, então, conscientemente, não se especifica melhor o referente, para criar um efeito de suspense (ii) : (i)*Preciso consertar o telhado. Uma telha está quebrada.*(ii) *Assalto ao banco:os meliantes atiram no motorista de um carro forte. [...] No dia seguinte, um cadáver é retirado de um riacho próximo.*
- ✓ Quando a expressão anafórica focaliza mais fortemente a informação que veicula do que o prosseguimento da cadeia coesiva: “A velha senhora desaba sobre a cadeira da cozinha. E quando sua amiga chega, não encontra a avozinha, mas **um montinho de infelicidade, uma coisinha danificada e confusa**”.

Uma outra estratégia de referência e de relevante menção são os “encapsulamentos” (cf. KOCH, op. cit.) que consistem de processos de recategorização de elementos precedentes ou subseqüentes do cotexto, resumindo-os. Acredita-se que esse tipo de estratégia referencial não nomeia um referente específico, mas referentes abstratos, genéricos ou inespecíficos. Além do mais,

[...]essas expressões nominais, que são, em grande parte, introduzidas por um demonstrativo, desempenham duas funções textuais importantes: não só rotulam uma parte do contexto que as precede [...], mas, ao fazê-lo, criam um novo referente textual que, por sua vez, passará a constituir um tema específico para os enunciados subseqüentes. Como formas de remissão a algo apresentado no texto ou sugerido no cotexto, elas possibilitam sua ativação na memória do interlocutor, ou seja, a *alocação* na memória operacional deste; por outro lado, uma vez que operam uma refocalização da informação cotextual, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa [...] isto é, veiculadoras tanto de informação dada ou inferível quanto de informação nova. (KOCH, 2005, p. 38-39.).

Cumprido destacar a função dos encapsulamentos como rótulos avaliativos do referente, orientando o interlocutor para certas direções argumentativas preferenciais. As estratégias ora apresentadas serão testadas nos textos do *corpus*, a partir dos quadros de relações anafóricas (ver 3.3.2.1).

Os referentes podem ser retomados no cotexto retrospectiva ou prospectivamente. Halliday e Hasan (1976, p.14) chamam esses processos de retomada de anáfora e catáfora, respectivamente. Charaudeau e Maingueneau (2006, p.94-95) designam a catáfora como uma relação simétrica da anáfora: “a diferença reside no fato de que a expressão cuja interpretação é dependente dela [da catáfora] se situa antes daquela que a rege”.

A anáfora, ainda segundo Charaudeau e Maingueneau (op.cit., p.36-38), está diretamente implicada na formação de “cadeias de referência”, na coesão textual e na progressão temática. Os autores postulam que o estudo das relações anafóricas constitui um dos principais objetivos da gramática do texto (aqui entendida como aquela que tenta produzir um conjunto infinito de estruturas textuais bem formadas de uma dada língua).

A retomada de um dado referente por retrospectção – a anáfora – pode ocorrer no cotexto por vias direta e indireta. A anáfora direta designa expressões que, no cotexto, se reportam a outras contribuindo para a progressão textual.

Todavia, enquanto a anáfora direta consiste em uma estratégia endofórica de *retomada ou reativação* de um referente outrora introduzido no texto, segundo Marcuschi (2005, p.53), a anáfora indireta (ou associativa) é uma estratégia endofórica de *ativação* de referentes novos, constituindo um processo de referenciação implícita. Corresponde a uma anáfora, pelo fato de se ancorar cognitivamente em uma expressão nominal antecedente, a partir de um processo inferencial. Segundo Shwarz:

No caso da *Anáfora Indireta* trata-se de expressões definidas que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que têm duas funções referenciais textuais: introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global. (SHWARZ, 2000, p.49).

Segundo Koch (2002, p.108), as anáforas indiretas desempenham um papel importante na construção da coerência e têm recebido na literatura diversas denominações, a saber: inferenciais, mediatas, profundas, semânticas, associativas. A nosso ver, as denominações *indireta* e *associativa* são as mais correntes.

A autora acrescenta ainda que as anáforas indiretas ou associativas são configurações discursivas em que se tem um anafórico sem antecedente literal explícito, cuja ocorrência pode ser (re)construída por inferência a partir do contexto precedente.

Neves da Silva (2007, p.55-56) subdivide as anáforas indiretas nos tipos:

- (i) semântico – inscritas em SN definidos por relações léxico-semânticas tais como: sinonímia, paráfrase, meronímia, hiponímia, hiperonímia campos léxicos¹⁵;
- (ii) conceitual – baseadas em conhecimento de mundo, são ancoradas em estruturas cognitivas que permitem ativar referentes que nos levam a evocar diversos referentes correlacionados;
- (iii) inferencial – baseadas em inferências fundadas no texto, lançam mão de conhecimentos textuais e operam por nominalizações ou pronominalizações;

Além disso, a autora salienta que esses processos são muitas vezes inter-relacionados e podem ser limitados ou mesmo bloqueados, se não houver acesso a estruturas cognitivas supostamente compartilhadas pelos participantes.

Por outro lado, enquanto a noção de anáfora, seja direta ou indireta, aponta para o contexto, i.é., trata-se de uma relação endofórica, a noção de *dêixis textual*

¹⁵ Sinonímia: É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar no lugar da outra em determinado contexto; Meronímia (metonímia): translação de significação pela proximidade de idéias; Paráfrase: desenvolvimento de um texto sem alteração das idéias originais, mas com palavras diferentes; Hiperonímia: é uma palavra que dá idéia de um todo do qual se originam várias partes ou ramificações; Hiponímia: é exatamente é a palavra que indica parte ou cada item de um todo; Campos léxicos: tem a ver com a questão dos paradigmas e dos campos semânticos. (cf. BECHARA, 2000)

relaciona expressões linguísticas a fenômenos situacionais do contexto, sendo exofórica por definição (cf. Marcuschi, 2005, p.88).

Lyons advoga que entende-se por dêixis:

a localização e a identificação de pessoas, objetos, processos, eventos e atividades mencionadas, ou referidas, em relação ao contexto espaciotemporal, criado e mantido pelo ato de enunciação e participação em tal contexto, tipicamente, de um único falante e, pelo menos, um interlocutor. (LYONS, 1979, p.637.).

Assim, entendemos a noção de dêixis como o processo de apontar para algo, no tempo ou no espaço, fora do texto, ou seja, no contexto ou na própria cena enunciativa.

2.3.2.1. Quadro dos mecanismos de referenciação

Os quadros a seguir são fruto dos estudos sobre referenciação desenvolvidos, principalmente, por Koch e Marcuschi (1998) e Marcuschi (2000, p.6-7) e tratam das diversas possibilidades de relações anafóricas.

Neves da Silva (2002), orientada por Roncarati, aplicou o quadro de Marcuschi (2000, ver anexo), propondo a inclusão de uma nova estratégia referencial: a elipse. Já em sua tese de doutoramento (NEVES DA SILVA, 2007) propôs outras alterações, distinguindo entre designações de primeira menção e designações por processos de retomada. Em sua tese, Neves da Silva priorizou o estudo dos referentes evolutivos com base em diferentes *corpora* da escrita e da fala. Assim, foram criadas novas categorias para mecanismos de 1ª menção do objeto de discurso e foram reformulados os mecanismos de progressão. Uma das principais colaborações desse novo quadro reside na afirmação da autora de que os mecanismos que dizem respeito a estratégias de primeira menção nem sempre têm caráter referencial, podendo

caracterizar uma situação de menção prévia por associação semântica ou sintática, sem introdução do referente explícito. Ademais, os mecanismos de progressão nem sempre são referenciais, podendo constituir-se por expressões que fazem aporte de atributos, desempenhando relevante papel na evolução do referente.

Nossa proposta é refinar o quadro de Neves da Silva (2007, ver anexo), a fim de adaptá-lo ao texto dissertativo-argumentativo, de acordo com a proposta original do nosso trabalho.

Entretanto, é preciso estabelecer algumas diretrizes metateóricas como, por exemplo, a opção pelo termo *1ª menção* em detrimento de *referente novo* ou *introdução de referente*. Opta-se pelo primeiro, pelo fato de que, quando um referente é mencionado pela primeira vez no discurso, pressupõe-se que seu *status* informacional é velho, dado por já estar disponível em nossa memória discursiva, sendo, assim, passível de ser ativado. De um a certa forma, como já vimos na classificação de Prince (1992), seu *status* informacional poderia ser velho, mas novo no discurso. Logo, a nosso ver, trata-se de sua 1ª menção no cotexto, por associação (como no caso das anáforas indiretas) ou não.

Consideramos, então, os referentes de 1ª menção, de menção única (sem remissão nem retomada), e aqueles referentes com remissão e com retomada retrospectiva (anáfora) e prospectiva (catáfora). Há que se considerar que a elaboração de quadros de mecanismos referenciais é complexa, uma vez que eles têm de dar conta de todos os mecanismos de referenciação. Além disso, eles podem sofrer alterações, a depender do gênero textual e da modalidade da língua (oral ou escrito). Portanto, para elaborarmos o nosso quadro, levamos em consideração os modelos anteriormente postulados por esses autores.

Adotamos os seguintes critérios para a elaboração do quadro que adotamos:

- (i) distinção entre referentes de 1ª menção e de retomada;
- (ii) inclusão de processos de designação explícita e implícita;
- (iii) diferenciação entre anáfora direta e indireta (associativa);
- (iv) acréscimo de expressões referenciais atributivas.

Eis o quadro por nós adaptado e adotado:

Quadro das estratégias referenciais
{1} Referente de 1ª menção, por expressão nominal definida ou indefinida para identificação inicial do objeto de discurso ao modo de referente já disponível na memória discursiva, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado; logo, sem antecedente textual: sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao cotexto; é frequente sua ocorrência em títulos, manchetes etc.
{2} 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo ou de denominação genérica; sem remissão nem retomada no cotexto, podendo ocorrer no título ou no corpo do texto.
{3} 1ª menção realizada por pronome ou dêixis espaciotemporal/textual.
{4} 1ª menção, com remissão retrospectiva implícita, com ou sem reorientação referencial (associação semântica ou cognitiva de origem diversa, como: meronímia, hiponímia, metáfora, metonímia); por variados tipos de anáforas indiretas, com ou sem aporte de atributo.
{5} Nominalização do referente por derivação lexical com remissão a antecedente implícito/explicito.
{6} Retomada explícita por mecanismos lexicais: repetição de item, denominação genérica e paráfrase com estabilidade/continuidade referencial; tanto por prospecção (catáfora) como por retrospectão (anáfora).
{7} Retomada explícita/implícita de antecedente por pronominalização ou dêixis espaciotemporal/textual.
{8} Pluralidade indeterminada, sem antecedente explícito no cotexto, com introdução de elementos novos, sem linearidade continuativa.
{9} Retomada implícita por elipse do referente com estabilidade/continuidade referencial. Trata-se de anáfora zero.
{10} Retomada implícita por sinonímia, paráfrase, metonímia, meronímia com estabilidade/continuidade referencial; recobre também casos de <u>anáfora associativa</u> e encapsulamento .
{11} Remissão com aporte de atributo por remissão anafórica ao referente (objeto de discurso). com função presumível de evolução referencial.

Quadro 4 – Quadro das estratégias referenciais.

Salienta-se que, na análise, ao identificar e categorizar as estratégias referenciais segundo o quadro adotado, observam-se, simultaneamente, as dificuldades dos alunos tanto em relação à progressão textual e tópica, quanto em relação aos problemas de ordem sintática e semântica decorrentes das dificuldades em identificar e manter os referentes na memória discursiva.

2.3.2.2. Noção de cadeia referencial

A noção de CR adotada nesse trabalho segue o recorte de Roncarati (2009). A CR é um dos sistemas discursivo-coesivos de rastreamento/mapeamento do referente de que dispomos para distinguir entre a referência associada a um mesmo ou a um referente diferente (expressões referenciais definidas ou indefinidas, tidas como invariantes referenciais) e a referência atributiva, que monitora, para um dado referente, seu *status* predicativo através do qual o referente apresenta variantes reformulantes ou variáveis, em função de predicções de atributos a ele aduzidas, homologadas (ratificadas ou incorporadas) ou não pelas designações anteriores. A CR se desenvolve no percurso do texto, a partir da progressão referencial. Ancora-se em bases endofóricas, exofóricas e dêiticas e constitui um dos recursos mais eficazes na produção de sentido e na argumentatividade.

Por conseguinte, a atividade de construir, identificar e interpretar CRs consiste em estratégias de processamento e organização textual e fazem parte de uma complexa estrutura de domínios cognitivos, organizados em sistemas de conhecimento linguístico, enciclopédico e interacional. Corresponde a ações

linguísticas orientadas, dependentes de características textuais, do usuário da língua e de conhecimentos socioculturalmente orientados.

Para Neves da Silva:

[...] a referência é a base da significação, a fonte contextual da produção de sentidos que viabiliza a construção do referente como objeto de discurso. A referência é uma entidade de existência discursiva, criada pelos sujeitos, à medida em que eles identificam e designam indivíduos, fatos, ações, estados de coisas, sejam eles concretos ou abstratos, seres reais ou virtuais. A referência é, pois, aquilo que o referente designa. É um tipo de materialidade ou representante virtual do referente. No entanto, sua existência no texto não a constitui como entidade independente, autônoma, com existência garantida fora do mundo discursivo. (NEVES DA SILVA, 2002, p.18.).

Por realizar-se progressivamente no fluxo informacional, a significação da referência não constitui um processo acabado e nem se baseia em esquemas conceituais previamente estabelecidos. Por isso, o referente pode ser lexicalmente recategorizado, e alcançar modificações em sua predicação atributiva devido ao contrato cooperativo que existe na comunicação e às intencionalidades argumentativas do produtor do texto (cf. RONCARATI; NEVES DA SILVA, 2006, p. 322).

Além disso, é importante enfatizar que a postulação de CRs não constitui uma mera atividade de rastrear a sequência de referentes no co(n)texto, apresentando um tipo de cadeia coesiva. A constituição de CRs se baseia numa complexa relação entre conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e cognitivos, tal como se pressupõe numa teoria da referenciação sociointerativamente concebida.

O capítulo a seguir destina-se a contextualizar a noção de argumentação, uma vez que nossos *corpora* priorizam o texto dissertativo-argumentativo escolar. Por isso,

optamos por incluir esta seção antes da especificação das condições de produção dos *corpora*.

2.4 Referenciação em textos argumentativos: o modo de organização da dissertação escolar

A inclusão desta subseção é motivada em função de nossos *corpora*, com base nos quais aplicaremos o construto das CRs, serem constituídos de textos argumentativos. Inicialmente, definimos a argumentação e, a seguir, tratamos do modo de organização do texto argumentativo escolar.

Do ponto de vista da organização clássica das disciplinas, a argumentação (em seu sentido lato) vincula-se à lógica, à retórica e à dialética, a partir de como foi pensada desde Aristóteles até o fim do século XIX (cf. PLANTIN, 2008).

Dessa forma, argumentar tem a ver com a utilização estratégica de um sistema signficante, além de configurar-se como essência persuasiva da linguagem, a arte do convencimento, seja oralmente ou por escrito. Ainda trilhando Plantin (op.cit., p. 12), a argumentação corresponde, no plano discursivo, ao raciocínio no plano cognitivo, uma vez que aquela opera verbalmente essa última.

Sob o paradigma histórico, a argumentação alcançou uma virada significativa no final do século XIX. O estudo das práticas discursivas foi repensado no quadro da análise do discurso, da comunicação institucional e das interações verbais. Além disso, a argumentação mostra-se diretamente ligada a campos do conhecimento bem específicos, tais como a política, o direito e a teologia, pois essas áreas investem

sobremaneira na argumentação a partir do momento que objetivam convencer terceiros.

Em relação ao texto dissertativo-argumentativo escolar, que tem como intenção básica convencer¹⁶ o interlocutor a respeito de determinado tema sob certo ponto de vista, Charaudeau (2008) o considera um *modo de organização argumentativo*, mais complexo do que o narrativo, uma vez que está em contato apenas com um saber que tenta levar em conta a experiência humana, enquanto o narrativo confronta-se com uma forma de realidade, visível e tangível.

Esse linguista francês afirma ainda que a tradição escolar nunca esteve muito à vontade com tal modalidade textual, em contraste com os modos narrativo e o descritivo. Isso acontece porque a escola, tradicionalmente, demonstra-se extremamente preocupada com questões metalinguísticas e a argumentação privilegia o âmbito da organização do discurso.

Nesse ponto, consideramos pertinente discorrer sobre alguns dos problemas decorrentes da ênfase que a escola confere à metalinguagem em detrimento do exercício da competência comunicativa, da qual a aquisição do modo de organização argumentativo faz parte. Assim, lembramo-nos de Coseriu (2004,p.91-100), que analisa a linguagem por meio de três dimensões: universal, histórica e individual. Isso se justifica pelo fato de a linguagem ser uma atividade humana universal que se realiza individualmente por técnicas historicamente marcadas – as línguas. A um tipo de

¹⁶ Perelman; Olbrechts-Tyteca (2005, p.30) afirmam haver diferença entre os termos “convencer” e “persuadir”. Segundo esses autores, para quem se preocupa com o resultado da ação, persuadir é mais que convencer, i.é. o convencimento eleva à persuasão quando há mudança de atitude do interlocutor.

plano, de conteúdo e de juízo correspondem cada um dos três saberes, conforme quadro a seguir:

PLANO	UNIVERSAL	HISTÓRICO	INDIVIDUAL
SABER	ELOCUCIONAL	IDIOMÁTICO	EXPRESSIVO
CONTEÚDO	DESIGNADO	SIGNIFICADO	SENTIDO
JUÍZO	CONGRUENTE/INCONGRUENTE	CORRETO/INCORRETO	ADEQUADO/INADEQUADO

Quadro 5 – A tripartição da linguagem com base em Coseriu (2004, p.93)

Todo falante possui um saber das “coisas em geral”, que corresponde ao saber elocucional. Coseriu (op.cit.) também se refere a esse saber como o “saber falar”. O autor parece apontar para a habilidade físico-cognitiva do falante. A linguagem é considerada como atividade, e o saber elocucional, visto como o falar em geral, mas não historicamente determinado. O saber idiomático, por sua vez, diz respeito ao conhecimento das regras de determinada língua pelo falante, é o “saber falar em uma língua”. Pelo fato de a língua ser um objeto histórico, considera-se que o saber idiomático integra o plano histórico. Por último, o saber expressivo concerne ao estilo e à situação de fala, por isso ao plano individual. Cada situação em que se encontra o falante possui suas necessidades no plano linguístico – adequado ou inadequado.

Ainda segundo Bittencourt:

[...] na atividade concreta de fala, esses conteúdos bem como os saberes que permitem sua manifestação ocorrem sempre juntos, cabendo ao estudioso identificá-los e examiná-los, a fim justamente de que possa perceber suas peculiaridades e, desta forma, intervir com segurança no que de fato constitui as dificuldades dos alunos. (BITTENCOURT, 2002, p.2.).

Por isso, torna-se mister reconhecer em quais saberes residem as inadequações dos alunos para que haja coerente intervenção por parte do docente. Enquanto falante, o aluno é capaz de produzir discursos sobre fatos da realidade numa determinada língua em diversas situações. Logo, os três saberes em questão são

ativados/manifestados. Se o saber elocucional de um falante é pouco estimulado, por exemplo, a produção de textos lhe será limitada, pois, potencialmente, ele só poderá interagir com seu interlocutor se ambos partilharem desse saber. Do contrário, é improdutivo alimentar *somente* o saber idiomático de nossos alunos, principalmente no que tange ao texto dissertativo-argumentativo. Os três saberes devem ser trabalhados em conjunto, a fim de que o estudante torne-se competente na interpretação e na produção de textos. O ensino de gramática, pura e simplesmente, como é feito na grande maioria de nossas escolas, parece desprovido de fundamentos se não o for em conjunto com o aumento do conhecimento de mundo dos alunos (saber elocucional) e com a adequação de seus textos às situações em que são produzidos (saber expressivo).

Para que o aluno esteja apto a romper a barreira dos atos comunicativos rotineiros e simples, faz-se necessário levá-los a ampliar principalmente seu saber linguístico. Só após ter o conhecimento de mundo razoável para ultrapassar essa barreira, o estudante estará habilitado à metalinguagem. Acredita-se que o ensino de metalinguagem para aquele que não possui o conhecimento das coisas em geral (saber elocucional) é, além de enfadonho, inútil. Daí o insucesso de alunos e professores na disciplina de Língua Portuguesa.

Não se deve perder de vista, todavia, que o saber metalinguístico não pode, como tem sido feito na maior parte das nossas escolas – e nós mesmos podemos dar o nosso testemunho de alunos que fomos – ser utilizado como se tivesse um fim em si mesmo, desvinculado inteiramente do saber linguístico para o qual deve orientar-se. Tal distanciamento costuma ocasionar uma verdadeira distorção no ensino do idioma pátrio, gerando toda sorte de confusões, além de determinar a manutenção de um ensino equivocado e estéril. (BITTENCOURT, 2002, p.5.).

Destarte, o problema do ensino não reside nos métodos ou abordagens, mas no “quê” ensinar e com que finalidade. Em outras palavras, deve-se preocupar-se com o objeto e o objetivo, tornando-se os métodos secundários.¹⁷

Logo, pode-se concluir que, para o aluno estar apto a produzir um texto de caráter dissertativo-argumentativo, precisa ter seu conhecimento de mundo – saber elocucional - alimentado, pois de nada valerá o ensino gramatical se não houver conteúdo enciclopédico atualizado no texto.

Isso posto, podemos agora retomar Charaudeau (2008, p.205), para melhor apreciar os pressupostos necessários para que haja argumentação:

- (i) uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento em alguém;
- (ii) um sujeito que se engaje em relação a esse questionamento e desenvolva um raciocínio;
- (iii) outro sujeito que, relacionado com a mesma proposta, questionamento e verdade, constitua-se no alvo da argumentação.

Desse modo, a argumentação define-se numa relação tríade entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-chave. É uma atividade discursiva que, do ponto de vista do locutor, busca a racionalidade, uma vez que tende a um ideal de verdade, e busca também influência que tende a um ideal de persuasão, já que objetiva alcançar o outro, compartilhar com o outro, provocar.

¹⁷ Cf. artigo de Eugênio Coseriu, *Sobre o ensino do idioma Nacional. Problemas, propostas e perspectivas*, publicado originalmente em *Philologica II*, 1989, Salamanca, e traduzido pelo Prof. Evanildo Bechara para *Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português*. Rio de Janeiro, n.23, 1º semestre de 2002.

Todavia, deve-se tomar cuidado com posições extremistas que tratam a argumentação como uma simples ferramenta para a adesão de determinado ponto de vista. Um texto dissertativo pode simplesmente prover pontos de vista que se complementam, mas não se refutam. Charaudeau (op. cit., p.204) propõe que a refutação procede de um movimento argumentativo que consiste em demonstrar que uma tese é falsa, e nem sempre isso ocorre. A refutação não é condição para a argumentação, somente uma das estratégias discursivas para que essa última ocorra. Além do mais, o modo argumentativo é *ora* demonstrativo, *ora* persuasivo. De acordo com Fiorin:

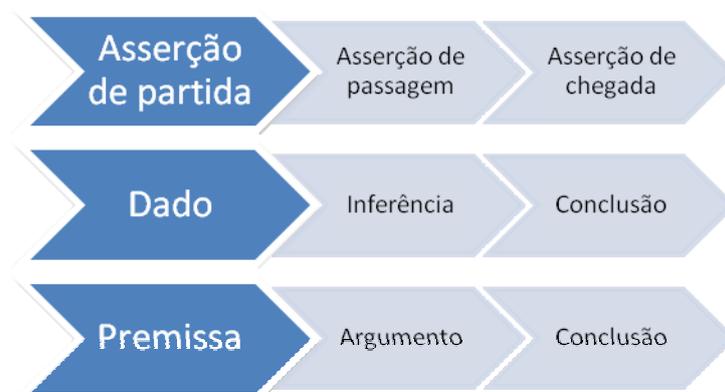
A argumentação engloba a demonstração, mas não se restringe a ela, pois trabalha não só com o que é necessariamente verdadeiro, o que é logicamente demonstrável, mas também com aquilo que é plausível, possível, provável. Argumentar, em sentido lato, é fornecer razões em favor de determinada tese. Enquanto a demonstração lógica implica que, se duas idéias forem contraditórias, uma tração lógica implica que, se duas idéias forem contraditórias, uma será verdadeira e a outra falsa, a argumentação em sentido lato mostra que uma idéia pode ser mais válida que outra. Isso significa que a adesão não se faz somente a teses verdadeiras, mas também a teses que parecem oportunas, socialmente justas, úteis, equilibradas, etc. Assim, a argumentação opera não só com o necessário, mas também com o preferível, isto é, com juízos de valor, em que alguma coisa é considerada superior a outra, melhor do que outra, etc. [...] Estamos, pois, tomando argumentação num sentido bastante amplo. São argumentos tanto as provas demonstrativas, ou seja, aquelas que mostram a verdade de uma conclusão ou, pelo menos, sua relação necessária com as premissas, aquelas cuja validade independe de opinião pessoal, quanto as persuasivas, isto é, aquelas que buscam a adesão de indivíduos para uma determinada tese, apelando para o preferível. A adesão pode ter intensidade variável e depender de diferentes razões: a tese pode ser considerada verdadeira, oportuna, socialmente justa, útil, equilibrada, etc. Enquanto nas provas demonstrativas a verdade de uma tese implica a falsidade da outra, as provas persuasivas mostram que uma tese é melhor que a outra. Essa concepção de argumentação está de acordo com a etimologia da palavra *argumento*, que vem do latim *argumentum*, vocábulo formado com o tema *argu-*, que está também presente nos termos *arguto*, *argúcia*, *argênteo*, *argentum* e significa “fazer brilhar”, “fazer cintilar”. Argumento é, pois, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma idéia. Argumento é todo procedimento linguístico utilizado pelo enunciador com vistas a fazer seu interlocutor aceitar o que está sendo dito, a persuadi-lo, a levá-lo a crer, a conduzi-lo a fazer o que foi proposto. (FIORIN, 1998, p.127-130.)

Charaudeau (2008) ainda enfatiza o modo pelo qual se organiza a lógica argumentativa, aspecto este relevante para nosso trabalho analítico. Segundo o autor, toda relação argumentativa se compõe de pelo menos três elementos: uma asserção de partida (dado, premissa), uma asserção de chegada (conclusão, resultado), e uma ou várias asserções de passagem que permite passar de uma a outra, comumente chamadas de provas ou argumentos. Amiúde, tal relação imbrica-se com o que invariavelmente se ensina no dia-a-dia das salas de aula: um texto dissertativo deve possuir introdução (asserção de partida), desenvolvimento (asserção de passagem) e conclusão (asserção de chegada), assim especificadas:

- (i) Asserção de partida (A1) – Trata-se de um dado, ou premissa a partir da qual podem ser feitas justificativas ou questionamentos. Geralmente, carece de uma ou mais conclusões no transcorrer do texto.
- (ii) Asserção de chegada (A2) – Representa o que deve ser aceito em decorrência da asserção de partida passando pela asserção de passagem. É, segundo Charaudeau, sempre uma relação de causalidade em relação a A1 ou pode representar também sua consequência. Representa a legitimidade da proposta.
- (iii) Asserção de passagem – Deve justificar a relação entre A1 e A2. Ainda conforme o linguista francês, representa um universo de crença sobre a maneira como os fatos se determinam na experiência ou no conhecimento do mundo. Por isso, esse universo de crença deve ser compartilhado pelos interlocutores implicados pela argumentação, a fim de que seja estabelecida a prova da validade da relação que une A1 e A2, o argumento que, do ponto de vista do sujeito argumentante,

deveria incitar o interlocutor ou o destinatário a aceitar a proposta como verdadeira. Tal asserção (ou sequência de asserções), frequentemente repleta de implícitos, pode ser chamada de prova, inferência ou argumento conforme o contexto de questionamento em que se inscreve.

Em resumo:



Quadro 6 – A lógica da estrutura argumentativa – Adaptação de Charaudeau (2008)

3. INSTRUMENTAL METODOLÓGICO

A presente pesquisa adota os paradigmas qualitativo e quantitativo, uma vez que propõe uma análise quantitativa em relação ao levantamento das estratégias referenciais, dos tópicos e do *status* informacional de redações dissertativo-argumentativas, como se pode observar adiante, e uma análise qualitativa a fim de mensurar alguns aspectos sintático-semânticos que podem tornar o texto incoerente.

3.1 Constituição dos *corpora*

Nossos *corpora* são compostos de 10(dez) redações¹⁸ de alunos, com faixa etária variando entre dezesseis e dezoito anos, do Centro Educacional Mendes Duarte, escola particular, de classe média, situada no município de São Gonçalo-RJ.

Para dar conta da questão (1) de nossas hipóteses de trabalho (Quais são as estratégias de referenciação mais frequentes na constituição de CRs nas redações de Português (LM) e Inglês (LE)?), consideramos viável¹⁹ analisar as redações em Inglês (LE) escritas por alunos brasileiros que também produziram os textos em Português (LM) sobre o mesmo tema: O voto deve ou não ser obrigatório? ²⁰Assim, nossos *corpora* são compostos por 5(cinco) redações em Português e 5 (cinco) em Inglês.

Foram selecionados para a pesquisa aqueles alunos com nível avançado de Inglês, considerando que produziram textos dissertativo-argumentativos também na

¹⁸ Não houve um texto motivador para a produção das redações, uma vez que os alunos produziram os textos durante o período das eleições municipais e o assunto era tratado tanto em aulas de LM como em aulas de LE.

¹⁹ Adotamos esse procedimento, que nos foi sugerido pela Banca de Qualificação.

²⁰ Cumpre salientar que o gênero redação escolar possui um propósito avaliativo cujo leitor é o professor ou avaliador, e esses que devem ser persuadidos.

língua estrangeira. Pela complexidade de tal gênero textual, acreditamos que alunos com menor nível de fluência não estariam aptos a desenvolver tais textos, fato este que tornaria inviável nossa análise. Para tal fim, aplicamos um questionário logo adiante especificado.

O critério para seleção dos alunos foi o seguinte:

- cinco alunos do terceiro ano do ensino médio do Centro Educacional Mendes Duarte, turno da manhã, que estão cursando ou cursaram Inglês como LE, podendo ainda terem vivência no exterior;

Os alunos foram previamente informados, cerca de uma semana antes, a respeito da tarefa e concordaram em participar. Os sujeitos pertencem a uma turma onde lecionamos e foram escolhidos a partir da fluência de Inglês. O critério prévio de seleção era, como já enfatizamos, a exigência de nível avançado de Inglês, por isso, antes da aplicação do questionário, sondamos alguns alunos. Aqueles que se enquadravam nessa condição prontamente aceitaram participar. Conversamos individualmente com cada um explicando-lhes o motivo da pesquisa e, assim também, a ordem da produção escrita: primeiro o texto em língua portuguesa e, depois, aquele em língua inglesa. Essa tarefa foi seguida da aplicação de um Questionário específico (ver anexo) preenchido em casa pelos alunos e entregue posteriormente.

Os alunos receberam uma folha de redação, já formatada e com vinte linhas, limite proposto. Ato contínuo, apresentamos o tema escolhido e delimitamos o gênero: o dissertativo-argumentativo, em processo de aprendizagem desde o primeiro bimestre do ano de 2008, em aulas específicas de produção de texto. A redação em Inglês foi produzida uma semana após aquela em Português. Os textos não foram

produzidos em sala de aula, em razão do quantitativo de alunos que excedia 50 (cerca de 55), o que poderia atrapalhar o bom andamento do processo de escritura, além do fato de a turma ser heterogênea com discentes de diferentes níveis de fluência. O fato de os alunos terem produzidos os textos fora do ambiente escolar pressupõe, entre outras questões, que o texto seria submetido a revisões. Dessa forma, não pudemos controlar o tempo despendido à tarefa e nem ter acesso às prováveis versões anteriores. A maioria dos alunos, ao ficarem cientes da tarefa, manifestaram certa preocupação em produzir um texto para a UFF. Diante disso, explicamos-lhes que o foco da pesquisa não seria a qualidade (clareza, ou possíveis defeitos argumentativos) ou a correção normativa. Os alunos desenvolveram a tarefa proposta de forma cooperativa.

Uma outra alternativa para a coleta dessas produções escritas seria constituir uma turma de controle, em que solicitaríamos que os alunos nos apresentassem também rascunhos junto com a versão final. Todavia, a dificuldade de adotar essa alternativa é de ordem quantitativa: nas turmas onde lecionamos, não conseguiríamos encontrar um número suficiente de alunos em nível avançado de Inglês.

Ao entregarem os textos, os alunos não produziram nenhum comentário digno de nota. Ao devolverem as redações em Inglês os alunos receberam imediatamente um questionário²¹ para ser preenchido em casa, no prazo também de uma semana. Cumpre ressaltar que a data (outubro de 2008) de aplicação das redações foi influenciada pelo calendário escolar, já que o fim do ano se aproximava e os alunos logo depois entrariam em férias.

²¹ Sobre o questionário aplicado trataremos na seção 4.6 deste trabalho.

3.2 Critérios de elaboração do Questionário

A fim de obter maiores informações a respeito dos processos de aprendizagem dos participantes da pesquisa, tanto em língua materna como em língua estrangeira, que pudessem fornecer subsídios para a nossa terceira hipótese de trabalho (Há diferenças de estratégias de referência na constituição de CRs em textos de língua portuguesa e língua inglesa? Essas distinções se devem a características tipológicas de ambas as línguas?), aplicamos um Questionário, aperfeiçoado por meio de pré-teste.

O questionário foi elaborado a partir de determinados critérios referentes a ambas as línguas:²².

- (I) Idade - pressupõe-se haver uma correspondência entre a faixa etária e a série em curso, uma vez que se espera que os alunos, por estudarem em escola particular de classe média, estejam em nível avançado de aprendizagem de Inglês, pois geralmente os alunos dessa faixa ou já concluíram ou estão por concluir seus cursos de idioma. Salienta-se que, apesar de a escola não promover testes de nivelamento no que diz respeito à língua estrangeira, os alunos são agrupados por faixa etária, correlacionada à série ou nível em que estudam, pois como já mencionado, o nível de fluência é fator determinante para a produção de textos dissertativo-argumentativos.

²² Há que se salientar que nem todos os itens postulados demonstraram ser pertinentes em confronto com a análise dos textos.

- (II) Há quanto tempo estuda Inglês – quanto maior o tempo de permanência no curso de Inglês, maior deveria ser a fluência e a facilidade em produzir textos escritos dissertativo-argumentativos.
- (III) Já morou no exterior ou viajou para fora do país – o contato *in loco* com a língua tende a tornar mais eficaz o uso da língua estrangeira.
- (IV) Qual o seu contato com o Inglês – o tipo de contato e a frequência podem influir no domínio das habilidades linguísticas.
- (V) O hábito de ler influencia a produção escrita – quanto mais amplo o conhecimento de mundo (adquirido, via de regra, pela leitura), melhores condições o aluno teria para discorrer sobre determinado assunto.
- (VI) Alguém da família fala inglês – em geral os alunos possuem escassos contatos com a língua fora do curso de idiomas, o que pode influir na fluência do idioma.
- (VII) Qual a importância da língua inglesa no mundo de hoje – verificar que *status* o aluno confere à língua inglesa no mundo hodierno (língua de globalização).
- (VIII) Como avalia o nível de fluência em Inglês – auto-avaliação que pode influir na motivação do aluno, e, conseqüentemente, no seu desempenho.
- (IX) Em que aspectos da aprendizagem da língua inglesa encontra mais dificuldade – mensurar o grau de dificuldade relativamente às habilidades linguísticas.
- (X) Qual a importância que o curso onde estuda/estudou Inglês confere à produção escrita – nos cursos que priorizam a habilidade oral (compreensão oral e fala), a tendência é que os alunos não tenham tanta

habilidade na escrita. Além disso, parece haver desequilíbrio no tempo despendido ao ensino da metalinguagem gramatical em contraposição àquele despendido à produção textual.

- (XI) Avalie das dificuldades na produção escrita em Inglês em ordem numérica (de 1 a 5 começando pela menor dificuldade) – perceber quais são os possíveis percalços no processo de produção escrita dos alunos nas respectivas línguas.
- (XII) Conhecimento prévio sobre o tema – o conhecimento enciclopédico-cultural é essencial para o desenvolvimento de dado tema; a possibilidade de atribuição de significado aos objetos de discurso depende, em grande parte, desse conhecimento.
- (XIII) Seleção vocabular – o conhecimento enciclopédico-cultural e o contato frequente com a leitura influenciam na seleção vocabular; o desconhecimento do significado de determinado item lexical pode dificultar a compreensão da leitura; a substituição por sinônimos, pronomes, paráfrases etc, torna-se difícil pela carência vocabular, ocasionando a repetição de itens lexicais.
- (XIV) Construção sintática – o desconhecimento da classe e da função sintática dos termos pode dificultar o estabelecimento de elos coesivos.
- (XV) Estabelecimento de ligação (coesão) entre as partes do texto – a prática em estabelecer as CRs pode facilitar o estabelecimento de ligação entre as partes do texto.

- (XVI) Desenvolvimento dos assuntos tratados no texto - a prática em estabelecer as CRs pode facilitar o estabelecimento de ligação entre os tópicos do texto, colaborando para a progressão textual/tópica;
- (XVII) Retomada dos assuntos tratados no texto - a prática em estabelecer as CRs pode facilitar a retomada e a manutenção na memória discursiva dos tópicos tratados no texto;
- (XVIII) O que costuma ler e com que frequência – verificar a frequência e o objeto de leitura dos participantes, pois se acredita que a leitura influencia diretamente a produção escrita dos participantes, principalmente do que diz respeito ao texto argumentativo que exige conhecimento enciclopédico amplo.
- (XIX) O hábito de leitura influencia a produção escrita – verificar se os alunos possuem consciência de que o hábito de leitura ajuda a ampliar o conhecimento, tanto idiomático como enciclopédico, com fins de aprimoramento da produção escrita.
- (XX) Auto-avaliação das dificuldades na produção escrita em língua materna, em ordem numérica, (Numere em ordem decrescente, começando pela maior dificuldade) – pretende-se perceber quais são os possíveis percalços no processo de produção escrita dos alunos na língua materna: a) conhecimento prévio sobre o tema ; b) seleção vocabular; c) construção sintática; d) estabelecimento de ligação (coesão) entre as partes do texto; e) desenvolvimento dos assuntos tratados no texto; f) retomada dos assuntos tratados no texto.

(XXI) Qual a importância que o colégio onde estuda confere à produção escrita – assim como nos cursos de Inglês, as escolas tendem a exagerar no ensino de metalinguagem e despender pouco tempo e pouca atenção à produção escrita.

Por fim, acrescentamos uma auto-avaliação no que diz respeito às duas redações produzidas para nossa pesquisa, a fim de observar em qual dos dois textos os alunos tiveram maior dificuldade e por quê.

3.3 Análise das produções textuais em língua portuguesa (Língua Materna)

Redação 1 (LM) – aluno NT

<p><u>O voto</u>[1] ser <u>obrigatório</u>[2] é contra <u>todos os fundamentos da democracia</u>[3]. Não há <u>sentido</u>[4] no Brasil <u>a permanência</u>[5] <u>dessa prática</u>[6] que em <u>muitos casos</u>[7] podem favorecer <u>a corrupção</u>[8].</p> <p>Há <u>candidatos</u>[9] que se aproveitam de <u>eleitores</u>[10] que não querem votar. <u>Essas pessoas</u>[11] simplesmente vão às ruas e votam em <u>qualquer um</u>[12], <u>o lógico</u>[13] seria ao</p>	<p>[1] <u>O voto</u>{1} [2]<u>obrigatório</u> – {11}</p> <p>[3]<u>todos os fundamentos da democracia</u> - {2}</p> <p>[4] <u>sentido</u> – {2}</p> <p>[5] <u>a permanência</u> {5} [6] <u>essa prática</u> - {7}</p> <p>[7] <u>muitos casos</u> – {8}</p> <p>[8] <u>a corrupção</u> - {1}</p> <p>[9] <u>candidatos</u> – {4}</p> <p>[10] <u>eleitores</u> – {4}</p> <p>[11] <u>Essas pessoas</u> – {7}</p> <p>[12]<u>qualquer um</u> – {10} [13] <u>o lógico</u> – {6}</p>
---	--

<p>menos <u>o voto em branco</u>[14], mas, já que Ø <u>não se importam</u>[15], Ø <u>chegam</u>[16] a votar <u>no primeiro que aparece no dia da</u> <u>eleição</u>[17], e <u>que</u>[18] fazem <u>boca de</u> <u>urna</u>[19].</p>	<p>[14]<u>o voto em branco</u> – {10} [15]Ø <u>não se importam</u>-{9} [16] Ø <u>chegam</u>-{9} [17] <u>o primeiro que aparece no dia da</u> <u>eleição</u> – {10} [18] <u>que</u> – {7} [19] <u>boca de urna</u> – {10}</p>
<p>Já não bastasse <u>a boca de</u> <u>urna</u>[20], que é <u>crime</u>[21] e inunda <u>a</u> <u>cidade</u>[22] com <u>panfletos</u>[23], em <u>várias</u> <u>situações</u>[24] há <u>a compra de votos</u>[25]. <u>O povo</u>[26] ainda não assimilou que <u>o</u> <u>voto</u>[27] é secreto, <u>isso</u>[28] possibilita <u>a</u> <u>permanência de práticas muito antigas no</u> <u>país</u>[29], como <u>o coronelismo</u>[30].</p>	<p>[20]<u>a boca de urna</u> – {6} [21] <u>crime</u>- {2} [22]<u>a cidade</u>-{4} [23] <u>panfletos</u> –{10} [24]<u>várias situações</u>-{10} [25] <u>a compra de votos</u>-{10} - [26] <u>O povo</u> – {6} [27] <u>o voto</u> – {6} [28]<u>isso</u> – {7} [29]<u>a permanência de práticas muito antigas</u> <u>no país</u>-{10} [30]<u>o coronelismo</u>{10}</p>
<p><u>Pessoas que não querem votar</u>[31] deveriam ter <u>esse direito</u>[32] assegurado, <u>o voto</u>[33] tem o sentido de <u>escolha</u>[34], então obrigar <u>o ato de votar</u>[35] é contra e sem sentido. Se <u>a pessoa</u>[36] quer ou não ir <u>às urnas</u>[37] Ø<u>deveria ser</u>[38] <u>escolha</u>[39] <u>da mesma</u>[40] e não <u>obrigação</u>[41].</p>	<p>[31]<u>Pessoas que não querem votar</u>-{6} [32] <u>esse direito</u> – {10} [33]<u>o voto</u> – {6} [34] <u>escolha</u> – {10} [35]<u>o ato de votar</u> – {6} [36] <u>a pessoa</u> – {6} [37] <u>as urnas</u> – {4} [38] Ø<u>deveria ser</u> – {9} [39]<u>escolha</u> – {10} [40] <u>a mesma</u> – {6} [41] <u>obrigação</u> – {10}</p>
<p>Dessa forma, <u>exercer a</u> <u>cidadania</u>[42] está <u>na escolha</u>[43] de Ø <u>ir</u> <u>às urnas</u>[44].</p>	<p>[42] <u>exercer a cidadania</u> – {10} [43] <u>a escolha</u> {10} [44] Ø <u>ir ou não votar</u>- {9} [45] <u>o voto</u> – {6}</p>

<u>ou não votar</u> [44], <u>o voto</u> [45] é apenas a	[46] <u>a consolidação</u> - {4} [47] <u>dessa</u>
<u>consolidação</u> [46] <u>dessa escolha</u> [47].	<u>escolha</u> - {7}

Assim, com base em nosso quadro de estratégias referenciais (p.44), temos:

- [1] O voto; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida para identificação inicial do objeto de discurso ao modo de referente já disponível na memória discursiva, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado. O aluno apropria-se do tema proposto pelo professor e o utiliza como elemento introdutório do texto fornecendo pistas sobre o assunto do texto. Enquanto referente de 1ª menção, cumpre uma função de rótulo prospectivo (catáfora): trata-se da sumarização temática do texto e exerce a função de ancorar as informações subsequentes. Introdução do tópico a ser tratado na progressão textual. Status evocado. {1}
- [2] obrigatório; remissão com aporte de atributo por remissão anafórica ao referente (objeto de discurso) presente em [1]; com função presumível de evolução referencial; com continuidade referencial e manutenção tópica. Status evocado. {11}
- [3] todos os fundamentos da democracia – a partir do uso do quantificador universal, trata-se de 1ª menção com denominação genérica. Subtópico ou tópico encaixado. Status inferível, uma vez que estabelece ligação implícita entre voto e democracia. {2}

- [4] sentido; referente de 1ª menção por expressão nominal de uso atributivo que aporta opinião contrária do autor no que tange à obrigação do voto ao negar existência de justificativa para tal prática. Subtópico, status inferível devido à denominação genérica. {2}
- [5] a permanência; nominalização a fim de evitar repetição lexical. Manutenção tópica juntamente com [6], status evocado, pois retoma a questão do voto obrigatório. {3}
- [6] essa prática; retomada, por meio de dêixis textual que aponta para ato de votar ser obrigatório, provavelmente a fim de evitar repetição do termo. Manutenção tópica, status evocado, pois, mais uma vez, retoma a questão do voto obrigatório. {7}
- [7] muitos casos; pluralidade indeterminada referente às diversas situações que podem favorecer a corrupção a partir do processo eleitoral. Além disso, a proximidade do verbo *podem* fez com que o aluno estabelecesse a concordância com o referente inadequado, uma vez que o sujeito de *podem* deveria ser *a permanência dessa prática e não em muitos casos*. Subtópico, status inferível. {8}
- [8] a corrupção; referente de 1ª menção por expressão nominal definida; pode ser anáfora associativa se considerarmos o momento histórico do Brasil que aponta para diversos casos de corrupção; tópico encaixado ou subtópico e seu status informacional inferível. {1}
- [9] candidatos; devido ao fato de uma eleição ser, basicamente, composta de eleitores e candidatos, optamos por classificar esse item como de 1ª menção com remissão retrospectiva implícita, com associação semântica ou cognitiva

por anáfora indireta ou associativa, com base em estruturas cognitivas, com extensão de sentido; tópico encaixado ou subtópico. Status inferível, uma vez que voto requer eleição, que requer candidatos. {4}

- [10] eleitores; idem [8], uma vez que eleições pressupõem eleitores. Status inferível, assim como [9], subtópico. {4}
- [11] Essas pessoas; retomada explícita de *eleitores* por expressão dêitica com identidade referencial. Novamente, percebe-se que os tópicos são encaixados, provavelmente em razão da unidade temática, i.e., os referentes existem por conta de um contexto eleito, nesse caso, o fato de o voto ser obrigatório; manutenção tópica, status evocado. Dêixis textual. {7}
- [12] qualquer um; retomada implícita de *candidatos* relacionada com a corrupção supra-citada, uma vez que o autor do texto deixa transparecer a existência tanto de políticos como de eleitores despreparados, por associação, ou seja, anáfora associativa ou indireta. Além do mais, a expressão *qualquer um* denota uma indefinição irônica, alguém despreparado para o cargo político em questão; tópico encaixado ou subtópico. Status inferível. {10}
- [13] o lógico; esse item prenuncia o item a seguir, logo caracteriza-se como catáfora, *voto em branco*, e também envolve opinião do autor. Subtópico, status novo, pois denota opinião do autor. {6}
- [14] o voto em branco; ao mesmo tempo que é um item novo, retoma a questão do voto, item principal do texto, logo é uma retomada implícita de antecedente por associação; anáfora associativa ou indireta; tópico encaixado ou subtópico. Status novo no co(n)texto. {10}

- [15] Ø não se importam; retomada implícita por elipse do termo *eleitores*; anáfora zero; manutenção tópica. Status inferível. {9}
- [16] Ø chegam; também se caracteriza por retomada implícita por elipse do termo *eleitores*; anáfora zero; manutenção tópica. Status inferível. {9}
- [17] o primeiro que aparece no dia da eleição; retomada implícita por associação dos candidatos corruptos ou despreparados, através de expressão nominal definida; tópico encaixado ou subtópico. Status inferível. {10}
- [18] que; pronominalização por meio do relativo, retomando candidatos [9]. Diferentemente de [7], o aluno acertou a concordância verbal mesmo com o referente longe do verbo. Responsável pela manutenção tópica, status evocado no próprio texto. {7}
- [19] boca de urna; retomada implícita por associação dos candidatos corruptos ou despreparados, através de oração subordinada adjetiva restritiva, apontando para um determinado grupo de candidatos, que parecem satisfazer aqueles que não sabem em quem votar ou que mudam o voto no dia da eleição; manutenção tópica. Status novo no co(n)texto. {10}
- [20] a boca de urna; retomada explícita de antecedente por expressão nominal definida com repetição de item; tópico encaixado ou subtópico. Status evocado. {6}
- [21] crime; referente de 1ª menção de uso atributivo com relação à boca de urna, o que enfatiza mais uma vez a opinião do autor; manutenção tópica. Status evocado, pois sabe-se que a boca de urna é uma atividade criminosa no Brasil. {2}

- [22] a cidade; 1ª menção, com remissão retrospectiva implícita, com reorientação referencial (associação semântica) por anáfora indireta uma vez que a eleição é efetuada em uma cidade onde candidatos são eleitos quando há eleições municipais. Subtópico, status novo. {4}
- [23] panfletos; uma vez que eleições, boca de urna etc., envolvem a prática da panfletagem, tal item configura-se como anáfora associativa; retomada implícita; tópico encaixado ou subtópico. Status inferível, pois sabe-se que nas eleições brasileiras é comum o uso de panfletos ou “santinhos” durante o processo eleitoral. {10}
- [24] várias situações; é uma expressão associada ao item *voto*, que apresenta diversas situações tal como a compra de voto que será a seguir anunciada; retomada implícita por associação por prospecção (catáfora); tópico encaixado ou subtópico. Status inferível. {10}
- [25] a compra de votos; retomada implícita do item anterior, pois aparece como uma das situações que pode ocorrer durante processo eleitoral, por expressão nominal definida, por associação ou anáfora associativa; tópico encaixado ou subtópico. Status inferível. {10}
- [26] O povo; retomada explícita de *eleitores*, provavelmente a fim de evitar repetição de item lexical, construção linguística com estabilidade e continuidade referencial; denominação genérica. Tópico encaixado ou subtópico. Status evocado. {6}
- [27] o voto; retomada explícita por repetição de item, referindo-se ao tema global, garantindo a continuidade referencial do tema; retomada de tópico; não

chega a ser um tópico reintroduzido, pois o texto é composto de um macrotópico ou macroestrutura (cf. van Dijk, 1982). Status evocado. {6}

- [28] isso; retomada explícita de antecedente por substituição por pronome, retomando o fato de o povo ainda não ter assimilado que o voto secreto permite práticas, segundo o autor, antigas no Brasil; manutenção de tópico. Status evocado no cotexto. {7}
- [29] a permanência de práticas muito antigas no país; retomada implícita de práticas já mencionadas no texto e ancoradas à corrupção por anáfora associativa; subtópico ou tópico encaixado. Status inferível. {10}
- [30] o coronelismo; anáfora associativa que remete ao fato de haver práticas corruptas antigas no país por meronímia; retomada implícita de referente; manutenção tópica. Status evocado. {10}
- [31] Pessoas que não querem votar; retomada de antecedente por denominação genérica referindo-se àqueles eleitores que talvez optariam por não votar se o voto fosse facultativo; subtópico ou tópico encaixado. Status inferível. {6}
- [32] esse direito; retomada implícita de uma possível permissão para não votar, como defende o autor, por meio de dêixis textual; manutenção de tópico. Status evocado. {7}
- [33] o voto; retomada explícita por repetição de item, referindo-se ao tema global, garantindo a continuidade referencial do tema; retomada de tópico; não chega a ser um tópico reintroduzido, pois o texto é composto de tema único. Status evocado. {6}

- [34] escolha; remissão atributiva reiterando a opinião do autor de haver direito de escolha no que tange ao processo eleitoral; tópico encaixado ou subtópico. Status evocado. {11}
- [35] o ato de votar; retomada por paráfrase, outra vez referindo-se ao tema global, garantindo a continuidade referencial do tema; retomada de tópico; não chega a ser um tópico reintroduzido, pois o texto é composto de tema único. Status evocado. {6}
- [36] a pessoa; retomada explícita de [7], *eleitores*, ou seja, aquele que deve ter direito de escolha, conforme o autor nos deixa pistas durante todo o texto; agora ele afirma claramente sua posição ao iniciar a frase que tem por sujeito esse termo; subtópico ou tópico encaixado. Status inferível. {6}
- [37] as urnas; elemento de 1ª menção com remissão retrospectiva implícita encaixando-se ao tópico central do texto por anáfora associativa; tópico encaixado ou subtópico. Status evocado. {4}
- [38] Ø deveria ser; retomada implícita por elipse; anáfora zero; manutenção tópica. Status inferível. {9}
- [39] escolha; retomada por meio de repetição lexical reiterando a opinião do autor de haver direito de escolha no que tange ao processo eleitoral; tópico encaixado ou subtópico. Status evocado. {6}
- [40] a mesma; retomada explícita de *a pessoa*; manutenção tópica. Status evocado. {6}
- [41] obrigação; retomada implícita por anáfora associativa ou indireta, opondo-se à opinião do autor de haver direito de escolha no que tange ao processo eleitoral; tópico encaixado ou subtópico. Status evocado. {10}

- [42] exercer cidadania; expressão que retoma e reitera a opinião do autor, que argumenta favoravelmente ao direito de escolha em relação ao voto por anáfora associativa ou indireta; subtópico ou tópico encaixado. Status evocado. {10}
- [43] a escolha; retomada explícita por meio de repetição lexical. Manutenção tópica. Status evocado. {6}
- [44] Ø ir ou não votar; expressão que retoma e reitera a opinião do autor que argumenta favoravelmente ao direito de escolha em relação ao voto por elipse ou anáfora zero; subtópico ou tópico encaixado. Status inferível. {9}
- [45] o voto; retomada explícita por repetição de item, referindo-se ao tema global, garantindo a continuidade referencial do tema; retomada de tópico; não chega a ser um tópico reintroduzido, pois o texto é composto de tema único. Status evocado. {6}
- [46] a consolidação; expressão de primeira menção com remissão retrospectiva implícita por anáfora associativa, com aporte de atributo, responsável por introduzir a conclusão do texto e reiterar a opinião do autor; subtópico ou tópico encaixado. Status novo, pois introduz opinião do autor. {4}
- [47] dessa escolha; retomada explícita do antecedente *voto*, o tema do texto, por meio de dêixis textual, responsável por esgotamento do tópico. Status evocado. {7}

Conclui-se que as estratégias referenciais colaboram para a construção do único objeto de discurso (o ato de votar como obrigação ou escolha), desenvolvido a

partir da introdução de subtópicos (tópicos encaixados ou relacionados), contribuindo, assim, para a manutenção tópica, sobretudo através da retomada implícita por anáforas indiretas ou associativas e, em menor grau, através da retomada explícita por mecanismos lexicais. Por essa razão, o status informacional aponta para informações ou entidades evocadas (24), com diversas entidades inferíveis (18) e somente 5 entidades novas. Todavia, mesmo com 5 entidades “novas”, elas se apresentam semanticamente relacionadas com o tema do texto.

Esse texto compõe-se de 48 (N=48) estratégias referenciais:

Estratégias referenciais	{1}	{2}	{3}	{4}	{5}	{6}	{7}	{8}	{9}	{10}	{11}
Ocorrência	2	3	0	5	1	10	6	1	4	15	1
Percentual	4,16	6,25	0	10,41	2,08	20,83	12,50	2,08	8,83	31,25	2,08

Tabela 1 – Frequência das estratégias referenciais : Redação 1 (LM)

A estratégia mais recorrente é a {10}, retomada implícita por sinonímia, paráfrase, metonímia, meronímia com estabilidade continuidade/referencial, recobrando também casos de anáfora associativa e encapsulamento, 31,25%. Em segundo lugar, temos a estratégia {6}, retomada explícita por mecanismos lexicais, 20,83%. Em terceiro lugar, temos um empate técnico entre as estratégias {4}, 1ª menção com remissão retrospectiva implícita, e {7}, retomada explícita/implícita de antecedente por pronominalização ou dêixis espaciotemporal/textual, 12,50%.

Redação 2 (LM) – aluna LN

<p><u>Voto obrigatório</u>[1] em <u>um país democrático</u>[2]?</p> <p><u>A questão do voto no Brasil</u>[3] é muito complicada. Em <u>um país</u>[4] <u>onde</u>[5] <u>tantas pessoas</u>[6] lutaram pela <u>democracia</u>[7], pelo <u>voto para todos</u>[8], hoje <u>as pessoas</u>[9] votam por <u>obrigação</u>[10], e <u>Øvotando</u>[11] por <u>obrigação</u>[12], <u>Øescolhem</u>[13] mal <u>seus candidatos</u>[14].</p> <p>Num <u>país democrático</u>[15] é <u>incoerente</u>[16] determinar que <u>elas</u>[17] têm que votar. <u>O desejo do voto</u>[18], da <u>participação da sociedade</u>[19] exercendo <u>seu dever cívico</u>[20], devia vir de <u>um sentimento nacionalista</u>[21], de querer realmente ser <u>um cidadão ativo</u>[22] com as decisões do <u>seu município</u>[23] e da <u>sua pátria</u>[24].</p> <p><u>As pessoas</u>[25] estão <u>desacreditadas</u>[26] quanto a <u>um grande</u></p>	<p>[1] <u>voto obrigatório</u> – {1}</p> <p>[2] <u>um país democrático</u> – {2}</p> <p>[3] <u>a questão do voto no Brasil</u> – {6}</p> <p>[4] <u>um país</u> – {6} [5] <u>onde</u> – {7}</p> <p>[6] <u>tantas pessoas</u> – {8} [7] <u>democracia</u> – {4}</p> <p>[8] <u>voto para todos</u> – {6}</p> <p>[9] <u>as pessoas</u> – {2}</p> <p>[10] <u>obrigação</u> – {6} [11] <u>Øvotando</u> – {9}</p> <p>[12] <u>obrigação</u> – {6} [13] <u>Øescolhem</u> – {9}</p> <p>[14] <u>seus candidatos</u> – {7+10}</p> <p>[15] <u>país democrático</u> – {6}</p> <p>[16] <u>incoerente</u> – {11} [17] <u>elas</u> – {7}</p> <p>[18] <u>O desejo do voto</u> – {10}</p> <p>[19] <u>a participação da sociedade</u> – {10}</p> <p>[20] <u>seu dever cívico</u> – {7+10+11}²³</p> <p>[21] <u>um sentimento nacionalista</u> – {10}</p> <p>[22] <u>um cidadão ativo</u> – {4}</p> <p>[23] <u>seu município</u> – {7+4}</p> <p>[24] <u>sua pátria</u> – {7+4}</p> <p>[25] <u>As pessoas</u> – {6}</p> <p>[26] <u>desacreditadas</u> – {11}</p>
---	--

²³ Na análise, consideramos a possibilidade de haver sobreposição das estratégias referenciais.

<u>governo</u> [27] <u>que</u> [28] possa mudar, <u>um</u>	[27] <u>um grande governo</u> – {4} [28] <u>que</u> -{7}
<u>governo honesto sem corrupção</u> [29], e	[29] <u>um governo honesto sem corrupção</u> – {11}
por isso <u>Øpensam</u> [30] que <u>um voto</u> [31]	[30] <u>Øpensam</u> – {9} [31] <u>um voto</u> – {10}
não faz diferença ou que <u>o candidato</u> [32]	[32] <u>o candidato</u> – {10}
não faz diferença, porque <u>todos</u> [33] são	[33] <u>todos</u> – {10}
“iguais”.	

Assim, temos:

- [1] Voto obrigatório; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida para identificação inicial do objeto de discurso ao modo do referente já disponível na memória discursiva, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado. O aluno apropria-se do tema proposto pelo professor e o utiliza como elemento introdutório do texto, fornecendo pistas sobre o assunto. Enquanto referente de 1ª menção, serve de título: trata-se da sumarização temática, exercendo a função de ancorar as informações subsequentes. Introdução do tópico a ser tratado na progressão textual. Status evocado. {1}
- [2] um país democrático; expressão nominal indefinida de 1ª menção com denominação genérica, mas que implicitamente refere-se ao Brasil, por se tratar do país em questão e pelo fato de o Brasil ser um país democrático (uso atributivo). Tópico que introduz o local que é relevante para a discussão do voto obrigatório. Status novo. {2}
- [3] A questão do voto no Brasil; retomada explícita do referente introduzido no título [1], sintagma responsável por retomar a idéia do título e introduzir o texto seguida de dêixis espacial. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}

- [4] um país; retomada explícita de [2], reiterando o fato de os acontecimentos ocorrerem em determinado país com características democráticas, o que se confirma em [5]; tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [5] onde; pronominalização por meio de pronome relativo indicando lugar retomando [4]. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [6] tantas pessoas; pluralidade indeterminada; subtópico. Status inferível. {8}
- [7] democracia; anáfora associativa de 1ª menção com [3], uma vez que o Brasil é um país democrático. Subtópico. Status evocado. {4}
- [8] voto para todos; retomada por paráfrase; continuidade de tópico. Status inferível. {6}
- [9] as pessoas; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com denominação genérica de valor semântico, sem referencialidade; sem remissão nem retomada no cotexto, referindo-se às pessoas votantes. Subtópico. Status evocado. {2}
- [10] obrigação; retoma explicitamente a questão do voto por repetição de [1]. Manutenção tópica. Status inferível. {6}
- [11] Ø votando; retomada de [9] por elipse. Manutenção tópica. Status inferível. {9}
- [12] obrigação; retomada explícita de [10], a fim de introduzir predicação. Manutenção tópica. Status evocado. {6}
- [13] Ø escolhem; retomada de [9] por elipse. Manutenção tópica. Status inferível. {9}

- [14] seus candidatos; retomada de [7] por anáfora associativa {10}, uma vez que as referidas pessoas são votantes e, por sua vez, possuem candidatos; pronominalização {7}. Tópico encaixado. Status inferível.
- [15] país democrático; retomada explícita de [2] por repetição. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [16] incoerente; remissão com aporte de atributo, determinando a opinião do autor a respeito da obrigatoriedade do voto em um país democrático como o Brasil. Manutenção tópica. Status evocado. {11}
- [17] elas; retomada explícita de [6] por pronominalização com identidade referencial. Apesar de o referente apresentar-se no parágrafo anterior, *as pessoas* [9], a aluna utilizou adequadamente o pronome *elas*, estabelecendo a referência e mantendo a progressão textual. Tópico reintroduzido, status evocado. {7}
- [18] O desejo do voto; anáfora associativa definida por campo semântico, que deixa pistas sobre a opinião do autor de que o voto deveria ser por desejo e não por obrigação. Tópico encaixado ou subtópico. Status inferível. {10}
- [19] a participação da sociedade; retomada implícita de antecedente por anáfora associativa, uma vez que se rotula o ato de votar como uma participação social; manutenção tópica. Status inferível. {10}
- [20] seu dever cívico; pronominalização {7} referindo-se à sociedade em [16] com mais uma retomada implícita de antecedente por anáfora associativa {10} que acaba por rotular o ato de votar gerando ambiguidade, pois se é um dever, então deve ser obrigatório, mas o autor defende o voto por opção. Há também aporte de atributo {11}. Manutenção tópica. Status inferível.

- [21] um sentimento nacionalista; anáfora associativa no que tange ao voto como opção revelando a opinião do autor. Subtópico. Status inferível. {10}
- [22] um cidadão ativo; 1ª menção de referente por associação sem reorientação referencial inferindo que um cidadão ativo (aporte de atributo) é aquele que está a par das questões que envolvem o ato de votar ou escolher candidatos. Subtópico. Status novo. {4}
- [23] seu município; 1ª menção com remissão implícita ao local onde as pessoas votam por anáfora associativa {4}; com pronominalização {7}. Subtópico. Status novo.
- [24] sua pátria; 1ª menção com remissão implícita ao local onde as pessoas votam por anáfora associativa {4}; com pronominalização{7}; subtópico. Status evocado, uma vez que se refere ao já citado Brasil.
- [25] As pessoas; retomada explícita de [7]. Apesar de orientação para que não houvesse repetição de termos, tal repetição torna-se viável devido à distância do referente. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [26] desacreditadas; remissão de [23] com aporte de atributo. Status novo. {11}
- [27] um grande governo; 1ª menção com reorientação referencial para um governo pretendido, capaz de mudar o que existe de errado. Tópico encaixado ou subtópico. Status novo. {4}
- [28] que; pronominalização por meio de pronome relativo retomando [25]. Manutenção tópica, status evocado. {7}
- [29] um governo honesto sem corrupção; retomada com aporte de atributo de [27] por associação cognitiva ao fato de que um grande governo seria aquele honesto e sem corrupção. Manutenção tópica. Status evocado. {11}

- [30] Øpensam; retomada de [7] por elipse. Reintrodução de tópico. Status inferível. {9}
- [31] um voto; retomada implícita de referente, mas não se trata de um voto qualquer, mas de um voto, no sentido de ser de uma única pessoa e não fazer tanta diferença em meio a milhões. Por isso se trata de anáfora indireta. Subtópico. Status evocado. {10}
- [32] o candidato; outra retomada implícita de referente, mas não se trata de um candidato qualquer, mas de um candidato específico, no sentido de ser de uma única pessoa e não fazer tanta diferença em meio a vários outros. Por isso se trata de anáfora indireta. Subtópico. Status evocado. {10}
- [33] todos; designação pronominal utilizando-se de quantificador universal por anáfora associativa, referindo-se *a todos os candidatos que, devido ao histórico de corrupção no Brasil, estão desacreditados*. Esgotamento de tópico. Status inferível. {10}

Os itens referenciais utilizados, assim como na redação 1, colaboram para a construção do objeto de discurso, o ato de votar como obrigação ou escolha, categorizado como um macrotópico, ao modo de asserção de partida, com aporte de tópicos encaixados e referentes implícitos, por anáfora indireta ou associativa, além de anáforas explícitas, ao modo de asserção de passagem, apontando sempre para esse tópico ou referente. O autor legitima sua proposta (asserção de chegada), afirmando que o Brasil é um país democrático, o que conferiria o direito de escolha a cada cidadão. No que tange ao status informacional, esta redação possui 5 entidades consideradas novas, o mesmo número da anterior, 16 entidades evocadas e 12

inferíveis. Novamente, a ocorrência de entidades evocadas é superior a daquelas inferíveis.

O segundo texto compõe-se de 33 (N=33) estratégias referenciais:

Estratégias Referenciais	{1}	{2}	{3}	{4}	{5}	{6}	{7}	{8}	{9}	{10}	{11}
Ocorrências	1	2	0	5	0	7	7	1	3	8	4
Percentual	3,30	6,06	0	15,15	0	21,21	21,21	3,30	9,90	24,24	12,12

Tabela 2 – Frequência das estratégias referenciais : Redação 2 (LM)

Assim como na Redação 1, a Redação 2 apresenta-se com o predomínio da estratégia referencial {10}, 24,24%, seguida das estratégias {6} e {7}, ambas com 21,21%. Na Redação 1, a estratégia {6} aparece em segundo lugar seguida pela {7}. Apesar do empate entre {6} e {7} nesta segunda redação, as estratégias mais utilizadas em ambos os textos são as mesmas.

Redação 3 (LM) – aluna MR

<u>No Brasil</u> [1] <u>a questão eleitoral</u> [2]	[1] <u>No Brasil</u> –{3} [2] <u>a questão eleitoral</u> –{2}
ainda é <u>um ato obrigatório</u> [3]. Contudo,	[3] <u>um ato obrigatório</u> – {2}
<u>tal imposição</u> [4] gera <u>controvérsias</u> [5],	[4] <u>tal imposição</u> – {7} [5] <u>controvérsias</u> –{2}
principalmente <u>em períodos de</u>	[6] <u>em períodos de eleição</u> – {3}
<u>eleição</u> [6], como <u>os atuais</u> [7].	[7] <u>os atuais</u> –{3}
É necessário considerar que <u>o ato</u>	[8] <u>o ato de votar</u> – {6}
<u>de votar</u> [8] representa <u>um direito de cada</u>	[9] <u>um direito de cada cidadão</u> – {11}
<u>cidadão</u> [9] e não <u>uma obrigação</u> [10] <u>pela</u>	[10] <u>uma obrigação</u> – {11}[11] <u>pela qual</u> –{7}
<u>qual</u> [11] <u>Ødevem submeter-se</u> [12], e	[12] <u>Ødevem submeter-se</u> – {9}
quicá <u>Øsujeitos à punição</u> [13].	[13] <u>Øsujeitos à punição</u> – {10}
<u>Todo país</u> [14] <u>que</u> [15] <u>reza a</u>	[14] <u>Todo país</u> {2} [15] <u>que</u>

<p><u>cartilha da democracia</u>[16], deve assistir <u>aos filhos</u>[17], e <u>privá-los</u>[18] <u>do direito de optar</u>[19] se <u>querem</u> Ø[20] ou não escolher <u>seus governantes</u>[21] é certamente <u>algo anti-democrático</u>[22].</p> <p><u>A consequência de tanta arbitrariedade</u>[23], são <u>diversos votos errados, impensados</u>[24] <u>que</u>[25] <u>elegem candidatos despreparados e descompromissados com o bem-estar populacional</u>[26]. Porque votar implica <u>preparação</u>[27] por parte de <u>quem</u>[28] <u>elege</u> e de <u>quem</u>[29] é <u>eleito</u>[30].</p> <p>Portanto <u>o sistema eleitoral vigente</u>[31] é <u>ineficaz</u>[32], pois não prioriza <u>a conscientização</u>[33] <u>daqueles que</u>[34] <u>elegem. Uma medida eficiente</u>[35] para <u>dissolução</u>[36] <u>deste problema</u>[37], é <u>a medida mobilização educacional</u>[38] que <u>direcione os brasileiros</u>[39] a <u>uma diretriz</u>[40] <u>do voto certo, escolhido e ponderado</u>[41].</p>	<p>[16]<u>a cartilha da democracia</u> – {4}</p> <p>[17]<u>os filhos</u> – {2} [18] <u>los</u> – {7}</p> <p>[19]<u>o direito de optar</u>-{4} [20] Ø <u>querem</u>{9}</p> <p>[21]<u>seus governantes</u> – {7+10}</p> <p>[22] <u>algo anti-democrático</u> – {11}</p> <p>[23]<u>A consequência de tanta arbitrariedade</u> – {10} [24]<u>diversos votos errados, impensados</u> – {10} [25] <u>que</u> – {7}</p> <p>[26]<u>candidatos despreparados e descompromissados com o bem-estar populacional</u> – {10}</p> <p>[27]<u>preparação</u> – {10} [28] <u>quem</u> – {7}</p> <p>[29] <u>quem</u>-{7} [30] <u>eleito</u>-{11}</p> <p>[31]<u>o sistema eleitoral vigente</u> – {4}</p> <p>[32]<u>ineficaz</u> – {11}</p> <p>[33] <u>a conscientização</u> – {5}</p> <p>[34]<u>aqueles que</u> – {7}</p> <p>[35]<u>Uma medida eficiente</u> – {2} [36]<u>dissolução</u>-{5}</p> <p>[37] <u>este problema</u> – {7}</p> <p>[38]<u>a medida mobilização educacional</u>-{1}</p> <p>[39]<u>os brasileiros</u> – {2} [40] <u>uma diretriz</u>-{2}</p> <p>[41]<u>o voto certo, escolhido e ponderado</u> – {11}</p>
---	---

Assim, temos:

- [1] No Brasil; 1ª menção realizada por advérbio de lugar que orienta o leitor em relação ao país onde se realiza o voto, tópico central a ser tratado no texto. Tópico introduzido. Status novo. {3}
- [2] a questão eleitoral; 1ª menção por expressão nominal definida do tópico central do texto por denominação genérica, referindo-se ao voto por expressão sinônima disponível na memória discursiva. Introdução de tópico. Status novo. {2}
- [3] um ato obrigatório; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo, sem remissão nem retomada no cotexto. Pode-se considerar tópico marginal, se levarmos em conta a realização de comentário a respeito do ato de votar, mas nos parece ser mais coerente considerar como manutenção tópica uma vez que não houve mudança do mesmo. Manutenção tópica, status evocado. {2}
- [4] tal imposição; Remissão com aporte de atributo por dêixis textual, e que promove opinião do autor do texto em relação à questão eleitoral, ou seja, ao ato de votar, o tópico central do texto. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [5] controvérsias; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo e com denominação genérica de valor semântico, sem referencialidade (referente virtual); sem remissão nem retomada no cotexto. Subtópico. Status novo. {2}
- [6] em períodos de eleição; 1ª menção realizada por locução adverbial de tempo, responsável por apontar o momento em que surgem questões relativas ao voto, o período eleitoral. Subtópico. Status novo. {3}

- [7] os atuais; 1ª menção realizada por dêixis temporal/textual. Subtópico. Status evocado. {3}
- [8] o ato de votar; retomada explícita do tópico/referente central do texto por meio de expressão nominal definida. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [9] um direito de cada cidadão; remissão com aporte de atributo referente ao ato de votar, expressando a opinião do autor do texto, garantindo a evolução referencial. Manutenção tópica. Status inferível. {11}
- [10] uma obrigação; outra remissão com aporte de atributo, de polaridade negativa, referente ao ato de votar, novamente expressando a opinião do autor quanto ao voto livre e não obrigatório. Manutenção tópica, status evocado. {11}
- [11] pela qual; retomada de [10] por pronominalização por meio de pronome relativo. Entretanto, a aluna apresenta inadequação de regência ao utilizar a contração *pela*, ao invés de *a*. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [12] Ø devem submeter-se; retomada implícita por elipse de “cada cidadão” contido em [9]; o verbo “submeter-se” possui força ilocutória que reforça a tese do autor. Além do problema de regência relatado no item anterior, houve equívoco no que concerne à concordância verbal, pois a elipse seria de *cada cidadão*. Subtópico. Status inferível. {9}
- [13] Ø sujeitos à punição; anáfora associativa pelo fato de que aqueles que não se submetem a determinadas leis sofrem punições, logo retoma implicitamente “cada cidadão”, contido em [8]. Subtópico. Status inferível. {10}
- [14] Todo país; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com uso de quantificador universal com denominação genérica de valor semântico, sem

referencialidade (referente virtual); sem remissão nem retomada no contexto.

Subtópico. Status inferível. {2}

- [15] que; retomada de [14] por pronominalização por meio de pronome relativo. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [16] a cartilha da democracia; referente de 1ª menção que acaba incluindo o Brasil, por anáfora associativa, pelo fato de esse ser um país democrático que, teoricamente, segue os princípios democráticos. Tal consideração está presente na memória compartilhada por conhecimento enciclopédico. Subtópico. Status novo. {4}
- [17] os filhos; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com denominação genérica de valor semântico, sem referencialidade (referente virtual); sem remissão nem retomada no contexto. Salienta-se um problema de regência, uma vez que, em Português, o verbo assistir admite duas regências. Nesse caso, o verbo deve ser transitivo direto, pois está empregado no sentido de *ajudar*. Logo, dispensa-se o uso da preposição. Subtópico. Status novo. {2}
- [18] los; retomada explícita de antecedente por pronominalização, evitando a repetição do termo. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [19] o direito de optar; 1ª menção de referente implícito com extensão de sentido e aporte de atributo, uma vez que demonstra que a escolha deveria ser um direito dentro de um país democrático. Mais uma vez colabora para a afirmação da tese do autor do texto. Manutenção tópica. Status inferível. {4}
- [20]Ø querem; retomada de [17] por meio de elipse. Manutenção tópica. Status evocado. {9}

- [21] seus governantes; retomada implícita de referente por anáfora associativa {10}, uma vez que um país como o Brasil, com eleições diretas, possui governantes, logo a associação é feita entre governantes e cidadãos, ou “filhos” como propõe o autor do texto; uso de pronominalização {7}. Subtópico. Status inferível.
- [22] algo anti-democrático; remissão com aporte de atributo com função de evolução referencial, expondo a opinião do autor a respeito da falta do direito de escolha apesar de o país ser democrático. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [23] A consequência de tanta arbitrariedade; retomada, com remissão retrospectiva implícita, por anáfora indireta com base em estruturas cognitivas, com extensão de sentido; com aporte de atributo. Além disso, aponta para a asserção de chegada. Subtópico. Status novo. {10}
- [24] diversos votos errados, impensados; remissão com aporte de atributo a [23]. Subtópico. Status novo. {11}
- [25] que; retomada por pronominalização, pronome relativo. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [26] candidatos despreparados e descompromissados com o bem-estar populacional; assim como em [24], retoma implicitamente [23] por anáfora associativa. Subtópico. Status novo. {10}
- [27] preparação; retomada implícita de questão eleitoral por anáfora associativa. Subtópico. Status inferível. {10}
- [28] quem; retomada por pronominalização, pronome relativo. Manutenção tópica. Status evocado. {7}

- [29] quem; retomada por pronominalização, pronome relativo. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [30] eleito; remissão com aporte de atributo referente aos candidatos que conseguem se eleger. Subtópico. Status inferível. {11}
- [31] o sistema eleitoral vigente; 1ª menção, com remissão retrospectiva implícita, por anáfora indireta, com base em estruturas cognitivas, com extensão de sentido. Subtópico. Status novo. {4}
- [32] inefcaz; remissão com aporte de atributo ao sistema eleitoral vigente [31], com evolução referencial, logo evolução do objeto de discurso. Manutenção tópica. Status evocado. {11}
- [33] a conscientização; nominalização do referente por derivação lexical com remissão a antecedente implícito, uma vez que se entende que o voto deve ser fruto de reflexão e consciência do eleitor. Subtópico. Status novo. {5}
- [34] aqueles que; pronominalização por meio de pronome relativo e dêixis textual. O verbo que segue *elegem*, é transitivo direto, logo ocorre um equívoco no que tange à predicação. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [35] Uma medida eficiente; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo, sem remissão nem retomada no co-texto, mas que antecede os itens a seguir. Subtópico. Status novo. {2}
- [36] dissolução; nominalização do referente por derivação lexical com remissão a antecedente implícito. Subtópico. Status inferível. {5}
- [37] este problema; remissão implícita por dêixis textual apontando para [31] e [32]. Reintrodução de tópico. Status evocado. {7}

- [38] a medida mobilização educacional; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida de uso referencial, para identificação inicial do objeto de discurso ao modo de referente já disponível na memória discursiva, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado, logo sem antecedente textual, sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao cotexto. Deixa clara a esperança na educação que a maioria das pessoas possuem. Subtópico. Status novo. {1}
- [39] os brasileiros; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com denominação genérica referindo-se aos brasileiros em geral . Tópico novo. Status novo. {2}
- [40] uma diretriz 1ª menção realizada com denominação genérica. Subtópico, uma vez que se espera que o aluno chegue a conclusões (asserção de chegada) por meio de sua argumentação (asserção de passagem). Esgotamento de tópico. Status novo. {2}
- [41] o voto certo, escolhido e ponderado; remissão com aporte de atributo ao voto consciente, ou aquele que deve ser efetuado pelos eleitores. Esgotamento de tópico. Status inferível. {11}

Ainda no que concerne ao desenvolvimento de um macrotópico, a redação três, curiosamente, oferece mais entidades novas (16) do que evocadas (15) e inferíveis (10). Tal fato demonstra um equilíbrio entre as entidades, reforçando a tese de Koch (2006, p.41), citada neste trabalho.

O terceiro texto compõe-se de 41 (N=41) estratégias referenciais:

Estratégias Referenciais	{1}	{2}	{3}	{4}	{5}	{6}	{7}	{8}	{9}	{10}	{11}
Ocorrências	1	7	3	3	2	1	10	0	2	5	7
Percentual	2,43	17,07	7,31	7,31	4,87	2,43	24,39	0	4,87	12,19	17,07

Tabela 3 – Frequência das estratégias referenciais : Redação 3 (LM)

Diferentemente dos dois outros textos, há predomínio da estratégia {7}, 24,39%, seguida das estratégias {2} e {11}, com 17,07% cada. Neste terceiro texto, a estratégia {10} cede espaço para a estratégia {7} e, pela primeira vez, surgem, com destaque, as estratégias referenciais {2} e {11} na segunda colocação, fato outrora não observado. A estratégia {10}, a mais utilizada nas redações anteriores, aparece em terceiro lugar com 12,19%.

Redação 4 (LM) – aluna MF

<u>O voto</u> [1] não deve ser <u>obrigatório</u>	[1] <u>O voto</u> – {1} [2] <u>obrigatório</u> – {11}
[2] <u>devido à falta de democracia</u> [3], pois	[3] <u>a falta de democracia</u> – {1}
além disso[4] dificulta <u>a votação para os</u>	[4] <u>isso</u> – {7}
<u>analfabetos</u> [5].	[5] <u>a votação para os analfabetos</u> – {10}
<u>O Brasil</u> [6] é <u>um país</u>	[6] <u>O Brasil</u> – {1}
<u>democrático</u> [7], e com <u>o voto</u>	[7] <u>um país democrático</u> – {11}
<u>obrigatório</u> [8], perde <u>esse sentido</u> [9]. <u>A</u>	[8] <u>o voto obrigatório</u> –{1} [9] <u>esse sentido</u> –{7}
<u>persona</u> [10] tem <u>o direito de liberdade de</u>	[10] <u>a pessoa</u> – {2}
<u>escolha</u> [11] principalmente <u>num</u>	[11] <u>o direito de liberdade de escolha</u> –{4}
<u>momento</u> [12] <u>em que</u> [13] elege <u>seus</u>	[12] <u>num momento</u> –{3} [13] <u>em que</u> –{7}
<u>governantes</u> [14].	[14] <u>seus governantes</u> – {7+4}
<u>A escolha de um governante</u> [15] é	[15] <u>A escolha de um governante</u> – {5}

<u>muito importante</u> [16], pois <u>ele</u> [17]	[16] <u>muito importante</u> -{11} [17] <u>ele</u> - {7}
<u>quem</u> [18] vai governar <u>a cidade</u> [15] por	[18] <u>quem</u> -{7} [19] <u>a cidade</u> - {10}
quatro anos e <u>uma pessoa analfabeta</u> [20]	[20] <u>uma pessoa analfabeta</u> - {6}
, <u>sem instruções</u> [21] não <u>tem</u> [22] como	[21] <u>sem instruções</u> - {11} [22] <u>tem</u> -{9}
escolher <u>esse representante</u> [23].	[23] <u>esse representante</u> - {7}
Assim <u>o voto</u> [24] não deve ser	[24] <u>o voto</u> - {6}
<u>obrigatório</u> [25], para que haja <u>uma</u>	[25] <u>obrigatório</u> -{11}
<u>democracia</u> [26] e só votar <u>quem</u> [27]	[26] <u>uma democracia</u> - {6} [27] <u>quem</u> -{7}
realmente deseja escolher <u>seu</u>	[28] <u>seu representante</u> - {6}
<u>representante</u> [28] com plena consciência.	

Assim, temos:

- [1] O voto; Referente de 1ª menção, por expressão nominal definida de uso referencial, para identificação inicial do objeto de discurso ao modo de referente já disponível na memória discursiva, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado, sem antecedente textual: sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao cotexto; indica o tópico central do texto. Introdução de tópico. Status evocado. {1}
- [2] obrigatório; referente atributivo antecedido por advérbio de negação, a fim de orientar o leitor quanto à tese do autor (asserção de partida) deixando pistas quanto à sua defesa no desenrolar da argumentação; manutenção tópica. Status evocado. {11}
- [3] a falta de democracia; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida para identificação inicial do objeto de discurso, ao modo de referente

já disponível na memória discursiva, introduzindo a questão da democracia na argumentação (asserção de passagem). Todavia parece haver equívoco por parte do autor, uma vez que a ausência de democracia não costuma dar opção quanto ao direito de votar, logo parece haver problemas no que tange ao conhecimento enciclopédico do aluno, pois a não obrigatoriedade do voto repousa exatamente sobre o exercício do direito democrático, incorrendo em contradição e ambiguidade. Subtópico. Status evocado. {1}

- [4] isso; retomada explícita de antecedente por substituição por pronome resumitivo, referindo-se ao fato de a democracia obrigar o cidadão analfabeto a votar. Nesse momento, o autor põe em risco toda sua argumentação já que afirmara que o voto não deve ser obrigatório devido à falta de democracia, o que provoca ambiguidade. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [5] a votação para os analfabetos; no texto em questão, decidimos classificar este item como anáfora associativa, retomada implícita da afirmação anterior, pois o autor deixa pistas para que acreditemos na falta de preparo de analfabetos para escolher candidatos aptos a ocuparem os respectivos cargos. Subtópico. Status novo. {10}
- [6] O Brasil; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida de uso referencial, para identificação inicial do objeto de discurso, ao modo de referente já disponível na memória discursiva, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado; logo, sem antecedente textual: sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao cotexto, revelando o país a partir do qual emergem as questões da obrigatoriedade do voto. Tópico introduzido. Status novo. {1}

- [7] um país democrático; remissão de [6] com aporte de atributo e função presumível de evolução referencial que colabora para a argumentação (asserção de passagem), no sentido de defender a tese da não obrigatoriedade do voto. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [8] o voto obrigatório; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida para identificação inicial do objeto de discurso ao modo de referente já disponível na memória discursiva, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado; logo, sem antecedente textual: sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao cotexto. Todavia, não se trata de um tópico novo, na medida que introduz tópico que se encaixa no contexto a partir do tema proposto, logo trata-se de subtópico. Status novo. {1}
- [9] esse sentido; retomada explícita de antecedente (o fato do voto ser obrigatório) por dêixis textual. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [10] a pessoa: 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com denominação genérica, sem remissão nem retomada no cotexto, referindo-se aos eleitores em geral. Subtópico. Status inferível. {2}
- [11] o direito de liberdade de escolha; apesar de referente de 1ª menção, trata-se de uma anáfora associativa, já que se refere ao princípio norteador da democracia e deixa pistas quanto à tese do autor em defender o direito à escolha de votar. Subtópico. Status inferível. {4}
- [12] num momento; 1ª menção realizada por dêixis temporal. Subtópico. Status novo. {3}
- [13] em que; retomada por pronominalização de [12] com uso de relativo. Manutenção tópica. Status evocado. {7}

- [14] seus governantes; retomada de [10] por pronominalização {7}, 1ª menção, com remissão retrospectiva implícita, por campo semântico {4}, pois em uma eleição pretendem-se eleger governantes. Subtópico. Status inferível.
- [15] A escolha de um governante; nominalização do referente por derivação lexical com remissão a antecedente implícito, uma vez que eleger um candidato dependente de escolha. Manutenção/retomada do tópico central do texto. Status inferível. {5}
- [16] muito importante; referente atributivo em relação a [15]. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [17] ele; retomada explícita por pronome de *governante*, vocábulo presente em [15]. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [18] quem; retomada explícita por meio de pronominalização de *governante*. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [19] a cidade; retomada implícita por anáfora associativa de [6] *O Brasil*. Subtópico. Status inferível. {10}
- [20] uma pessoa analfabeta; retomada explícita por repetição de item presente em [5], com estabilidade/continuidade referencial por retrospectão (anáfora). Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [21] sem instruções; referente atributivo com remissão a [20]. Manutenção tópica. Status evocado. {11}
- [22] Ø tem; retomada implícita por elipse de [20]. Manutenção tópica. Status inferível. {9}
- [23] esse representante; retomada explícita de antecedente por dêixis textual de *governante* presente em [15]. Manutenção tópica. Status evocado. {7}

- [24] o voto; retomada anafórica explícita de [1] por repetição. Reintrodução de tópico. Status evocado. {6}
- [25] obrigatório; referente atributivo remetendo a [24]. Tópico reintroduzido. Status evocado. {11}
- [26] uma democracia; retomada anafórica explícita com acréscimo de um artigo indefinido, tão somente, mas que não descarta a retomada explícita de *democracia* introduzida em [3]. Subtópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [27] quem; pronominalização referindo-se aos eleitores. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [28] seu representante; Retomada explícita por paráfrase de governantes com estabilidade/continuidade referencial por retrospecção (anáfora). Tópico reintroduzido. Status inferível. {6}

Novamente desenvolve-se um macrotópico, no mesmo padrão das redações 1 e 2, com mais entidades evocadas, 14, seguidas das inferíveis, 7 com apenas 6 entidades novas.

A redação 4 compõe-se de 27 (N=27) estratégias referenciais:

Estratégias Referenciais	{1}	{2}	{3}	{4}	{5}	{6}	{7}	{8}	{9}	{10}	{11}
Ocorrências	4	1	1	1	1	4	8	0	1	1	5
Percentual	14,81	3,70	3,70	3,70	3,70	14,81	29,62	0	3,70	3,70	18,51

Tabela 4 – Frequência das estratégias referenciais : Redação 4 (LM)

Este texto apresenta-se com predomínio da estratégia referencial {7}, 29,62%, seguida da estratégia {11} com 18,51%. As estratégias {6} e {1} aparecem em terceiro lugar com 14,81% cada. Comparando com as redações anteriores, constatamos que a estratégia {7} permanece com destaque, todavia a estratégia {10}, de uso recorrente

nos textos anteriores, não é utilizada com tanta relevância na redação 3, com uma única ocorrência (3,57%).

Redação 5 (LM) – aluno YR

Atualmente, <u>o debate do voto ser</u>	[1] <u>o debate do voto ser obrigatório</u> – {1}
<u>obrigatório</u> [1] vem sido discutido já que	
hoje em dia existem <u>pessoas</u> [2] <u>que</u> [3]	[2] <u>pessoas</u> -{2} [3] <u>que</u> -{7}
não pensam com seriedade <u>no futuro</u> [4]	[4] <u>no futuro</u> -{10}
de <u>nosso país</u> [5].	[5] <u>nosso país</u> – {7+3}
Sendo assim, <u>15 % da</u>	[6] <u>15 % da população</u> – {10}
<u>população</u> [6], tem <u>seus votos nulos</u> [7].	[7] <u>seus votos nulos</u> – {7+10}
Assim, não <u>Ø contribuindo</u> [8] já que	[8] <u>Ø contribuindo</u> - {9}
<u>nosso objetivo</u> [9] é eleger <u>um</u>	[9] <u>nosso objetivo</u> – {7+10}
<u>candidato</u> [10].	[10] <u>um candidato</u> – {2}
Por um lado, <u>Ø temos</u> [11] que	[11] <u>Ø temos</u> -{9}
levar em <u>consideração</u> [12] que <u>no</u>	[12] <u>consideração</u> -{5} [13] <u>no Brasil</u> – {3}
<u>Brasil</u> [13], não <u>Ø temos</u> [14] <u>muitas</u>	[14] <u>Ø temos</u> – {9} [15] <u>muitas opções</u> – {8}
<u>opções</u> [15], já que <u>o nosso país</u> [16] está	[16] <u>o nosso país</u> – {6+7}
<u>lotado de corruptos</u> [17] <u>Ø furtando</u> [18]	[17] <u>lotado de corruptos</u> - {11} [18] <u>Ø furtando</u> -{9}
<u>nosso dinheiro</u> [19] e piorando <u>a</u>	[19] <u>nosso dinheiro</u> – {7+10}
<u>situação</u> [20] de <u>nosso país</u> [21].	[20] <u>a situação</u> -{10} [21] <u>nosso país</u> – {7+6}
Por outro lado <u>nosso medíocre</u>	[22] <u>nosso medíocre povo</u> – {7+4}
<u>povo</u> [22] não leva <u>o nosso país</u> [23] a	[23] <u>o nosso país</u> – {7+6}
sério. <u>Pessoas</u> [24] <u>que</u> [25] saem <u>com</u>	[24] <u>Pessoas</u> – {6} [25] <u>que</u> – {7}

<p><u>preguiça</u>[26] de votar, <u>outras</u>∅[27], não sabem em <u>quem</u>[28] votar e <u>aquelas</u> <u>pessoas</u>[29] <u>que</u>[30] quando não sabem em <u>quem</u>[31] votar, ∅ <u>procuram</u>[32] o <u>papel que cai no chão</u>[33]. (<u>famosa “boca de urna”</u>[34]) para votar em <u>qualquer um</u>[35].</p>	<p>[26]<u>com preguiça</u>-{11}[27]<u>outras</u>∅- {8+9}</p> <p>[28]<u>quem</u>-{7}</p> <p>[29]<u>aquelas pessoas</u> -{7} [30] <u>que</u>-{7}</p> <p>[31]<u>em quem</u> -{7} [32] ∅ <u>procuram</u>-{9}</p> <p>[33] <u>o papel que cai no chão</u> -{10}</p> <p>[34] <u>famosa boca de urna</u> - {4}</p> <p>[35] <u>qualquer um</u> - {4}</p>
<p>É <u>muito complicado</u>[36] decidir <u>tal</u> <u>questão</u>[37] com <u>esses problemas</u>[38] <u>que</u>[39] retardam <u>o nosso país</u>[40]. <u>A</u> <u>colaboração e seriedade</u>[41] <u>desse</u> <u>país</u>[42] é <u>muito difícil</u>[43] de ∅ <u>encher</u>[44].</p>	<p>[36]<u>muito complicado</u>-{11}</p> <p>[37] <u>tal questão</u> - {7} [38]<u>esses problemas</u>-{7+10}</p> <p>[39]<u>que</u>-{7} [40] <u>o nosso país</u> - {6}</p> <p>[41] <u>A colaboração e seriedade</u>-{1}</p> <p>[42] <u>esse país</u> - {7+10} [43] <u>muito difícil</u>-{11}</p> <p>[44] ∅ <u>encher</u>-{9}</p>

Assim, temos:

- [1] o debate do voto ser obrigatório; Referente de 1ª menção, por expressão nominal definida de uso referencial, para identificação inicial do objeto de discurso, ao modo de referente já disponível na memória discursiva, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado; logo, sem antecedente textual: sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao cotexto. Não há presença de título, mas o autor já identifica o tópico central por paráfrase do tema indicando que tal fato será debatido. Contudo, introduz-se uma ambiguidade, pois a locução verbal subsequente *vem sido discutido* nos aponta

tanto para o fato de o *debate* ser discutido como para a questão do *voto obrigatório*. Introdução de tópico. Status novo. {1}

- [2] __pessoas; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com denominação genérica sem referencialidade (referente virtual); sem remissão nem retomada no cotexto, referindo-se às pessoas em geral. Subtópico. Status inferível. {2}
- [3] que; pronominalização por uso do relativo referindo-se a [2]. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [4] no futuro; retomada de [1] por anáfora associativa, pois o debate a respeito das questões eleitorais ligam-se diretamente ao futuro de um povo. Subtópico. Status novo. {10}
- [5] nosso país; pronominalização {7} incluindo o autor do texto no discurso ao utilizar a primeira pessoa do plural, seguida de 1ª menção realizada por dêixis espacial {3} indicando o local a partir do qual emergem as discussões e que vai servir de base para toda argumentação. Subtópico. Status novo.
- [6] 15 % da população; retomada implícita de [2], feita por expressão partitiva. O aluno utiliza-se de um dado cuja fonte não é indicada. Trata-se de anáfora associativa às pessoas que *não pensam com seriedade no futuro do país* e, conseqüentemente, segundo o autor, anulam seus votos. Entretanto, ressalta-se problema de concordância, pois o verbo subsequente, *tem*, apresenta-se no singular. Tópico reintroduzido. Status inferível. {10}
- [7] seus votos nulos; retomada implícita de *voto [1]*, por anáfora associativa, pois infere-se que só há votos nulos em uma eleição, com uso de pronome. Subtópico. Status evocado. {7+10}

- [8] Øcontribuindo; elipse de [6]. Manutenção tópica. Status inferível. {9}
- [9] nosso objetivo – pronominalização {7} seguida de anáfora associativa {10} em relação ao fato de que os eleitores devem possuir objetivos durante o processo eleitoral. Subtópico. Status novo.
- [10] um candidato – 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com denominação genérica, já que se trata de um candidato qualquer, ou seja, aquele que será eleito por ocasião da eleição, sem referencialidade (referente virtual); sem remissão nem retomada no cotexto. Subtópico, pois todo processo eleitoral pressupõe candidatos. Status inferível. {2}
- [11] Ø temos; elipse do pronome *nós* que está implícito quando o autor inclui-se pela primeira vez no discurso em [5], ao utilizar o pronome possessivo de primeira pessoa do plural. Tópico novo. Status novo. {9}
- [12] consideração; nominalização do referente por derivação lexical com remissão a antecedente implícito. Subtópico. Status inferível. {5}
- [13] no Brasil; 1ª menção realizada por advérbio de lugar que orienta o leitor em relação ao país onde se realiza o voto, o tópico central a ser tratado no texto. A importância da citação do local revela-se pelo fato de o processo eleitoral ser diferente, a depender do país. Tópico reintroduzido. Status evocado. {3}
- [14] Ø temos; outra elipse que se refere a todos os eleitores incluindo o autor do texto, assim como em [11]. Tópico reintroduzido, pois reinsere o autor na argumentação. Status evocado. {9}

- [15] muitas opções; Pluralidade indeterminada, sem antecedente explícito no contexto, com introdução de elementos novos, sem linearidade continuativa. Subtópico. Status inferível. {8}
- [16] o nosso país; retomada anafórica explícita de [5] {6} com uso de pronome {7}. Tópico reintroduzido. Status evocado.
- [17] lotado de corruptos; referente com aporte de atributo remetendo a [16]. Subtópico. Status novo. {11}
- [18] Ø furtando; elipse de pronome relativo referente a [17]. Manutenção tópica. Status inferível. {9}
- [19] nosso dinheiro; uma vez que corrupção e furto envolvem dinheiro ou valores, estabelece-se anáfora associativa em relação a *corruptos e* ao furto, mencionado em [18], juntamente com uso de pronome. Status inferível. {7+10}
- [20] a situação; anáfora associativa que refere-se implicitamente à questão do voto no Brasil e à situação de corrupção no país. Subtópico. Status inferível. {10}
- [21] nosso país; retomada anafórica explícita de [5] com uso de pronome. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6+7}
- [22] nosso medíocre povo; 1ª menção, com remissão retrospectiva implícita a *pessoas* em [2], por anáfora indireta com aporte de atributo, com uso de pronome de primeira pessoa do plural (pronominalização) Subtópico. Status evocado, uma vez que o autor já falou em “pessoas” e em “população”. {7+4}
- [23] o nosso país; retomada anafórica explícita de [5] {6} com uso de pronome {7}. Tópico reintroduzido. Status evocado.

- [24] Pessoas; retomada explícita por repetição de [2]. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [25] que; retomada de [24] por pronominalização com uso do relativo. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [26] com preguiça; remissão a [24] com aporte de atributo. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [27] outras∅; pluralidade indeterminada {8} seguida de elipse {9} de [24]. Manutenção tópica. Status inferível.
- [28] quem; pronominalização referente àqueles que porventura receberam os votos dos eleitores. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [29] aquelas pessoas; expressão dêitica que remete implicitamente aos eleitores indecisos. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [30] que; retomada explícita de [29] por pronominalização. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [31] em quem; outra pronominalização referente àqueles que porventura receberam os votos dos eleitores. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [32] ∅ procuram; retomada de [29] por elipse. Tópico reintroduzido. Status inferível. {9}
- [33] o papel que cai no chão; retomada explícita por paráfrase com estabilidade/continuidade referencial por prospecção (catáfora). Subtópico. Status inferível. {6}
- [34] famosa boca de urna; 1ª menção, com remissão retrospectiva implícita, uma vez que se sabe que tal prática é comum nas eleições brasileiras, por meio de anáfora associativa. Subtópico. Status evocado. {4}

- [35] qualquer um; 1ª menção, com remissão retrospectiva implícita, aos candidatos considerados, pela maioria, não preparados; candidato qualquer. Subtópico. Status inferível. {4}
- [36] muito complicado; remissão a tudo o que foi argumentado no texto, o que já dá indícios de esgotamento de tópico, por meio de aporte de atributo. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [37] tal questão; retomada explícita de tudo o que foi argumentado, por meio de dêixis textual. Outra pista para o esgotamento do tópico central do texto contido em [1]. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [38] esses problemas; retomada implícita dos problemas que envolvem o processo eleitoral, tais como corrupção, votos nulos etc., por anáfora associativa {10} e por meio de expressão dêitica de cunho resumitivo {7}. Novamente, há indício de esgotamento de tópico. Status evocado.
- [39] que; retomada explícita de [38], por meio de pronominalização. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [40] o nosso país; retomada anafórica explícita de [5] com uso de pronome. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [41] A colaboração e seriedade; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida para identificação inicial do objeto de discurso ao modo de referente já disponível na memória discursiva, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado no que com cerne à participação popular no processo eleitoral. Subtópico. Status novo. {1}
- [42] esse país; retomada de [13] por anáfora associativa {10}, utilizando-se de expressão dêitica {7}. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7+10}

- [43] muito difícil; remissão de [42] com aporte de atributo e relata-nos problema de concordância . Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [44] Ø “encher gar”; retomada de [2] por elipse. Tópico reintroduzido. Status inferível. {9}

Novamente desenvolve-se um macrotópico (asserção de partida), no mesmo padrão das redações 1, 2, 3 e 4, com mais entidades evocadas (20), seguidas das inferíveis (14), e com apenas 10 entidades novas.

A redação 5 compõe-se de 44 (N=44) estratégias referenciais:

Estratégias Referenciais	{1}	{2}	{3}	{4}	{5}	{6}	{7}	{8}	{9}	{10}	{11}
Ocorrências	2	2	2	3	1	6	18	2	7	7	4
Percentual	5,54	5,54	5,54	6,81	2,27	13,63	40,90	5,54	15,90	15,90	9,09

Tabela 5 – Frequência das estratégias referenciais : Redação 5 (LM)

Este texto nos mostra o predomínio da estratégia {7}, 40,90%, que recobre os casos de pronominalização e dêixis textual, principalmente por que o autor apropria-se da primeira pessoa do plural incluindo-se no discurso. São relevantes também as estratégias {9} e {10}, 15,90%, recobrindo as elipses e, principalmente, os casos de anáfora associativa. Em terceiro lugar, a estratégia {6} surge com 13,63%.

3.4 Análise das produções textuais em língua inglesa (Língua Estrangeira)

Redação 6 (LE) – aluno NT

<p><u>Voting</u>[1] for <u>passion</u>[2] not for <u>Law</u>[3]</p> <p>First of all, <u>it</u>[4] is <u>an insult to democracy</u>[6] saying that <u>someone</u>[6] must vote, when, in fact, <u>he/she</u>[7] has <u>the right of voting</u>[8]. <u>It</u>[9]'s <u>his/her choice</u>[10] to do <u>it</u>[11]. <u>The freedom</u>[12] <u>that</u>[13] comes with <u>the democracy</u>[14] can't be disturbed on <u>its own foundation</u>[15].</p>	<p>[1] <u>Voting</u>-{5} [2] <u>passion</u>-{11} [3] <u>law</u>-{11}</p> <p>[4] <u>it</u> - {7} [5] <u>an insult to democracy</u> - {2}</p> <p>[6] <u>someone</u> - {7}</p> <p>[7] <u>he/she</u> - {7}</p> <p>[8] <u>the right of voting</u>-{1} [9] <u>It</u>-{7} [10] <u>his/her choice</u>-{7+5} [11] <u>it</u>-{7} [12] <u>The freedom</u>-{10}</p> <p>[13] <u>that</u>-{7} [14] <u>the democracy</u> - {6}</p> <p>[15] <u>its own foundation</u>-{7}</p>
<p><u>Making</u>[16] <u>legal</u>[17] a <u>disrespect</u>[18] like <u>that</u>[19] can bring <u>serious injuries</u>[20] to <u>democracy's bases</u>[21]. <u>People</u>[22] voting should be a <u>right</u>[23], not a <u>mandatory action</u>[24].</p> <p>When <u>someone</u>[25] does <u>anything</u>[26] by <u>his own</u>[27], normally, <u>he/she</u>[28] thinks more before do <u>it</u>[29].</p>	<p>[16] <u>Making</u> - {5} [17] <u>legal</u> - {11}</p> <p>[18] <u>a disrespect</u>-{2} [19] <u>that</u> - {7}</p> <p>[20] <u>serious injuries</u>-{4} [21] <u>democracy's bases</u> - {6} [22] <u>People</u> - {2} [23] <u>a right</u> - {11} [24] <u>a mandatory action</u> - {11}</p> <p>[25] <u>someone</u>-{7} [26] <u>anything</u>-{7}</p> <p>[27] <u>his own</u> - {7} [28] <u>he/she</u> - {7}</p> <p>[29] <u>it</u> - {7}</p>
<p><u>It</u>[30] would be <u>interesting</u>[31] having a <u>last forced votation</u>[32] and let <u>the people</u>[33] chose <u>by themselves</u>[34].</p>	<p>[30] <u>It</u> - {7} [31] <u>interesting</u> - {11}</p> <p>[32] <u>a last forced votation</u> - {2}</p> <p>[33] <u>the people</u>-{6} [34] <u>by themselves</u>-{7}</p>

<p><u>Most of developed countries</u>[35] have a <u>non mandatory voting system</u>[36], and for <u>that</u>[37] <u>they</u>[38] have <u>more satisfaction taxes</u>[39] among <u>the electors</u>[40].</p>	<p>[35] <u>Most of developed countries</u> – {2} [36] <u>non mandatory voting system</u> – {10} [37] <u>that</u> – {7} [38] <u>they</u> – {7} [39] <u>more satisfaction taxes</u> – {2} [40] <u>the electors</u> – {10}</p>
<p><u>That</u>[41] would be a <u>good way</u>[42] to follow up and improve <u>the quality of the national political system</u>[43].</p>	<p>[41] <u>That</u> – {7} [42] <u>a good way</u> – {11} [43] <u>the quality of the national political system</u> – {1}</p>

Assim, temos:

- [1] Voting; nominalização do tópico central do texto, uma vez que o sufixo –ing em Inglês tem a função de formar verbos no gerúndio, adjetivos e também substantivos²⁴. Tal procedimento é uma das estratégias próprias da língua inglesa para transformar verbos em substantivos. Vale salientar também que no Português é comum o uso do infinitivo como sujeito, o que não acontece no Inglês. No sistema da língua inglesa, opta-se pelo uso do gerúndio como forma nominal formadora de substantivo. Introdução de tópico. Status evocado. {5}
- [2] passion; remissão com aporte de atributo por remissão anafórica ao referente (objeto de discurso) introduzido por [1]. Continuidade tópica. O próprio título já aponta a escolha do argumento do autor do texto que explicita desde o início seu juízo de valor. Perelman; Olbrechts-Tyteca (2005, p.303) denominam *argumento pragmático* aquele que permite apreciar uma coisa

²⁴ Cf. SWAN (1998. p.277.).

mediante suas consequências, presentes ou futuras e que têm importância direta para a ação. Ele não requer nenhuma justificção para ser aceito pelo senso comum. Manutenção tópica. Status inferível. {11}

- [3] law; remissão com aporte de atributo por remissão anafórica ao referente (objeto de discurso) introduzido por [1] contrastando com o item [2], uma vez que atribui outro valor para o voto, ou seja, torna-se aspecto legal. Manutenção tópica. Status inferível. {11}
- [4] it²⁵; retomada explícita por pronome do voto obrigatório (“for Law”). Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [5] an insult to democracy²⁶; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo (referente virtual), sem remissão nem retomada no contexto introduzindo o aspecto democrático do voto no texto. Subtópico. Status novo. {2}
- [6] someone; remissão por pronominalização daqueles que podem votar, por meio de pronome indefinido. Subtópico. Status inferível. {7}
- [7] he/she - remissão por pronominalização referindo-se a [6]. Manutenção tópica. Status evocado no contexto e inferível no contexto. {7}
- [8] the right of voting; referente de 1ª menção por expressão nominal definida para indicar que o voto deveria ser um direito e não um dever, deixando pistas a respeito da opinião do autor do texto. Subtópico, apesar de ser referente de

²⁵ Vale salientar que o pronome *it* pode operar tanto como pronome pessoal, em posição de sujeito, como também possui a função de pronome oblíquo em função de complemento verbal.

²⁶ Alguns sintagmas serão analisados em sua totalidade por razões sintáticas. Acredita-se que a unidade de sentido encontra-se em seu todo, não em partes isoladas.

1ª menção, pois ainda tem ligação semântica com o tópico central do texto.

Tópico novo. Status novo. {1}

- [9] it; retomada implícita por pronome de tudo o que foi dito antes, uma vez que não existe elipse de sujeito na língua inglesa. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [10] his\her choice; pronominalização {7} com o uso dos dois pronomes, por razão de polidez (politicamente correto) seguida de nominalização {5} que indica que o voto não deve ser obrigatório apontando mais uma vez para o argumento do autor. Manutenção tópica. Status novo.
- [11] it; retomada explícita de [1] por pronominalização. Manutenção tópica. Status evocado {7}
- [12] The freedom; retomada implícita por paráfrase e anáfora associativa de [8] e [10]. Tópico reintroduzido. Status evocado. {10}
- [13] that; pronominalização por meio de relativo retomando [12]. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [14] the democracy; retomada explícita por repetição de [6] por retrospecção (anáfora). Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [15] its own²⁷ foundation; retomada explícita de [14] por pronome. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [16] Making; nominalização de verbo cognato antecipando [20]. Tópico novo. Status novo. {5}

²⁷ VASCONCELOS (1969, p.102) afirma que a palavra “próprio(a)” será pronome adjetivo demonstrativo quando equivalente ao termo “o mesmo”.

- [17] legal; referente atributivo referindo-se ao fato de que o voto ainda é obrigatório no Brasil, mas, segundo o autor, precisa ser legalmente facultativo. Refere-se implicitamente também a “desrespeito”. Tópico reintroduzido.²⁸ Status inferível. {11}
- [18] a disrespect; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo sem remissão nem retomada no co-texto. Tópico novo. Status novo. {2}
- [19] that; outra remissão ao fato do voto ser obrigatório, mas por meio de pronominalização e dêixis textual. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [20] serious injuries; 1ª menção, com remissão retrospectiva implícita ao voto obrigatório, por anáfora indireta com base em estruturas cognitivas, com extensão de sentido e com aporte de atributo. Tópico novo. Status novo. {4}
- [21] democracy's bases; retomada explícita de [15] por meio de paráfrase. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [22] People; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com denominação genérica referindo-se às pessoas em geral; sem remissão nem retomada no cotexto. Subtópico. De acordo com o sistema da língua inglesa, falta o uso do possessivo por meio do genitivo `s. Status inferível. {2}
- [23] a right; referente de uso atributivo retomando [1] favorável ao argumento do autor. Tópico reintroduzido. Status evocado. {11}

²⁸ Apesar da reintrodução de tópicos, todos eles referem-se ao mesmo tema, uma vez que os textos em análise possuem unidade temática.

- [24] a mandatory action; referente de uso atributivo, retomando [1] mas que contraria argumento do autor denunciando o que realmente acontece em relação ao voto. Tópico reintroduzido. Status evocado. {11}
- [25] someone; remissão por pronominalização daqueles que podem votar, por meio de pronome indefinido. Tópico reintroduzido, uma vez que já fora citado em [6]. Status evocado. {7}
- [26] anything²⁹; pronominalização implícita e inferível que se refere a “qualquer coisa”. Tópico novo. Status novo. {7}
- [27] his own; retomada de [25] por pronominalização. Dessa vez, o autor do texto não optou pela forma dupla his/her, utilizada no transcorrer do texto, o que denota falta de paralelismo. Subtópico. Status evocado. {7}
- [28] he/she - remissão por pronominalização referindo-se a [7]. Subtópico. Status evocado. {7}
- [29] it; retomada de [26] por pronominalização. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [30] It; pronominalização pelo fato de não haver elipse de sujeito em Inglês, esse pronome refere-se a toda a todo o parágrafo subsequente. Tópico novo. Status evocado no cotexto (por catáfora) e novo no contexto. {7}
- [31] interesting; referente atributivo que se refere a [32] por catáfora. Subtópico. Status novo. {11}

²⁹ RONCARATI (2003, p.150) trata das chamadas pró-formas pronominais que, segundo a autora, exigem processos inferenciais e compartilhamento léxico-estereotípico-culturais e constitui uma estratégia de ativação de referentes cujo ponto de ancoragem interpretativa é o da associação temática à moldura sócio-comunicativa em foco.

- [32] a last forced votation; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo; indicando que a votação no Brasil é obrigatória. Subtópico. Status novo. {2}
- [33] the people; retomada explícita repetição de [26], por retrospecção (anáfora). Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [34] by themselves³⁰; retomada de [33] por pronominalização. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [35] Most of developed countries; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo e com denominação genérica (referente virtual); sem remissão nem retomada no cotexto. Subtópico. Status novo. {2}
- [36] non mandatory voting system; retomada implícita por paráfrase, no que tange ao fato de que o voto deveria ser uma escolha, um direito. Tópico reintroduzido. Status evocado. {10}
- [37] that; retomada explícita de [36] por pronominalização. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [38] they; retomada explícita de [33] por pronominalização. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [39] satisfaction taxes; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo e com denominação genérica de valor semântico no que tange à taxa de satisfação das pessoas em relação ao governo pretendido;

³⁰ Optou-se pela utilização da expressão “by themselves”, ao invés de se usar somente o pronome, pois o sentido é alterado no que diz respeito ao uso dos pronomes reflexivos em Inglês. Quando o pronome reflexivo é antecedido pela preposição “by”, toda a expressão significa *sozinho, sem companhia*.

(referente virtual); sem remissão nem retomada no cotexto. Subtópico. Status novo. {2}

- [40] the electors; retomada implícita de [1], o tópico central do texto, por meio de anáfora indireta, uma vez que toda votação exige eleitores. Subtópico. Status inferível. {10}
- [41] That; retomada de todo o parágrafo anterior por meio de pronominalização. Pronome resumitivo. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [42] a good way; referente atributivo também referindo-se ao parágrafo anterior. Manutenção tópica. Status evocado. {11}
- [43] the quality of the national political system; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado; logo, sem antecedente textual: sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao co-texto; indica esgotamento de tópico. Status novo. {1}

A redação 6 chama a atenção pelo uso de dois pronomes para indicar a terceira pessoa do singular. O **Longman dictionary of contemporary English** (1995, p.656-657) trata da questão do uso dos dois pronomes quando a referência pode ser atribuída a todas as pessoas, independente do sexo. O dicionário mostra que o pronome de referência a ambos os sexos é o *He*, com o seguinte exemplo: *Everyone should do what he considers best*. Todavia, acrescenta nota que afirma que, por razões de polidez, algumas pessoas, principalmente mulheres, optam por utilizarem ou o pronome *they*, que abrange tanto o plural tanto para o masculino como para o feminino, ou, principalmente na escrita, utilizam a forma *he/she*.

Além disso, o texto em questão se desenvolve com o predomínio de entidades evocadas, 24, seguidas de 18 entidades novas e 6 inferíveis. A quantidade de entidades evocadas parece evidenciar o caráter monotemático do texto.

Esse texto compõe-se de 43 (N=43) estratégias referenciais referenciais:

Estratégias Referenciais	{1}	{2}	{3}	{4}	{5}	{6}	{7}	{8}	{9}	{10}	{11}
Ocorrências	2	6	0	1	3	3	19	0	0	3	7
Percentual	4,65	13,95	0	2,32	6,97	6,97	44,18	0	0	6,97	16,27

Tabela 6 – Frequência das estratégias referenciais : Redação 6 (LE)

A redação 6 apresenta o predomínio da estratégia referencial {7}, 44,18%, o que comprova o uso constante de pronominalizações na língua inglesa devido ao fato de não apresentar-se como língua *pro-drop*³¹. Depois aparece a estratégia {11} com 16,27%, seguida da estratégia {2}, 13,95%.

Redação 7 (LE) – aluna LN

<u>Here, in Brazil</u> [1], <u>it</u> [2]'s <u>a good question</u> [3] ³² and <u>year after year</u> [4] have ³³ become <u>a big discussion</u> [5] .	[1] <u>Here, in Brazil</u> – {3} [2] <u>it</u> – {7} [3] <u>a good question</u> – {11} [4] <u>year after year</u> – {3} [5] <u>a big discussion</u> – {11}
<u>In a country</u> [6] <u>where</u> [7] <u>people</u> [8] have <u>democracy</u> [9], <u>they</u> [10] should choose <u>voting</u> [11] or not Ø[12].	[6] <u>In a country</u> – {3} [7] <u>where</u> – {7} [8] <u>people</u> – {2} [9] <u>democracy</u> – {4} [10] <u>they</u> – {7} [11] <u>voting</u> – {5} [12] Ø – {9}
<u>Many people</u> [13] think that if	[13] <u>Many people</u> – {6}

³¹ O parâmetro *pro-drop* categoriza as línguas que permitem que a posição do sujeito fique vazia, como o Italiano e o Português, e línguas que não permitem, de sujeito obrigatório como o Inglês. (Cf. MIOTO *et al.* 1999, p.36-37)

³² Aconselha-se o uso do relativo *which* que justificaria a elipse do sujeito junto ao verbo subsequente.

³³ A elipse provocou erro de concordância, deveria ser *has*, uma vez que se trata de singular.

it[14] were <u>optional</u> [15], <u>the majority</u> [16]	[14]it- ^{7} [15]optional – {11} [16] <u>the majority</u> - ^{10}
or, at least, <u>a big part of population</u> [17]	[17] <u>a big part of population</u> - ^{10}
wouldn't voting ³⁴ . I[18] agree with <u>it</u> [19],	[18]I- ^{3} [19]it- ^{7}
but Ø[20] still think that <u>it</u> [21] would be	[20] Ø- ^{9} [21] it – ^{7}
<u>better</u> [22] and <u>more fair</u> [23].	[22] <u>better</u> – {11} [23] <u>more fair</u> – {11}
<u>The</u> <u>society</u> [24] is	[24] <u>The society</u> – {6}
<u>disappointed</u> [25] with <u>the</u>	[25] <u>disappointed</u> – {11}
<u>government</u> [26] wouldn't <u>it</u> [27] really be	[26] <u>the government</u> – {10} [27] it – {7}
<u>better</u> [28] if just voting <u>who</u> [29] is	[28] <u>better</u> – {11+6} [29] <u>who</u> – {7}
<u>interesting</u> [30]?	[30] <u>interesting</u> – {11}

Assim:

- [1] Here, in Brazil; 1ª menção realizada por pronome ou dêixis espacial, indicando o local a partir do qual ocorre a argumentação em relação ao tema. Tópico novo. Status novo. {3}
- [2] it; retomada explícita do tema do texto por pronominalização. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [3] a good question; remissão com aporte de atributo por remissão anafórica ao referente (objeto de discurso); com função presumível de evolução referencial. Manutenção tópica. Status novo. {11}

³⁴ Deveria ser *vote*, pois espera-se o uso de verbo após *wouldn't*, – marcação equivalente ao futuro do pretérito em Português.

- [4] year after year; 1ª menção de referente por meio de expressão dêitica temporal indicando que as discussões a respeito do voto obrigatório são recorrentes. Tópico novo. Status novo. {3}
- [5] a big discussion; outra remissão com aporte de atributo por remissão anafórica ao fato de o voto obrigatório não ser uma questão menor, mas importante nos diversos contextos sociais. Manutenção tópica. Status evocado. {11}
- [6] In a country; retomada explícita de [1] por meio de dêixis espacial. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [7] where; retomada de [6] por pronome relativo. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [8] people; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com denominação genérica; sem remissão nem retomada no cotexto, referindo-se às pessoas em geral. Tópico novo. Status inferível. {2}
- [9] democracy; 1ª menção, com remissão retrospectiva implícita ao Brasil, por anáfora indireta com base em estruturas cognitivas e conhecimento enciclopédico, uma vez que o Brasil é um país democrático. Subtópico. Status evocado. {4}
- [10] they; retomada de [8] por pronome. Tópico novo. Status inferível. {7}
- [11] voting; nominalização do ato de votar, novamente respeitando o sistema da língua inglesa de utilizar o gerúndio como substantivo. Tópico reintroduzido. Status evocado. {5}
- [12] Ø; retomada implícita por elipse do referente [11]. Anáfora zero. Manutenção tópica. Status evocado. {9}

- [13] Many people; retomada explícita de [8] por meio de repetição de item. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [14] it; retomada por pronominalização de [11]. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [15] optional; remissão a [11] com aporte de atributo. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [16] the majority; retomada implícita de [8] por processo metonímia. Tópico reintroduzido. Status evocado. {10}
- [17] a big part of the population; assim como [16], retomada implícita de [8] por processo de metonímia. Manutenção tópica. Status evocado. {10}
- [18] I; 1ª menção realizada por pronome referindo-se ao próprio autor do texto, que nele se inclui. Tópico novo. Status novo. {3}
- [19] it; retomada por pronominalização referindo-se ao fato de o voto ser opcional e não levar grande parte da população às urnas. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [20] \emptyset ; retomada implícita de [18] por elipse. Acredita-se que tal estratégia pode ter sido influenciada pela língua materna do autor – a portuguesa – pelo fato, de em Inglês, não haver sujeito oculto. Logo, a elipse, nessa frase, é inadequada. Manutenção tópica. Status evocado. {9}
- [21] it; retomada por pronominalização do fato de o voto ser opcional. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [22] better; remissão com aporte de atributo ao voto como ato opcional. Manutenção tópica. Status novo. {11}

- [23] more fair; remissão com aporte de atributo ao voto como ato opcional. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [24] The society; retomada explícita de [8] por paráfrase. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [25] disappointed; remissão a [24] com aporte de atributo. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [26] the government; anáfora indireta referindo-se ao tópico central do texto, uma vez que voto, eleição e país democrático, pressupõem a existência de governo. São termos que se referem a um mesmo campo semântico. Subtópico. Status inferível. {10}
- [27] it; essa pronominalização parece possuir referência genérica devido ao fato de o Inglês não possuir elipse de sujeito. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [28] better; remissão com aporte de atributo {11} em razão de o voto ser ato opcional por meio de repetição de termo {6}. Manutenção tópica. Status novo.
- [29] who; pronominalização referindo-se ao ato de votar por opção. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [30] interesting; remissão com aporte de atributo em razão de o voto ser ato opcional. Esgotamento de tópico. Status evocado. {11}

Na análise dessa redação, cumpre destacar um problema: parece haver um truncamento na frase *“The society is disappointed with the government wouldn’t it really be better if just voting who is interesting?”*, uma vez que não há indicação de sujeito provocando incoerência local e, além disso, incoerência no que se refere ao

texto como um todo, haja vista que o aluno se prepara para seu enquadre final (asserção de chegada).

No que concerne à taxa informacional, a redação 7 apresenta-se com 18 entidades evocadas, 10 novas e somente 3 inferíveis. Esse diferencial quantitativo pode ser justificado em razão da predominância de pronominalizações {7} e de referentes atributivos {11} (26,66% cada) e de poucas entidades novas.

A redação 7 compõe-se de 31 (N=31) estratégias referenciais:

Estratégias Referenciais	{1}	{2}	{3}	{4}	{5}	{6}	{7}	{8}	{9}	{10}	{11}
Ocorrências	0	1	4	1	1	3	9	0	2	3	8
Percentual	0	3,22	12,90	3,22	3,22	9,67	29,03	0	6,45	9,67	25,08

Tabela 7 – Frequência das estratégias referenciais : Redação 7 (LE)

A autora da redação 7 utiliza-se das estratégias {7} e {11} com aproximada frequência: 29,03% e 25,08%, respectivamente. Novamente, há predomínio da estratégia de pronominalização juntamente com a remissão com aporte de atributo. Depois, curiosamente, aparece uma estratégia de 1ª menção, a estratégia {3}, com 12,90%.

Redação 8 (LE) – aluna MR

<u>In Brazil</u> [1], <u>voting</u> [2] is <u>an act</u>	[1] <u>In Brazil</u> – {3} [2] <u>voting</u> – {5}
<u>mandatory</u> [3], but <u>∅</u> [4] is <u>an act of</u>	[3] <u>an act mandatory</u> – {11} [4] <u>∅</u> – {9}
<u>democracy</u> [5].	[5] <u>an act of democracy</u> – {11}
<u>Voting</u> [6] is <u>a</u> <u>right</u> [7]	[6] <u>Voting</u> – {6} [7] <u>a right</u> – {11}
<u>that</u> [8] attend <u>all people</u> [9], including	[8] <u>that</u> – {7} [9] <u>all people</u> – {2}
<u>illiterate</u> [10], <u>teenagers with 16 year or</u>	[10] <u>illiterate</u> – {10} [11] <u>teenagers with</u>
<u>more</u> [11], so all.	<u>16 year or more</u> – {10}

<p>But is so <u>contradictory</u>[12] live in a <u>country democratic</u>[13] and <u>voting</u>[14] to be <u>mandatory</u>[15].</p> <p><u>People</u>[16] could have a <u>right</u>[17] to opt for think that <u>voting</u>[18] is <u>good</u>[19], or not Ø[20] for <u>your lives</u>[21].</p> <p><u>It</u>[22]’s <u>an absurd</u>[23] to have <u>punishment</u>[24] for <u>that people</u>[25] that don’t want voting .</p> <p><u>The population</u>[26] wait ³⁵<u>in the future</u>[27] <u>that situation</u>[28] change, because Ø[29] will be a <u>fact so important</u>[30] for <u>Brazil</u>[31], so important for <u>its culture</u>[32], <u>it</u>[33] is so <u>fantastic</u>[34] for <u>its sons</u>[35]</p>	<p>[12] <u>contradictory</u> – {11} [13] <u>a country democratic</u>-{7+11} [14] <u>voting</u> – {6}</p> <p>[15] <u>mandatory</u> – {11}</p> <p>[16] <u>People</u> – {6} [17] <u>a right</u> – {6}</p> <p>[18] <u>voting</u> – {6}</p> <p>[19]<u>good</u>-{11} [20]Ø- {9} [21]<u>your lives</u>-{7}</p> <p>[22] <u>it</u> – {7} [23] <u>an absurd</u> – {11}</p> <p>[24] <u>punishment</u> – {10} [25] <u>that people</u>-{7+6}</p> <p>[26] <u>The population</u> – {6} [27] <u>in the future</u> – {3} [28] <u>that situation</u> – {10}</p> <p>[29] Ø- {9} [30] <u>a fact so important</u>-{11}</p> <p>[31] <u>Brazil</u>-{6}</p> <p>[32] <u>its culture</u> – {7} [33] <u>it</u> – {7}</p> <p>[34] <u>fantastic</u> – {11} [35] <u>its sons</u> – {7+2}</p>
--	--

Analizamos assim:

- [1] In Brazil; 1ª menção realizada por pronome ou dêixis temporal, indicando o local a partir do qual ocorre a argumentação em relação ao tema. Tópico novo. Status novo. {3}

³⁵ A idéia contida neste verbo seria mais explícita se a autora optasse por *hope*, que melhor traduz o sentido de esperança no futuro.

- [2] voting; nominalização do ato de votar, novamente respeitando o sistema da língua inglesa de utilizar o gerúndio como substantivo. Introdução de tópico no texto, uma vez que já foi citado no tema. Status evocado. {5}
- [3] an act mandatory; remissão de [2] com aporte de atributo. Manutenção tópica. Status evocado. {11}
- [4] Ø; acredita-se haver elipse do pronome IT referindo-se a [2], pelo fato de não haver sujeito oculto em Inglês. Manutenção tópica. Status evocado. {9}
- [5] an act of democracy; remissão de [2] com aporte de tributo. Subtópico a partir do momento que aciona a questão democrática. Status novo. {11}
- [6] voting; retomada explícita de [2] por repetição de item. Manutenção tópica. Status evocado. {6}
- [7] a right; remissão de [2] com aporte de atributo. Manutenção tópica. Status inferível. {11}
- [8] that; retomada explícita de [7] por meio de pronome relativo (pronominalização). Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [9] all people; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de denominação genérica, referindo-se às pessoas em geral; sem remissão nem retomada no co-texto. Subtópico. Status inferível. {2}
- [10] illiterate; retomada implícita de [9] por meronímia, referindo-se àqueles que são analfabetos, logo sugere-se que analfabetos poderiam ter alguma restrição ao voto. Subtópico. Status novo. {10}
- [11] teenagers with 16 year or more; retomada implícita de [9] por meronímia, referindo-se aos menores de 18 anos que têm direito ao voto no Brasil.

Todavia, há inadequação de concordância, deveria ser “16 years”. Subtópico.

Status novo. {10}

- [12] contradictory; remissão atributiva por catáfora em relação a [13]. Subtópico. Status novo. {11}
- [13] a country democratic; retomada de [1] por expressão dêitica {7} com aporte de atributo {11}. Tópico reintroduzido. Status evocado.
- [14] voting; retomada explícita de [2] por repetição de item. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [15] mandatory; remissão atributiva de [14]. Manutenção tópica. Status evocado. {11}
- [16] People; retomada explícita de [9] por repetição de item. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [17] a right; retomada explícita de [7] por repetição de item. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [18] voting; retomada explícita de [2] por repetição de item. Tópico reintroduzido. Manutenção tópica. Status evocado. {6}
- [19] good; remissão com aporte de atributo de [18]. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [20] Ø; retomada implícita de [19] por elipse, a fim de evitar repetição do termo. Manutenção tópica. Status inferível. {9}
- [21] your lives; retomada de [16] por expressão pronominal. Entretanto, há inadequação quanto ao uso do sistema de pronomes (concordância nominal): deveria ser *their* para indicar as vidas das pessoas de [16]. O texto em questão apresenta vários equívocos em relação à gramática da língua inglesa. Tal fato

atesta que, mesmo em nível avançado de fluência, os discentes ainda possuem problemas no que concerne à modalidade escrita da língua, como os participantes desta pesquisa relataram em seus questionários (vide anexo).

Subtópico. Status inferível. {7}

- [22] It; pronome que prenuncia toda a frase por catáfora, novamente respeitando o sistema da língua inglesa, ao colocar o pronome na posição de sujeito. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [23] an absurd; referente atributivo em relação à punição àqueles que deixam de votar, uma vez que o mesmo ainda é obrigatório no Brasil. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [24] punishment; anáfora associativa, uma vez que aqueles que não votam no Brasil são punidos. Subtópico. Status novo. {10}
- [25] that people; retomada explícita de [9] por repetição de item {6} acompanhada de pronome dêitico {7}. Tópico reintroduzido. Status evocado.
- [26] the population; retomada explícita de [9] por paráfrase ou sinonímia. Manutenção tópica. Status evocado. {6}
- [27] in the future; 1ª menção por meio de expressão dêitica temporal referindo-se ao futuro do Brasil e à expectativa do autor em relação ao mesmo. Subtópico. Status inferível. {3}
- [28] that situation; anáfora associativa em relação a tudo o que foi argumentado no texto no que se refere ao voto. Manutenção tópica. Status evocado. {10}

- [29] Ø; novamente, acredita-se haver elipse do pronome IT referindo-se a [2], pelo fato de não haver sujeito oculto em Inglês. Manutenção tópica. Status inferível. {9}
- [30] a fact so important; remissão atributiva à questão eleitoral. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [31] Brazil; retomada explícita de [1] por repetição de item. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [32] its culture; retomada de [31] por expressão pronominal. Tópico novo. Status novo. {7}
- [33] it; novamente, pronome que prenuncia toda a frase por catáfora, novamente respeitando o sistema da língua inglesa ao fornecer o pronome na posição de sujeito. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [34] fantastic; remissão atributiva em relação à esperada mudança no sistema eleitoral predita pela autora no parágrafo anterior. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [35] its sons; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com denominação genérica {2} referindo-se aos brasileiros; sem remissão nem retomada no cotexto, acompanhado de pronome possessivo {7} referindo-se a [31]. Esgotamento de tópico. Status evocado.

A redação 8 serve de exemplo para percebermos a influência do sistema da língua materna no aprendizado de uma língua estrangeira, uma vez que a aluna obedece à ordem canônica do Português utilizando o substantivo antes do adjetivo no texto em Inglês. Contudo, sabe-se que a ordem das palavras em Inglês difere da do Português. Um exemplo disso está na ordem ADJETIVO + SUBSTANTIVO, que é fixa na

língua estrangeira e variável na materna. Assim, a aluna comete um equívoco no que se refere ao sistema do Inglês ao empregar a ordem comum no Português: SUBSTANTIVO+ADJETIVO. Tal fato evidencia-se uma vez que a aluna comete esse equívoco outras vezes. Apesar desse equívoco de ordem sistemática, ela consegue ativar os referentes e construir, assim, os objetos de discurso.

Em relação ao *status* informacional, a redação 8 registra com 18 entidades evocadas, 11 novas e somente 6 inferíveis. Assim como na redação 7, houve preferência pelo uso de retomadas por pronominalização (22,85%), repetições (22,85%) e remissões atributivas (25,71%), o que também parece justificar o número de entidades evocadas.

A redação 8 compõe-se de 35 (N=35) estratégias referenciais:

Estratégias Referenciais	{1}	{2}	{3}	{4}	{5}	{6}	{7}	{8}	{9}	{10}	{11}
Ocorrências	0	2	2	0	1	8	8	0	3	4	9
Percentual	0	5,71	5,71	0	2,85	22,85	22,85	0	8,57	11,42	25,71

Tabela 8 – Frequência das estratégias referenciais : Redação 8 (LE)

A autora elenca suas estratégias referenciais com 25,71% de remissões atributivas {11}, 22,85% de pronominalizações {7} e de repetições {6}. Mais uma vez, as estratégias {7} e {11} aparecem como recorrentes nas redações em LE.

Redação 9 (LE) – aluna MF

Unfortunally, when <u>it</u> [1] comes to	[1] <u>it</u> - {3}
<u>politics</u> [2] <u>Brazil</u> [3] has still been	[2] <u>politics</u> – {1} [3] <u>Brazil</u> – {3+4}
<u>ignorant</u> [4]. Ø[5]Been <u>a free and</u>	[4] <u>ignorant</u> – {11} [5] Ø-{9}
<u>democratic country</u> [6] after <u>a huge</u>	[6] <u>a free and democratic country</u> – {6+11}
<u>political battle</u> [7] and as <u>a victory</u> [8] for	[7] <u>a huge political battle</u> – {2} [8] <u>a victory</u> – {11}

<p><u>the population</u>[9] <u>the “direct and free election”</u>[10] was <u>elected</u>[11].</p>	<p>[9] <u>the population</u> – {2} [10] <u>the direct and free election</u>– {11+4} [11]<u>elected</u>-{11}</p>
<p><u>The “Brazilian democracy”</u>[12] states <u>the obligation</u>[13] to vote but would <u>it</u>[14] be <u>a wise decision</u>[15] considering that <u>the level of the political education</u>[16] is so <u>low</u>[17] and that <u>Brazil</u>[18] faces so <u>many social problems</u>[19]?</p>	<p>[12] <u>The “Brazilian democracy”</u> – {6} [13] <u>the obligation</u> – {10} [14] <u>it</u> – {7} [15] <u>a wise decision</u> – {4} [16]<u>the level of the political education</u>-{10} [17] <u>low</u> – {11} [18] <u>Brazil</u> – {6} [19] <u>so many social problems</u> – {8+10}</p>
<p>Because of <u>the low level of the public education</u>[20] and <u>all the social problems</u>[21] faced by <u>the Brazilian population</u>[22]. So <u>many people</u>[23] consider <u>the wrong agent</u>[24] to make <u>their choice</u>[25] <u>asphalt</u>[26], <u>public illumination</u>[27] and so <u>many other ways of grant</u>[28] are <u>a promised</u>[29] by <u>politicians</u>[30] to <u>these people</u>[31] to get <u>votes</u>[32]. But <u>they</u>[33] have no <u>idea</u>[34] that <u>all of this</u>[35] is <u>an obligation</u>[36] from <u>them</u>[37] to <u>us</u>[38] and <u>it</u>[39]’s <u>our right</u>[40] to get <u>all of this</u>[41].</p>	<p>[20] <u>the low level of the public education</u> – {11} [21] <u>all the social problems</u> –{6} [22] <u>the Brazilian population</u> – {6} [23] <u>many people</u> – {6} [24] <u>the wrong agent</u> – {4} [25] <u>their choice</u> -{7+5} [26]<u>asphalt</u> – {10} [27] <u>public illumination</u>-{10} [28] <u>many other ways of grant</u> – {10} [29]<u>a promised</u>-{10} [30] <u>politicians</u> – {10} [31]<u>these people</u>-{7+6} [32]<u>votes</u> – {10} [33]<u>they</u>-{7} [34]<u>idea</u>-{2} [35]<u>all of this</u>-{7} [36]<u>an obligation</u>-{11} [37] <u>them</u>-{7} [38] <u>us</u> – {7} [39] <u>it</u>-{7} [40] <u>our right</u>-{7+10} [41] <u>all of this</u>-{6}</p>
<p>If <u>we</u>[42] would start <u>the “optional</u></p>	<p>[42] <u>we</u> – {7} [43] <u>the “optional vote”</u>-{10}</p>

<u>vote</u> [43] <u>in Brazil</u> [44] and <u>decision</u> [45]	[44] <u>in Brazil</u> – {6} [45] <u>decision</u> – {10}
would be made by <u>people</u> [46] with a <u>real</u>	[46] <u>people</u> – {6} [47] <u>a real knowledge-</u>
<u>knowledge</u> [47] like <u>in developed</u>	{11} [48] <u>in developed countries</u> – {3}
<u>countries</u> [48] <u>as USA for example</u> [49], <u>the</u>	[49] <u>as USA for example</u> – {10}
<u>government</u> [50] would become	[50] <u>the government</u> – {6}
<u>serious</u> [51], based in <u>ideas</u> [52] and not	[51] <u>serious</u> – {11} [52] <u>ideas</u> – {10}
<u>grants</u> [53].	[53] <u>grants</u> – {6}

Eis a análise:

- [1] it; 1ª menção por pronominalização, antecipando [2]. Introdução de tópico. Status evocado no tema e retomado por catáfora no cotexto. {3}
- [2] politics; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida para identificação inicial do objeto de discurso ao modo de referente já disponível na memória discursiva, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado, logo sem antecedente textual: sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao cotexto. Introdução de tópico. Status inferível. {1}
- [3] Brazil; 1ª menção realizada por dêixis temporal {3}, estabelecendo o local a partir do qual as discussões sobre política emergem. Todavia, também refere-se aos brasileiros por metonímia {4}. Subtópico. Status novo.
- [4] ignorant; remissão de [3] com aporte de atributo. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [5] Ø; retomada implícita de [3] por elipse. Cabe destacar que o autor do texto comete um equívoco em relação ao sistema da língua inglesa, ao utilizar-se de

elipse para sujeito da oração. Deveria haver, no mínimo, um pronome.

Manutenção tópica. Status inferível. {9}

- [6] a free and democratic country; retomada explícita de [3] por paráfrase {6} e por remissão atributiva {11}. Tópico reintroduzido. Status evocado.
- [7] a huge battle; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo com denominação genérica, referindo-se à luta pela democracia travada no país durante o período de ditadura militar. Subtópico. Status novo. {2}
- [8] a victory; remissão atributiva de [7]. Manutenção tópica. Status inferível. {2}
- [9] the population; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com denominação genérica referindo-se ao povo em geral; sem remissão nem retomada no co-texto. Subtópico. Status inferível. {2}
- [10] the “direct and free election”; 1ª menção por anáfora associativa {4}, remetendo ao fato de um país livre e democrático [6] possuir eleições livres e diretas; com aporte de atributo {11}. Subtópico. Status inferível.
- [11] elected; remissão atributiva de [10]. Manutenção tópica. Status evocado. {11}
- [12] The “Brazilian democracy”; retomada explícita de [6] por paráfrase e repetição de item. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [13] the obligation; retomada de [12] por anáfora associativa, uma vez que no Brasil, apesar dos princípios democráticos, o voto é obrigatório. Subtópico. Status novo. {10}
- [14] it; retomada de [13] por pronominalização. Manutenção tópica. Status evocado. {7}

- [15] a wise decision; 1ª menção, com remissão retrospectiva implícita ao fato do voto ser ou não obrigatório, por anáfora indireta com aporte de atributo. Subtópico. Status inferível. {4}
- [16] the level of the political education; anáfora associativa no que tange à questão educacional, visto que se tornou comum no Brasil dizer que as pessoas que não tiveram oportunidades de estudo, não estão em condições de escolher um candidato. Subtópico. Status novo. {10}
- [17] low; remissão atributiva de [16]. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [18] Brazil; retomada explícita de [3] por repetição de item. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [19] so many social problems; pluralidade indeterminada {8}, sem antecedente explícito no contexto, com introdução de elementos novos, sem linearidade continuativa; além de anáfora associativa {10}: em período de eleições costuma haver focalização nos problemas sociais. Subtópico. Status novo.
- [20] the low level of the public education; remissão de [16] com aporte de atributo. Tópico reintroduzido. Status evocado. {11}
- [21] all the social problems; retomada explícita de [19] por repetição de item. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [22] the Brazilian population; retomada explícita de [9] por repetição de item e paráfrase. Contudo, não houve progressão tópica, em razão da ausência do sintagma verbal necessário à frase. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [23] many people; retomada de [22] por paráfrase. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}

- [24] the wrong agent; 1ª menção, com remissão implícita aos itens que seguites: as promessas dos candidatos por anáfora associativa. Subtópico. Status novo. {4}
- [25] their choice; nominalização {5} precedida de pronome {7}. Ao introduzir esses tópicos (de 25 a 28), a aluna produz um truncamento, ao introduzir referentes em uma série enunciativa mas sem âncora ou base cotextual. Tópico novo. Status novo.
- [26] asphalt; retomada implícita de [24] por meronímia. Subtópico. Status novo. {10}
- [27] public illumination; retomada implícita de [24] por meronímia. Subtópico. Status novo. {10}
- [28] many other ways of grant; retomada implícita de [24] por meronímia. Subtópico. Status inferível. {10}
- [29] a promised; apesar do uso inadequado pelo aluno, que ao invés de utilizar-se do substantivo *promise*, utilizou –se do adjetivo, retomada implícita de [24] por meronímia. Subtópico. Status inferível. {10}
- [30] politicians; anáfora associativa ao fato de que toda eleição pressupões políticos. Subtópico. Status inferível. {10}
- [31] these people; retomada explícita de [9] por meio de paráfrase e pronome dêitico. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7+6}
- [32] votes; anáfora associativa, pois toda eleição utiliza votos. Subtópico. Status inferível. {10}
- [33] they; retomada de [30] por meio de pronominalização. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}

- [34] idea; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo e com denominação genérica de valor semântico; sem remissão nem retomada no contexto. Subtópico. Status novo. {2}
- [35] all of this; remissão a tudo o que foi exposto desde [26] até [29] por meio de expressão dêitica. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [36] an obligation; remissão a [35] com aporte de atributo. Manutenção tópica. Status inferível. {11}
- [37] them; retomada de [30] por pronominalização. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [38] us; retomada de [9] por pronominalização. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [39] it; pronome que antecipa o que vai ser expresso posteriormente pelo fato de não existir sujeito oculto em Inglês. Manutenção tópica. Status evocado. {7}
- [40] our right; uma vez que eleições em países democráticos envolvem direitos e deveres, trata-se de anáfora associativa com pronominalização. Subtópico. Status inferível. {7+10}
- [41] all of this; retomada explícita de [35] por repetição. Manutenção tópica. Status evocado. {6}
- [42] we; pronominalização de [9] incluindo o autor do texto. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [43] the optional vote; anáfora associativa que remete ao fato de que, em eleições democráticas, o voto deve ser obrigatório, além de reforçar a opinião do autor do texto. Tópico reintroduzido. Status evocado. {10}

- [44] in Brazil; retomada explícita de [3] por repetição de item. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [45] decision; anáfora associativa, uma vez que votar implica escolha, decisão. Subtópico. Status inferível. {10}
- [46] people; retomada explícita de [23] por repetição de item. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [47] a real knowledge; remissão a [45] com aporte de atributo. Manutenção tópica. Status inferível. {11}
- [48] in developed countries; 1ª menção realizada por dêixis temporal. Tópico Marginal. Status novo. {3}
- [49] as USA for example; retomada de [48] por meronímia. Subtópico. Status novo. {10}
- [50] the government; retomada de [30] por paráfrase. Tópico reintroduzido. Status inferível. {6}
- [51] serious; remissão a [50] por aporte de atributo. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [52] ideas; anáfora associativa devido ao fato de se esperarem idéias de políticos. Subtópico. Status inferível. {10}
- [53] grants; retomada explícita de [28] por repetição de item. Esgotamento de tópico. Status evocado. {6}

A redação 9 nos surpreende pela quantidade de estratégias referenciais. No que tange ao *status* informacional, há 22 entidades evocadas, 16 inferíveis e 15 novas.

Há certo balanço entre a quantidade de informações novas e inferíveis, além do predomínio, novamente, das entidades evocadas.

A redação 9 compõe-se de 53 (N=53) estratégias referenciais:

Estratégias Referenciais	{1}	{2}	{3}	{4}	{5}	{6}	{7}	{8}	{9}	{10}	{11}
Ocorrências	2	3	3	4	1	12	10	1	1	14	10
Percentual	3,77	5,66	5,66	7,54	1,88	22,64	18,86	1,88	1,88	26,41	18,86

Tabela 9 – Frequência das estratégias referenciais : Redação 9 (LE)

Nessa redação predominam duas estratégias referenciais: {10}, 26,41% e {6}, 22,64%, diferentemente das redações anteriores que priorizaram as estratégias {7} e {11} e, que, na redação 9 aparecem em terceiro lugar ambas com 18,86%.

Redação 10 (LE) – aluno YR

Why <u>now</u> [1] <u>we</u> [2] should take <u>this subject</u> [3]? Will <u>our population</u> [4] care about <u>it</u> [5]? Because <u>at present</u> [6], <u>good part of Brazilian population</u> [7] don't care about \emptyset [8], don't take <u>the responsibility</u> [9] to vote with <u>wisdom</u> [10] and think on <u>a better future</u> [11] to <u>our country</u> [12].	[1] <u>now</u> – {3} [2] <u>we</u> – {3} [3] <u>this subject</u> – {6} [4] <u>our population</u> – {7+2} [5] <u>it</u> – {7} [6] <u>at present</u> – {7} [7] <u>good part of Brazilian population</u> – {10} [8] \emptyset – {9} [9] <u>the responsibility</u> – {4} [10] <u>wisdom</u> – {11} [11] <u>a better future</u> – {3} [12] <u>our country</u> – {7}
<u>Nowadays</u> [13], <u>20% percent of Brazilian</u> [14] keep <u>your votes</u> [15] as “ <u>blank</u> ”[16], <u>some people</u> [17] don't turn on <u>the TV</u> [18] to see <u>the political hour</u> [19] to at least, choose <u>someone</u> [20] as <u>your</u>	[13] <u>Nowadays</u> – {7} [14] <u>20% percent of Brazilian</u> – {10} [15] <u>your votes</u> – {7+4} [16] “ <u>blank</u> ” – {11} [17] <u>some people</u> – {10} [18] <u>the TV</u> – {1} [19] <u>the political hour</u> – {10} [20] <u>someone</u> – {7} [21] <u>your candidate</u> –

<u>candidate</u> [21], <u>they</u> [22] enter <u>the urn</u> [23]	{7+10} [22] <u>they</u> -{7} [23] <u>the urn</u> -{10}
with <u>a single paper</u> [24] in <u>your hands</u> [25]	[24] <u>a single paper</u> -{11+10} [25] <u>your</u>
without knowing <u>who</u> [26] in <u>it</u> [27].	<u>hands</u> – {7+10} [26] <u>who</u> -{7} [27] <u>it</u> – {7}
<u>We</u> [28] don't feel <u>ashamed</u> [29],	[28] <u>We</u> – {6} [29] <u>ashamed</u> – {11}
looking for <u>those people</u> [30] and realize	[30] <u>those people</u> – {7}
<u>they</u> [31] are <u>Brazilians</u> [32].	[31] <u>they</u> – {7} [32] <u>Brazilians</u> – {11}
Why put <u>the mandatory vote</u> [33]	[33] <u>the mandatory vote</u> – {4}
if <u>Brazilians</u> [34] don't care about <u>it</u> [35]. At	[34] <u>Brazilians</u> – {6} [35] <u>it</u> -{7}
least, <u>optional vote</u> [36] will vote <u>who</u>	[36] <u>optional vote</u> – {10} [37] <u>who</u> – {7}
[37]wants <u>a better future</u> [38] to <u>our</u>	[38] <u>a better future</u> – {6}
<u>country</u> [39].	[39] <u>our country</u> – {7+6}

Assim:

- [1] now; 1ª menção de expressão dêitica temporal. Tópico novo. Status novo. {3}
- [2] we; 1ª menção por pronome, referindo-se às pessoas em geral e incluindo-se no texto. Tópico novo. Status novo. {3}
- [3] this subject; retomada explícita de item contido no tema proposto. Introdução de tópico no cotexto, todavia se considerarmos o tema, o tópico é reintroduzido. Status evocado. {6}
- [4] our population; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida de denominação genérica com uso de pronome. Subtópico. Status inferível. {7+2}
- [5] it; retomada de [3] por pronominalização. Manutenção tópica. Status inferível. {7}

- [6] at present; retomada de [1] por meio de expressão dêitica temporal. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [7] good part of brazilian population; retomada implícita de [4] por meio de metonímia. Tópico reintroduzido. Status evocado. {10}
- [8] Ø; retomada implícita de [5] por elipse. O autor deixa de utilizar o pronome desobedecendo ao sistema da língua inglesa. Manutenção tópica. Status evocado. {9}
- [9] the responsibility; 1ª menção com remissão implícita ao fato de que todo voto é um ato que demanda responsabilidade (anáfora associativa). Subtópico. Status inferível. {4}
- [10] wisdom; remissão com aporte de atributo ao ato de votar. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [11] a better future; 1ª menção por dêixis temporal. Subtópico, considerando-se que as eleições, em princípio, deveriam decidir o futuro de uma nação. Tópico novo. Status novo. {3}
- [12] our country; o item [7] já introduz o Brasil, pois se refere aos brasileiros, logo temos uma expressão dêitica temporal. Subtópico. Status evocado. {7}
- [13] Nowadays; retomada de [1] por dêixis temporal. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [14] 20% of brazilian; retomada implícita de [4] por metonímia. Tópico reintroduzido. Status evocado. {10}
- [15] your votes; apesar do equívoco no uso dos pronomes {7}, o aluno utiliza-se de pronome e referente de 1ª menção por anáfora associativa {4}, pois todo processo eleitoral requer votos. Subtópico. Status inferível.

- [16] blank; remissão de [15] com aporte de atributo. Manutenção tópica. Status inferível. {11}
- [17] some people; retomada implícita de [4] por metonímia. Tópico reintroduzido. Status evocado. {10}
- [18] the TV; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida de uso referencial, para identificação inicial do objeto de discurso ao modo de referente já disponível na memória discursiva, a partir de conhecimento enciclopédico compartilhado, logo sem antecedente textual: sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao co-texto. Subtópico. Status novo. {1}
- [19] the political hour; anáfora associativa, uma vez que se sabe que em época de eleição há transmissão de horário político pela TV. Subtópico. Status inferível. {10}
- [20] someone; retomada de [4] por pronominalização. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [21] your candidate; considerando que todo eleitor deve escolher um candidato, há anáfora associativa {10} com uso de pronome {7}. Subtópico. Status inferível.
- [22] they; retomada de [4] por pronominalização. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [23] the urn; anáfora associativa devido ao fato de que toda eleição precisa de urnas para receberem os votos. Subtópico. Status inferível. {10}
- [24] a single paper; anáfora associativa {10} pois entende-se que, apesar do uso recente de urnas eletrônicas, deve-se depositar um papel contendo a escolha do eleitor na urna. Remissão atributiva {11}. Subtópico. Status inferível.

- [25] in your hands; retomada implícita {10} dos eleitores por meio de metonímia com uso de pronome {7}. Tópico reintroduzido. Status evocado.
- [26] Who; retomada de [21] por pronome. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [27] it; retomada de [24] por pronome. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [28] We; retomada de [2] por repetição de item. Tópico que reintroduz o sujeito no discurso. Status evocado. {6}
- [29] ashamed; remissão a [28] com aporte de atributo. Manutenção tópica. Status novo. {11}
- [30] those people; retomada de [21] por meio de expressão dêitica textual. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [31] they; retomada de [21] por pronome. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [32] Brazilians; remissão de [21] com aporte de atributo. Tópico reintroduzido. Status evocado. {11}
- [33] the mandatory vote; 1ª menção, com remissão retrospectiva implícita, com reorientação referencial (associação semântica) por anáfora indireta, uma vez que se sabe que no Brasil o voto ainda é obrigatório, apesar da democracia. Subtópico. Status evocado. {4}
- [34] Brazilians; retomada de [32] por repetição de item. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [35] it; retomada de [33] por uso de pronome. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}

- [36] optional vote; anáfora associativa opondo-se ao voto obrigatório [33]. Subtópico. Status evocado (tema). {10}
- [37] Who; retomada de eleitores por meio de pronome. Tópico reintroduzido. Status evocado. {7}
- [38] a better future; retomada de [11] por repetição. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}
- [39] our country; retomada de [12] por repetição de item {6} e uso de pronome {7}. Tópico reintroduzido. Status evocado.

A redação 10 confirma o que já verificamos em outros textos dos nossos *corpora*: a quantidade de entidades evocadas justifica-se pela necessidade de se desenvolver um tema único ou macrotópico. Dessa forma, a redação 10, no que tange ao *status* informacional, possui 24 entidades evocadas, 9 inferíveis e 6 novas.

Essa redação compõe-se de 39 (N=39) estratégias referenciais:

Estratégias Referenciais	{1}	{2}	{3}	{4}	{5}	{6}	{7}	{8}	{9}	{10}	{11}
Ocorrências	1	1	3	3	0	5	17	0	1	9	5
Percentual	2,56	2,56	7,69	7,69	0	12,82	43,58	0	2,56	23,07	12,82

Tabela 10 – Frequência das estratégias referenciais : Redação 10 (LE)

O texto em questão segue o padrão das redações 6, 7 e 8 no que tange ao predomínio da estratégia referencial {7}, 43,58%. Todavia, tal estratégia é seguida de {10}, 23,07% e a {11} aparece em terceiro lugar com 12,82%, juntamente com {6}. O predomínio da pronominalização parece advir do fato de que a língua inglesa possui a necessidade da marca gramatical do pronome, o que não ocorre em Português. Tal fato, parece confirmar nossa questão de pesquisa 3 (Há diferenças de estratégias de

referenciação na constituição de CRs em textos de língua portuguesa e língua inglesa? Essas distinções se devem a características tipológicas de ambas as línguas?).

3.5 Cadeias referenciais nos textos em língua portuguesa e inglesa: um confronto

Esta seção compara a produção textual dos alunos em ambas as línguas, em consonância com nossas questões de pesquisa.

No que concerne à primeira delas (Quais são as estratégias de referenciação mais frequentes na constituição de CRs nas redações de Português (LM) e Inglês (LE)?), verificou-se o seguinte:

- (i) Nas redações em LM, a estratégia {7} – retomada por pronominalização ou dêixis espaciotemporal – apresentou-se como a mais utilizada nas redações 3 (24,39%), 4 (29,62%) e 5 (40,90%). Nas redações 1 e 2, tal estratégia aparece em terceiro e segundo lugares, respectivamente, com 12,50% e 21,21%, pois a estratégia {10}, retomada implícita por anáfora associativa, é a mais utilizada com 31,25% e 24,24%.

O quadro a seguir apresenta os percentuais das estratégias referenciais, destacando as três mais utilizadas em cada redação em LM:

- (ii) Nas redações em LE, a mesma estratégia {7}, retomada por pronominalização ou dêixis espaciotemporal, avulta-se como a mais utilizada em quatro das cinco redações: 6 (44,18%), 7(29,03%), 8 (22,85%) e 10 (43,58%). Na redação 9, essa estratégia {7} aparece em terceiro lugar com 18,86% somente, precedidas por {10}, retomada implícita por anáfora associativa, e {6}, retomada explícita por repetição, com 26,41% e 22,64%, respectivamente.

O quadro a seguir apresenta os percentuais das estratégias referenciais, destacando as três mais utilizadas em cada redação em LE:

Após o cruzamento dos dados, concluímos que {7}, retomada por pronominalização ou dêixis espaciotemporal, apresenta-se como a estratégia referencial mais utilizada pelos participantes de nossa pesquisa, tanto nas redações em LM como nas em LE. Nos textos dos participantes LN (LM=21,21%; LE=26,66%) MR (LM=24,39%; LE=22,85%) e YR (LM=40,90%; LE=43,58), a opção por essa estratégia parece advir de uma questão de estilo, pois a frequência é aproximada em seus textos em ambas as línguas, como se pode perceber nos dois quadros anteriores. Outra constatação relevante é a que tange ao uso de remissão atributiva, {11}, em todos os textos em LE, além do uso de muitas retomadas implícitas {10} e explícitas {6} nos textos em LM.

Para examinar a questão de pesquisa 3 (Há diferenças de estratégias de referenciação na constituição de CRs em textos de língua portuguesa e língua inglesa? Essas distinções se devem a características tipológicas de ambas as línguas?), procedemos uma quantificação suplementar visando comparar a ocorrência de *it* nas redações em Inglês LE, o preenchimento do sujeito nas redações de Português LM e as elipses em ambas as línguas.

Eis os resultados:

(i) Redações de Inglês (LE) - IT

Redação 6	5/19=26,31
Redação 7	5/19=26,31
Redação 8	1/8=12,5
Redação 9	2/10=20
Redação 10	2/17=11,7

Tabela 13 – Ocorrência de “IT”

(ii) Redações de Inglês (LE) – Elipse

- Redação 6 = Ø
- Redação 7 = 2 (elipse de sujeito)
- Redação 8 = 3 (2 elipses de IT; 1 elipse de adjetivo)
- Redação 9 = 1 (elipse de sujeito)
- Redação 10 = 1 (elipse de IT)

(iii) Redações em Português – Elipse

- Redação 1 = 4 (elipse de sujeito)
- Redação 2 = 3 (elipse de sujeito)
- Redação 3 = 2 (elipse de sujeito)
- Redação 4=1 (elipse de sujeito)
- Redação 5 = 7 (elipse de sujeito)

Em Português (LM), todas as ocorrências de elipses foram do sujeito, o que comprova o parâmetro *pro-drop* dessa língua (cf. nota 4). Em Inglês (LE), os casos de emprego do IT estavam em consonância com o sistema gramatical dessa língua. No entanto, registramos 3 elipses do IT na produção escrita, o que parece sugerir uma influência da língua materna na língua estrangeira.

Em função da questão de pesquisa 2 (Que problemas de ordem sintático-semântica e de distribuição dos referentes em função do seu *status* informacional estão correlacionados com o não gerenciamento adequado das estratégias de referenciação que configuram as CRs nas redações?), verificou-se, nas 10 redações, a ocorrência de 6 inadequações de concordância, 2 de regência; 2 truncamentos; 2 ambiguidades e 1 contradição em razão do não gerenciamento adequado das

estratégias de referência, como ilustra o quadro 17, a seguir, que aponta os itens com tais problemas em cada redação:

	Concordância	Regência	Truncamento	Ambiguidade	Contradição
Redação 1 (NT-LM)	<u>Desse prática que em muitos casos pode favorecer</u> [7] muitos casos; pluralidade indeterminada referente às diversas situações que podem favorecer a corrupção a partir do processo eleitoral. Além disso, a proximidade do verbo fez com que o aluno estabelecesse a concordância com o referente errado, uma vez que o sujeito de <i>podem</i> deveria ser <i>a permanência dessa prática</i> e não <i>em muitos casos</i> . Subtópico, status inferível. {8}				
Redação 2 (LN – LM)					
Redação 3 (MR-LM)	<u>Uma obrigação pela qual devem submeter-se</u> [12]Ø <u>devem submeter-se</u> ; retomada implícita por elipse de “cada cidadão” contido em [9], o verbo “submeter-se” possui força ilocutória que reforça a tese do autor. Além do problema de regência relatado no item anterior, houve equívoco no que concerne à concordância verbal, pois a elipse seria de <i>cada cidadão</i> . Subtópico. Status inferível. {9}	[11] <u>pela qual</u> ; retomada de [10] por pronominalização por meio de pronome relativo. Entretanto, a aluna efetua erro de regência ao utilizar a contração <i>pela</i> , uma vez que a correta seria <i>a qual</i> . Manutenção tópica. Status evocado. {7} <u>Deve assistir aos filhos</u> [17] <u>os filhos</u> ; 1ª menção realizada por expressão nominal indefinida com denominação genérica de valor semântico, sem referencialidade (referente virtual); sem remissão nem retomada no co-texto. Salienta-se um problema de regência, pois em Língua Portuguesa o verbo <i>assistir</i> admite duas regências. Nesse caso, o verbo deve ser transitivo direto, pois está empregado no sentido de <i>ajudar</i> . Logo, dispensa-se o uso da preposição. Subtópico. Status novo. {2}			
Redação 4 (MF-LM)				<u>O voto não deve ser obrigatório devido à falta de democracia, pois além disso dificulta a votação para os analfabetos</u> [3]a <u>falta de democracia</u> ; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida para identificação inicial do objeto de discurso ao modo de referente já disponível na memória discursiva, introduzindo a questão da	<u>O voto não deve ser obrigatório devido à falta de democracia, pois além disso dificulta a votação para os analfabetos</u> [3]a <u>falta de democracia</u> ; referente de 1ª menção, por expressão nominal definida para identificação inicial do objeto de discurso ao modo de referente já

				<p>democracia na argumentação. Todavia parece haver equívoco por parte do autor do texto, uma vez que a ausência de democracia não costuma dar opção quanto ao direito de votar, logo parece haver problemas no que tange ao conhecimento enciclopédico do aluno, pois a não obrigatoriedade do voto repousa exatamente sobre o exercício do direito democrático incorrendo em contradição e ambiguidade. Subtópico.</p> <p>Status evocado. {1},</p> <p>[4] <u>isso</u>; retomada explícita de antecedente por substituição por pronome resumitivo, com identidade referencial no que diz respeito à falta da democracia obrigar o cidadão analfabeto votar. Nesse momento, o autor põe em risco toda sua argumentação já que afirmara que o voto não deve ser obrigatório devido à falta de democracia, o que provoca ambiguidade. Manutenção tópica. Status evocado. {7}</p>	<p>disponível na memória discursiva, introduzindo a questão da democracia na argumentação. Todavia parece haver equívoco por parte do autor do texto, uma vez que a ausência de democracia não costuma dar opção quanto ao direito de votar, logo parece haver problemas no que tange ao conhecimento enciclopédico do aluno, pois a não obrigatoriedade do voto repousa exatamente sobre o exercício do direito democrático incorrendo em contradição e ambiguidade. Subtópico. Status evocado. {1}</p>
<p>Redação 5 (YR-LM)</p>	<p><u>15% da população tem seus votos nulos</u></p> <p>[6] <u>15 % da população</u>; retomada implícita de [2], feita por expressão partitiva. O aluno utiliza-se de um dado cuja fonte não é indicada. Trata-se de anáfora associativa às pessoas que <i>não pensam com seriedade no futuro do país e</i>, conseqüentemente, segundo o autor, anulam seus votos. Entretanto, ressalta-se problema de concordância, pois o verbo subsequente apresenta-se <i>tem</i>, no singular. Tópico reintroduzido. Status inferível. {10}</p> <p>[43] <u>muito difícil</u>; remissão de [42] com aporte de atributo e relata-nos problema de concordância. Manutenção tópica. Status novo. {11}</p>				
<p>Redação 6 (NT-LE)</p>					
<p>Redação 7 (LN-LE)</p>			<p><u>The society) is disappointed with the government wouldn't it really be better if just voting who is interesting?</u></p> <p>[24] <u>The society</u>; retomada explícita de [8] por paráfrase. Tópico reintroduzido. Status evocado. {6}</p> <p>[25] <u>disappointed</u>; remissão a [24] com aporte de atributo. Manutenção tópica. Status novo. {11}</p> <p>[26] <u>the government</u>;</p>		

			<p>anáfora indireta referindo-se ao tópico central do texto, uma vez que voto, eleição, país democrático, pressupõem a existência de governo. São termos que se referem ao mesmo campo semântico. Subtópico. Status inferível. {10}</p> <p>[27] <u>it</u>: _____ essa pronominalização parece possuir uma referência genérica devido ao fato de o Inglês não possuir elipse de sujeito. Manutenção tópica. Status evocado. {7}</p> <p>[28] <u>better</u>: remissão com porte de atributo ao fato de o voto ser ato opcional por meio de repetição de termo. Manutenção tópica. Status novo. {11+6}</p> <p>[29] <u>who</u>: pronominalização referindo-se ao ato de votar por opção. Manutenção tópica. Status evocado. {7}</p> <p>[30] <u>interesting</u>: remissão com aporte de atributo ao fato do voto ser ato opcional. Esgotamento de tópico. Status evocado. {11}</p>		
<p>Redação 8 (MR-LE)</p>	<p><u>Voting is a right that attend all people, including illiterate, teenagers with 16 year or more, so all.</u></p> <p>[11] <u>teenagers with 16 year or more</u>: retomada implícita de [9] por meronímia, referindo-se aos menores de 18 anos que têm direito ao voto no Brasil. Todavia, há erro de concordância, deveria ser "16 years". Subtópico. Status novo. {10}</p> <p><u>People could have a right to opt for think that voting is good or not for your lives.</u></p> <p>[21] <u>your lives</u>: retomada de [16] por expressão pronominal. Entretanto, há inadequação quanto ao uso do sistema de pronomes (concordância nominal), deveria ser <i>their</i> para indicar as vidas das pessoas de [16]. O texto em questão apresenta vários equívocos em relação à gramática da língua inglesa. Tal fato atesta que mesmo em nível avançado de fluência, os discentes ainda possuem problemas no que concerne à modalidade escrita da língua, como os participantes desta pesquisa relataram em seus questionários (vide anexo). Subtópico. Status inferível. {7}</p>				
<p>Redação 9 (MF-LE)</p>			<p><u>The wrong agent to make their choice</u></p> <p>[25] <u>their choice</u>: nominalização precedida de pronome. Ao introduzir esses tópicos (de 25 a 28), a aluna produz um truncamento ao introduzir referentes em uma série enunciativa mas sem âncora ou base co-textual. Tópico novo. Status novo. {7+5}</p>		

<i>Redação 10</i>					
<i>(YR-LE)</i>					

Quadro 7 – ilustração da hipótese de pesquisa 2

Assim, percebe-se que as redações 2, 6 e 10 não apresentaram nenhum problema no que tange ao gerenciamento das CRs, o que não gerou inadequações gramaticais. Todavia, as outras redações apresentam, pelo menos, 1 inadequação gramatical percebida durante a análise das CRs.

3.6 Correlação entre as respostas do questionário e as produções textuais

Esta seção visa verificar se os alunos têm consciência das estratégias de referenciação e da sua configuração em CRs, em consonância com a questão de pesquisa 4 (Os alunos têm consciência das estratégias de referenciação e da sua configuração em CRs? Um teste complementar, realizado através de entrevistas gravadas em que essas estratégias lhes fossem explicitadas, poderia ativar essa consciência?). Assim, realizou-se um teste complementar através de entrevistas gravadas com dois participantes, aleatoriamente, em que essas estratégias lhes fossem explicitadas, a fim de verificar tal consciência. Além disso, todos os alunos, após terem produzido as redações, responderam ao questionário envolvendo questões sobre aprendizagem de Português LM e Inglês LE, cujas respostas serão mais adiante comentadas.

Subdividimos esta seção em duas partes: na primeira, confrontamos as respostas obtidas com as pressuposições apontadas para cada uma das questões do questionário³⁶. Na segunda, com referência à questão de pesquisa 4 (Os alunos têm consciência das estratégias de referenciação e da sua configuração em CRs? Um teste complementar, realizado através de entrevistas gravadas em que essas estratégias lhes fossem explicitadas, poderia ativar essa consciência?), extraímos de duas entrevistas feitas a um informante, aleatoriamente selecionado, seus julgamentos a respeito de suas produções em Português (LM) e em Inglês (LE). Essas duas entrevistas foram conduzidas após a produção dos textos. Seu objetivo era examinar o grau de percepção e de consciência dos alunos tanto em relação às estratégias por ele empregadas, quanto em relação a problemas sintático-semânticos no texto em LM e no texto em LE.

Eis o confronto entre as respostas obtidas pelo questionário e as pressuposições apontadas. Primeiramente, em relação à LE temos:

1. IDADE/NÍVEL DE INGLÊS

Os informantes possuem faixa etária entre dezesseis e dezoito anos e advêm de diferentes cursos de idiomas, todavia MR e LN estudam no mesmo curso. O primeiro, há quatro anos e seis meses, o segundo há três anos. MF estuda há seis anos e NT há cinco em cursos diferentes. YR, é o único informante que estudou Inglês no exterior (Miami – EUA) por um ano.

PRESSUPOSTOS:

- Idade: há correspondência entre faixa etária e série (confirmado).

³⁶ Cf. seção 4.2 deste trabalho.

- Tempo de estudo de Inglês: maior tempo de permanência, maior fluência em produzir textos dissertativos-argumentativos (confirmado).
- Moradia no exterior: contato *in loco* torna mais eficaz o uso da LE (não confirmado: não há diferença de fluência).

2. CONTATO COM A LÍNGUA INGLESA (LE)

MF foi o único participante que não relatou contato com o idioma estrangeiro fora do ambiente do curso de Inglês. NT possui contato diário com o idioma via internet, semanal por meio de filmes e ocasionalmente conversa oralmente com um amigo utilizando-se do Inglês. LN e MR também relataram assistir a filmes semanalmente, enquanto YR o faz regularmente. Nenhum dos informantes lê jornais ou revistas em Inglês e somente YR assiste a programas de TV em Inglês e possui contato com estrangeiros nativos, todavia com pouca frequência. MR foi o único que relatou contato com livros em Inglês duas vezes por semana.

O pouco contato com o idioma parece colaborar para a existência de inadequações gramaticais nos textos produzidos pelos alunos para a pesquisa, além de incoerências locais, como explicitadas no quadro 19. NT, que possui contato diário com o idioma estrangeiro, apresentou somente uma falta de concordância, e YR, que possui contato com estrangeiros nativos não apresentou problema algum em seu texto em LE.

PRESSUPOSTOS:

- Contato com o Inglês: o tipo de contato e a frequência / influência no domínio das habilidades linguísticas. (confirmado)

3. INFLUÊNCIA DO HÁBITO DE LEITURA NA PRODUÇÃO ESCRITA

Todos concordam que o hábito de leitura influencia positivamente a produção escrita, principalmente no que tange à obtenção de vocabulário. Somente MR afirma que a leitura auxilia na construção de argumentos, ou seja, pode ampliar o

conhecimento de mundo. Entretanto, apesar de tal reconhecimento, os alunos não possuem hábito de leitura, leem esporadicamente.

Pressuposto:

- O hábito de leitura e a produção escrita: quanto mais amplo o conhecimento de mundo (adquirido, via de regra, pela leitura) melhores condições para a discussão de determinado assunto. (confirmado)

4. FAMILIAR QUE FALA INGLÊS

MF e YR são os únicos que possuem parentes que praticam o Inglês como LE.

YR faz menção do local onde a pessoa aprendeu a língua estrangeira, nos EUA. Por conhecermos a família desse informante, sabemos que se trata de sua irmã mais velha, outrora nossa aluna.

Pressuposto:

- Por ter um familiar falante do Inglês, esperava-se que o aluno possuísse mais prática e mais fluência. (confirmado)

5. IMPORTÂNCIA DO INGLÊS NO MUNDO

Os informantes unanimemente afirmam que o Inglês é a língua de comunicação mundial. MR e YR concordam que é a língua mais presente nos meios de comunicação em geral. NT fala em “língua de negócios”, enquanto MF cita a influência norte-americana no mundo, demonstrando posicionamento político frente às questões linguísticas.

Pressuposto:

- A importância da língua inglesa no mundo de hoje. (confirmado)

6. AUTO-AVALIAÇÃO DA FLUÊNCIA E PRINCIPAIS DIFICULDADES

Todos qualificaram como boa ou regular a fluência tanto na escrita como na fala em língua inglesa. No que diz respeito à fala, NT afirma possuir dificuldades na pronúncia por conta de aparelho dentário, além da falta de prática. LN ouve

músicas em Inglês com certa frequência. MR e MF também apontam para a falta de prática, enquanto YR – o único com vivência no exterior – acusa nervosismo na hora de falar como elemento limitador da fluência.

Já no que tange à escrita, NT e MR apontam problemas de vocabulário. MF afirma que só escreve com auxílio de dicionário. LN considera sua escrita regular em termos gramaticais e cita a questão da concordância, fator pouco mensurado no Inglês, uma vez que o paradigma da conjugação verbal é mais simples e menos “flexionada”. Já YR afirma que, devido ao hábito de leitura, principalmente via internet, e ao fato de escrever versos em Inglês, possui habilidade para a escrita na língua estrangeira.

Pressuposto:

- Auto-avaliação do nível de fluência do Inglês: a influência no desempenho. (confirmado)

7. DIFICULDADES EM RELAÇÃO À LÍNGUA INGLESA

Os resultados parecem discrepantes, principalmente no que se refere à escrita, nosso foco aqui de interesse. Enquanto YR considera a escrita como a habilidade mais difícil da língua, MR afirma o oposto. Os outros consideram-na como a segunda habilidade mais difícil. Em termos de leitura, é um item mais difícil para NT e MF, enquanto LN e MR a apontam com grau de dificuldade intermediário. Já YR afirma ser a segunda habilidade mais difícil, o que nos parece paradoxal, uma vez que este mesmo aluno afirmara ter certa facilidade na escrita por ler com mais frequência pela internet.

Em relação à fala e à compreensão oral, nenhum deles considerou a fala como a habilidade mais difícil, porém LN e MR apontaram a compreensão oral como um

fator mais problemático. Tanto NT quanto MF consideram a compreensão oral a mais fácil das habilidades e YR lhe atribuiu grau intermediário.

As justificativas são as mais variadas, entretanto MR e MF acusam a falta de prática com a LE como fator primordial para a existência de dificuldades. NT justifica cada uma das habilidades; LN afirma que a fala tende a ser mais fácil pelo fato de usar palavras conhecidas – a barreira do vocabulário. Já YR afirma ter “bom” Inglês, mas não se considera “completo”.

Pressuposto:

- Medida do grau de dificuldade relativamente às habilidades linguísticas X influência na escrita. (confirmado)

8. IMPORTÂNCIA QUE O CURSO OFERECE À ESCRITA

Somente LN afirma que o curso atribui muita importância à habilidade da escrita. Já MR, que estuda no mesmo curso, garante-nos que ajuda a desenvolver construções sintáticas e a adquirir vocabulário. Todavia, seus textos em Inglês possuem o menor número de itens referenciais e MR comete várias inadequações como, por exemplo, a inversão da ordem ADJ + SUBST (*an act mandatory*), fixa no Inglês e geralmente aprendida nos níveis elementares. NT afirma que a cobrança dessa habilidade acontece somente nos exames. MF revela que seu curso só conferiu importância à escrita no final, e YR teve que “se virar” sozinho em sua escola nos EUA, o que evidencia pouco preparo em relação a essa modalidade.

Pressuposto:

- Importância que o curso de Inglês confere à produção escrita: nos cursos que priorizam a habilidade oral (compreensão oral e fala), a tendência é que os alunos não tenham tanta habilidade na escrita. (Infirmado)

9. AUTO-AVALIAÇÃO DAS DIFICULDADES NA ESCRITA (LE)

As respostas apresentam-se diversificadas, porém NT e LN consideram a falta de conhecimento prévio sobre o tema a maior dificuldade na hora da escrita. YR a considera a segunda maior dificuldade, perdendo para a seleção vocabular somente. MR afirma ser essa a menor das dificuldades, o que se confirma pelo fato de ter maior hábito de leitura, enquanto MF considera ser essa a segunda menor dificuldade, pois afirma ser a seleção vocabular a mais fácil. MR e YR qualificaram a seleção vocabular como o item mais difícil na hora da escrita e LN como o segundo mais difícil, perdendo somente para o conhecimento prévio sobre o tema.

NT e MF atribuem à construção sintática posição intermediária, enquanto YR a considera como a mais fácil e LN (grau 4) e MR (grau 5) um pouco mais difícil. A coesão parece ocupar posição intermediária para LN (grau 3) e MR (grau 4) e aparece como o segundo item mais difícil para MF. NT e YR atribuíram-lhe grau 2, ou seja, alocando-a entre as “menos difíceis”.

O desenvolvimento dos assuntos apresenta-se como a segunda maior dificuldade para NT e, como terceira, para MF e YR. Já LN o considera uma das questões menos complicadas e MR classifica-o como intermediária.

No que tange à retomada dos assuntos, fator relevante para a teoria aqui adotada da referenciação, somente MF aponta-a com o maior grau de dificuldade. Para LN ocorre exatamente o oposto, o que pode ser comprovado em seu texto em língua inglesa, pois são utilizadas diversas estratégias referenciais, com várias pronominalizações e referentes atributivos, e quase nenhuma retomada por repetição de item. MR classifica esse item como um dos menos complicados (grau 2), mas utiliza-se de muitas retomadas explícitas por repetição de item ($8/n=35 = 22,85\%$), o que se configura como paradoxal. Já para YR essa dificuldade não tem muita relevância.

As respostas dos questionários apontam que a seleção vocabular é primordial somente para três informantes: NT, MR e YR. Contudo, somente MR e YR classificaram-na como a mais difícil (grau 6). Paradoxalmente, NT a classificou como a menos difícil. YR enfatiza ainda a questão da falta de informação sobre o tema (conhecimento de mundo), bem como LN, confirmando a classificação que realizaram para tal quesito, 5 e 6, respectivamente. MF não forneceu justificativas.

Pressuposto:

- Auto-avaliação das dificuldades na produção escrita em Inglês em ordem numérica (de 1 a 5 começando pela menor dificuldade): perceber quais são os possíveis percalços no processo de produção escrita dos alunos nas respectivas línguas: a) Conhecimento prévio sobre o tema – o conhecimento enciclopédico-cultural é essencial para o desenvolvimento de dado tema; a possibilidade de atribuição de significado aos objetos de discurso depende, em grande parte, desse conhecimento. b) Seleção vocabular – o conhecimento enciclopédico-cultural e o contato frequente com a leitura influenciam na seleção vocabular; o desconhecimento do significado de determinado item lexical pode dificultar a compreensão da leitura; a substituição por sinônimos, pronomes, paráfrases etc, torna-se difícil pela carência vocabular, ocasionando a repetição de itens lexicais. c) Construção sintática – o desconhecimento da classe e da função sintática dos termos pode dificultar o estabelecimento de elos coesivos. d) Estabelecimento de ligação (coesão) entre as partes do texto – a prática em estabelecer as CRs pode facilitar o estabelecimento de ligação entre as partes do texto. e) Desenvolvimento dos assuntos tratados no texto - a prática em estabelecer as CRs pode facilitar o estabelecimento de ligação entre os tópicos do texto colaborando para a progressão textual/tópica; f) Retomada dos assuntos tratados no texto - a prática em estabelecer as CRs pode facilitar a retomada e a manutenção na memória discursiva dos tópicos tratados no texto; (confirmado)

Em síntese, a aplicação desse questionário, de forma indireta, sugere que, em relação à formação de cadeias referenciais e ao domínio das estratégias referenciais na produção de redações, tanto em LM como em LE, o acesso ao conhecimento de mundo, o maior contato com a língua, o conhecimento idiomático, a ampliação e a seleção vocabular contribuem para um domínio mais amplo das estratégias referenciais no texto. Embora algumas estratégias sejam preferencialmente mais empregadas, no universo testado, os alunos fazem uso de estratégias referenciais diversificadas, revelando um uso adequado das estratégias de progressão textual.

Agora, eis o confronto entre as respostas obtidas pelo questionário e as pressuposições apontadas em relação à língua materna:

1. O QUE COSTUMA LER/FREQUENCIA

Somente um informante, LN, afirma não ter hábito de leitura no que se refere aos itens livro, revista ou jornal. Apenas MR lê os três: diariamente, lê livros sobre história; semanalmente, revistas também sobre história; e, lê O Globo, diariamente. NT lê revistas sobre ciência e tecnologia mensalmente. MF e YR não leem revistas e livros, raramente. MF lê jornais semanalmente. Tais informações comprovam o que comumente se comenta no meio acadêmico-escolar: os alunos não possuem hábito de leitura, fato a que se atribuem muitas vezes problemas de escrita.

Pressuposto:

- O que costuma ler e com que frequência: verificação da frequência e do objeto de leitura dos participantes, pois se acredita que a leitura influencia diretamente a produção escrita dos participantes, principalmente no que diz respeito ao texto argumentativo que exige conhecimento enciclopédico amplo. (confirmado)

2. INFLUÊNCIAS DA LEITURA NA ESCRITA

Três informantes (NT, MR e MF) julgam que a leitura auxilia a obtenção de vocabulário e somente um deles cita a obtenção de conhecimento (LN). YR relata que a leitura faz lembrar as regras de concordância, ou seja, auxilia no reforço da correção gramatical. São unânimes no que tange à influência da leitura na escrita.

Pressuposto:

- A influência do hábito de leitura na produção escrita: verificação da consciência de que o hábito de leitura em relação à ampliação do conhecimento, tanto idiomático como enciclopédico, com fins de aprimoramento da produção escrita. (confirmado)

3. AUTO-AVALIAÇÃO DAS DIFICULDADES NA ESCRITA (LM)

Curiosamente, as dificuldades em língua materna diferem daquelas em língua estrangeira. Observamos, em um informante, MF, uma contradição: no item 4, ele apontou a seleção vocabular como mais difícil, mas, em sua auto-avaliação, afirmou que sua maior dificuldade diz respeito ao conhecimento prévio do assunto.

YR mantém a sua posição de que a seleção vocabular é um item que revela maior dificuldade. NT considera a seleção de palavras o segundo maior grau de dificuldade em língua materna, enquanto LN e MR consideram essa questão mais simples em língua materna (graus 2 e 3, respectivamente).

A construção sintática não é um problema para LN, mas ocupa posição relativamente complexa para NT, MR, MF e YR (graus 4, 4, 5 e 4, respectivamente). No que diz respeito à coesão, os participantes não lhe conferem elevado grau de dificuldade, exceto MR que a classificou com grau 5, sua segunda maior dificuldade. NT e MF não conferem à coesão grande dificuldade, enquanto LN e YR colocam-na em nível intermediário (grau 3). Já para MR é a segunda mais difícil (grau 5).

No que se refere ao desenvolvimento e à retomada dos assuntos no texto, as respostas são bem distintas. NT, MR e YR consideram o desenvolvimento dos assuntos a penúltima das dificuldades, mas NT e MR conferem um pouco mais de dificuldade à retomada dos assuntos (graus 3 e 6), com exceção de YR que atribuiu à retomada grau 1.

NT afirma que a seleção vocabular não confere problemas à escrita, mas sim à “construção coesiva”. Dessa forma, sua justificativa não condiz com suas respostas, o que deixa transparecer que o informante parece ter invertido a ordem das respostas. Tanto LN quanto YR avaliam que o conhecimento prévio sobre o tema é o item mais

difícil. MR ressalta a retomada dos assuntos como a maior das dificuldades, e MF não fornece justificativa.

Pressuposto:

- Auto-avaliação das dificuldades na produção escrita em língua materna, em ordem numérica, (Numere em ordem decrescente, começando pela maior dificuldade) – pretende-se perceber quais são os possíveis percalços no processo de produção escrita dos alunos na língua materna: a) Conhecimento prévio sobre o tema ; b) seleção vocabular; c) construção sintática; d) estabelecimento de ligação (coesão) entre as partes do texto; e) desenvolvimento dos assuntos tratados no texto; f) retomada dos assuntos tratados no texto. (confirmado).

4. QUAL A IMPORTÂNCIA QUE O COLÉGIO CONFERE À ESCRITA

Apesar de estudarem todos na mesma classe, as opiniões são divergentes. NT, MR e MF concordam que não é dada a devida importância à escrita no colégio, devido ao pouco tempo de aula (uma por semana). Já LN e YR a reafirmam, mas só o segundo exalta a competência da equipe docente do colégio que, segundo ele, é boa.

Pressuposto:

- Verificação da importância que o colégio confere à produção escrita – assim como nos cursos de Inglês, as escolas tendem a exagerar no ensino de metalinguagem, e a despender pouco tempo e pouca atenção à produção escrita. (confirmado)

Vejamos agora as respostas discursivas relativas à auto-avaliação da produção em ambas as línguas (questões 1-3 da parte final do questionário):

1. MAIORES DIFICULDADES NA REDAÇÃO EM LM

LN, MF e YR concordam que o conhecimento prévio a respeito do tema apresenta-se como maior impedimento para escrever em língua materna. NT e MR ressaltam a coesão entre os parágrafos como fator de complexidade. MR acrescenta ainda que a retomada dos assuntos também é questão problemática.

2. MAIORES DIFICULDADES NA REDAÇÃO EM LE

Em relação à LE, os informantes ressaltam unanimemente o problema da seleção vocabular. Pela avaliação dos alunos, um texto escrito com fluência exige um bom domínio do vocabulário; aos outros quesitos (coesão, construção sintática e conhecimento de mundo) é atribuído menor peso.

3. EM QUAIS DOS DOIS TEXTOS TEVE MAIS DIFICULDADE

Os informantes foram unânimes ao elegerem o texto em Inglês como aquele no qual tiveram mais dificuldade. A falta de prática e contato com o idioma foram ressaltados em três das cinco justificativas (MR, MF e YR). NT e LN afirmam ainda que transmitir as ideias de sua língua materna para o Inglês é o maior problema.

Na parte final dessa seção, apresentamos uma avaliação crítica das entrevistas gravadas com um informante, escolhido aleatoriamente. Nosso objetivo é buscar evidências para a nossa questão de pesquisa 4: Os alunos têm consciência das estratégias de referenciação e da sua configuração em CRs? Um teste complementar, realizado através de entrevistas gravadas em que essas estratégias lhes fossem explicitadas, poderia ativar essa consciência? Nesse sentido, pretendemos observar a metaconsciência em relação à formação das CRs e à construção do sentido, além de verificar algumas incoerências gramaticais, em razão do não gerenciamento adequado das CRs. Estabelecemos, então, um confronto entre a visão do analista e a visão do informante.

Assim, entrevistamos as alunas MR e MF, que, prontamente, aceitaram participar. Contudo, MR apresentou-se mais cooperativa, uma vez que alongou suas respostas dando-nos mais detalhes a respeito de seus textos. No entanto, a gravação de MF não foi muito produtiva, uma vez que essa limitou-se a respostas curtas que não

favoreceram a análise pretendida. Por esse motivo, optamos por incluir apenas as gravações de MR, transcritas mais adiante.

Vamos comentar, a seguir, as entrevistas transcritas. A engenharia dessas entrevistas foi calcada nos seguintes critérios: (i) dar a conhecer o fenômeno das CRs; (ii) tomar como base a análise prévia das CRs das produções textuais desses alunos; (iii) com base em (i), partimos de cada CR e perguntamos-lhes se tinham consciência das estratégias referenciais utilizadas: a que se refere determinado termo (identificação do antecedente)? Esse termo é retomado outras vezes no texto (progressão textual)? Os referentes estão tematicamente associados? Determinado elemento introduz uma nova CR? A apreensão das CRs colabora para a progressão e interpretação do texto além de possibilitar a verificação de incoerências gramaticais?

Apresentamos a transcrição das gravações junto com os comentários analíticos que julgamos relevantes para a pesquisa. Esclarecemos que as gravações a respeito das produções em língua portuguesa e em língua inglesa foram feitas uma após a outra.

⇒ MR – gravação sobre redação em Língua Portuguesa (LM)

Fábio (F): Estamos aqui com a aluna MR, vamos fazer a entrevista a respeito do seu texto feito em língua portuguesa, cujo tema é: O voto deve ser ou não obrigatório? Mariana, você começa o seu texto com a expressão *no Brasil*, o que você quer indicar quando começa com a expressão *no Brasil*?

Mariana (M): Bom, eu procurei situar o local do assunto, a localidade que seria no caso o meu país.

Comentário: A aluna, aqui, parece ter consciência do uso de uma expressão dêitica para apontar o local em que se circunscreve a discussão sobre o voto obrigatório (o contexto brasileiro).

Fábio: Depois você diz o seguinte: *No Brasil, a questão eleitoral...* esse... *a questão eleitoral* está retomando alguma coisa, mesmo que no tema, quando você introduz a questão eleitoral, está retomando o quê?

Mariana: Está retomando a idéia de o voto deve ser ou não obrigatório.

Fábio: Que está no tema, não é isso?

Mariana: Está no tema sobre o qual fiz o texto.

Comentário: A aluna reconhece que introduz o tema, em 1ª menção, no corpo do texto por meio de uma expressão dêitica.

Fábio: Ok, depois você continua ainda, *é um ato obrigatório*. Quando você diz um ato obrigatório, esse um ato obrigatório se refere a quê?

Mariana: À idéia de que todos os brasileiros em idade eleitoral são obrigados e sujeitos à punição no caso de não justificativa, no caso de não votar.

Fábio: Então o ato obrigatório significa que também está retomando o tema do texto não é isso?

Mariana: Isso.

Comentário: Novamente, a aluna reconhece as retomadas, inclusive com o uso de referente atributivo (obrigatório).

Fábio: Depois você diz: *contudo, tal imposição*, essa *tal imposição* retoma o que?

Mariana: Retoma a idéia de ato obrigatório em imposição do voto.

Fábio: E você acha que, quando você diz *imposição*, está introduzindo um juízo de valor?

Mariana: Sim.

Fábio: Aqui, você já introduz sua opinião a respeito do voto obrigatório?

Mariana: Minha opinião a respeito do voto ser um exercício obrigatório.

Comentário: Além de ainda reconhecer as retomadas, ratifica que introduz juízo de valor por meio de referente atributivo.

Fábio: Depois você fala o seguinte: esse *o ato de votar* lá embaixo, na quarta linha, você diz *o ato de votar*. Esse *o ato de votar* retoma alguma expressão no texto?

Marina: Retoma *ato obrigatório*.

Fábio: E *um direito de cada cidadão*, retoma o quê?

Mariana: *Um direito de cada cidadão* retoma a idéia de que, se vivemos num país democrático, deveríamos decidir se queremos ou não votar.

Comentário: A aluna consegue estabelecer adequadamente os elos referenciais, o que confirma sua consciência a respeito das estratégias de referenciação.

Fábio: E *uma obrigação*? Depois você continua *uma obrigação pela qual*...

Mariana: Também retoma a idéia do tema, *o voto deve ou não ser obrigatório*, **tudo retomando o tema no decorrer do texto inteiro.**

Comentário: Nesse trecho, a aluna antecipa a pergunta, fato este que reforça o reconhecimento de que o texto possui um macrotópico (um tópico central) ao qual as expressões referenciais remetem ao longo do texto.

Fábio: Depois você diz *uma obrigação pela qual devem submeter*, por que você escolheu *pela qual*?

Mariana: Pela qual, pra retomar obrigação, no geral uma repetição da mesma ideia, eu queria colocar a mesma ideia de uma forma diferente, até para que se tornasse uma forma menos coloquial.

Fábio: E por que você optou pela contração, *pela*, essa contração *per* mais *a*?

Mariana: Porque além de tentar fugir um pouco da linguagem coloquial, é mais comum, é mais corrente na nossa língua, assim nos daria maior entendimento.

Fábio: Ok, depois você diz *devem submeter-se*, e não *uma obrigação pela qual devem submeter*, quem se submete se submete a alguma coisa, então não teria que ser uma *obrigação a qual devem submeter-se*, o que você acha, fica melhor?

Mariana: Fica com certeza melhor, foi um problema de regência.

Comentário: A aluna reconhece a retomada efetuada pelo uso do pronome relativo e assume que tal construção não costuma ser utilizada na linguagem coloquial. Entretanto, reconhece e nomeia o problema resultante: um erro de regência.

Fábio: Então você reconhece que foi um problema de regência. Depois você diz o seguinte, lá embaixo você diz *todo país que reza a cartilha da democracia deve assistir aos seus filhos*. Esse verbo *assistir* está no sentido de quê?

Mariana: Assistir no sentido de garantir alguma coisa, a alguém, no sentido de ajudar.

Fábio:Então você reconhece que, quando você diz *assistir aos*, no sentido de ajudar deveria ser *assistir os*?

Mariana: Sim.

Fábio: Isso é um problema de quê, aqui?

Mariana: Regência também.

Comentário: Novamente, a aluna reconhece um erro de regência, mas somente após nossa indicação. Contudo, ela aponta o erro identificando-o.

Fábio: Melhor é você reconhecer isso! Depois vem *seu filhos e privá-los*, esse *los* está retomando o quê, aqui?

Mariana: Está retomando filhos, *privá-los*.

Fábio: E o que retoma o pronome *seus*, de *seus governantes*, mais adiante você diz *não escolher seus governantes*, governantes de quem?

Mariana: Dos filhos.

Comentário: A aluna estabelece adequadamente as retomadas pronominais em relação a CR de *filhos*.

Fábio: Dos filhos novamente ok, depois mais abaixo você diz, *a consequência de tanta arbitrariedade*, esse *tanta arbitrariedade* retoma o quê?

Mariana: A idéia da obrigação no ato de votar.

Fábio: Então você concorda também que *arbitrariedade* está introduzindo um juízo de valor?

Mariana: Concordo.

Fábio: E é a sua opinião a respeito do voto ser obrigatório? Qual é então no texto a consequência de tanta arbitrariedade? Você tem como me apontar no texto essa consequência? O que você colocou como consequência de tanta arbitrariedade?

Mariana: São diversos votos errados, impensados que elegem candidatos despreparados, descompromissados com o bem estar da população.

Fábio: Então tudo que você colocou depois é essa consequência de tanta arbitrariedade. Você concorda que *preparação* é uma retomada implícita de candidatos? Como assim? Lá no finalzinho desse parágrafo diz assim: *porque votar implica preparação por parte de quem elege e de quem é eleito*, essa preparação, quem é que tem que ser preparado?

Mariana: O eleitor e aquele que será eleito.

Fábio: Então *preparação* seria uma retomada implícita, tanto de candidatos quanto de eleitores?

Mariana: Exatamente.

Comentário: Mesmo algum tempo após a produção do texto, a aluna consegue perceber, por meio das estratégias referenciais, a estratégia referencial de retomada ainda quando o referente está distante no cotexto.

Fábio: Ok. A que se refere *uma medida eficiente*, lá embaixo no finalzinho do texto você coloca, no finalzinho da segunda linha no último parágrafo, *uma medida eficiente*, o que seria essa medida eficiente?

Mariana: Seria a conscientização por parte da população através da educação, produziria, no caso, cidadãos aptos a escolher quem é o mais capacitado ou não capacitado no sentido educacional, a pessoa mais certa para dirigir o país.

Fábio: E *este problema*, o que é este problema? Na mesma frase, *para resolução deste problema*, que problema é esse?

Mariana: O problema de voto inconsciente, do voto que não é pensado.

Fábio: Então essa expressão *mediada eficiente, esse problema*, de certa forma também retoma o tema como um todo?

Mariana: Retoma.

Comentário: Novamente, há o reconhecimento da referência. A aluna observa ainda que expressões presentes na conclusão do texto retomam o tema ou macrotópico introduzido.

Fábio: Ok, Mariana. Agora, o que a gente vai fazer? A gente vai montar um espécie de cadeia referencial, eu vou escrever para você, pode ficar com texto aberto. O que é uma cadeia referencial? A gente vai pegar a primeira expressão que é *a questão eleitoral*, está retomando o que lá no texto?

Mariana: O tema do voto ser ou não obrigatório.

Fábio: Então eu tenho o tema que é retomado por a questão eleitoral e depois o que mais retoma a questão eleitoral no texto? *Ato obrigatório* está retomando a questão eleitoral?

Mariana: Sim.

Fábio: Então *ato obrigatório* é uma outra expressão que retoma *a questão eleitoral*. *Tal imposição* também retoma?

Mariana: Sim.

Fábio: O que mais retoma a questão eleitoral?

Mariana: Ato de votar.

Fábio: Mais o quê? *Um direito de cada cidadão* também retoma *a questão eleitoral*?

Mariana: Retoma.

Fábio: Então *um direito de cada cidadão. Uma obrigação...*

Mariana: Também.

Fábio: O que mais? Pode olhar no texto como um todo.

Mariana: Essa expressão *direito de optar* também, de alguma forma, não pode remeter ao tema, *direito de optar*, se querem ou não escolher seus governantes? *Tanta arbitrariedade...*

Fábio: *Tanta arbitrariedade*, perfeito, mais o quê? Mais alguma outra expressão?

Mariana: *Deste problema*.

Fábio: Isso, mais o quê? *Uma diretriz do voto certo*?

Mariana: Isso.

Fábio: Ok, *uma diretriz do voto certo*, mais o quê?

Mariana: *Escolhido e ponderado*.

Fábio: Ótimo. Então a gente pode dizer, Mariana, que essa daqui seja uma cadeia referencial, ou seja, é uma cadeia referencial porque todas essas expressões estão retomando o tema do texto. Existem algumas outras expressões aqui. Você também introduz, também, *cidadão*, existe, quando você diz *o direito de cada cidadão*, esse *cada cidadão* é retomado no texto?

Mariana: É sim.

Fábio: Por quais expressões?

Mariana: Direciona os brasileiros, seria *cada cidadão brasileiro*.

Fábio: Então, *os brasileiros*, mais o quê?

Mariana: Esse verbo que eu coloco depois da locução *pela qual devem*.

Comentário: A aluna consegue, com a nossa ajuda, organizar as CRs rapidamente. Não há intervalos nem indagações, ela prontamente fornece os itens das CRs, o que demonstra consciência em relação às estratégias de referenciação.

Fábio: Então o verbo *devem*, existe então uma elipse aqui, porque são os cidadãos que devem, não é isso?

Mariana: Que deve votar.

Fábio: Ok, mais alguma outra?

Mariana: Filhos.

Fábio: Ok, filhos mais o quê?

Mariana: Que elegendos candidatos.

Fábio: Que elegendos...

Mariana: Candidatos despreparados.

Fábio: Mais o quê? E o pronome *los* de *privá-los*?

Mariana: Privá-los do direito de optar.

Fábio: Mais alguma outra?

Mariana: Daqueles que elegendos.

Fábio: Alguma outra? Você acha que existem outros tópicos introduzidos no texto? Além da questão eleitoral, além de cada cidadão? Que outros tópicos são introduzidos no texto?

Mariana: A conclusão introduz a questão da educação, que não é eficiente.

Fábio: Qual é a primeira expressão que demonstra a educação, que introduz a educação no seu texto?

Mariana: Mobilização educacional.

Fábio: Então *mobilização educacional*, seria uma terceira cadeia, né?

Mariana: Seria uma terceira cadeia

Fábio: Mobilização educacional

Mariana: É porque essa expressão eu aponto que existe um problema de uma educação precária.

Fábio: E o que retoma essa mobilização educacional, tem alguma expressão no texto que retoma essa mobilização educacional?

Mariana: Diretriz.

Fábio: *Diretriz*, mais o quê?

Mariana: Diretriz do voto certo, do voto escolhido e do voto ponderado.

Fábio: Tem mais alguma outra?

Mariana: Não.

Comentário: Agora, a aluna reconhece a introdução de um novo referente, de um novo tópico (a questão da educação), associado ao tema ou macrotópico, e constrói a CR correspondente. Reconhece ainda, o referente de 1ª menção dessa cadeia (mobilização educacional).

Fábio: E essa expressão *os brasileiros* está retomando o quê? *Cada cidadão*, não é isso?

Mariana: Isso, cada cidadão.

Fábio: Alguma outra cadeia que você acha que é introduzida? Você fala em *governantes*, esses governantes são retomados no texto?

Mariana: Não.

Fábio: Por alguma outra expressão, qual?

Mariana: Porque votar exige preparação por parte de quem elege e de quem é eleito.

Fábio: Então, *de quem é eleito...*

Mariana: Retoma a idéia dos governantes.

Fábio: Mas *governantes* é a expressão que introduz governantes, ou tem alguma outra que introduz? Quando eu digo *seus governantes*, é a primeira expressão que introduz governantes?

Mariana: É a primeira.

Fábio: Pode falar com convicção.

Mariana: É a primeira.

Fábio: Ok, então tem *governantes*, *de quem é eleito*, mais alguma outra expressão que retoma governantes?

Mariana: Candidatos.

Fábio: Mais o quê? Mais alguma outra?

Mariana: Não, acredito que seja isso.

Fábio: Isso que eu fiz aqui de introduzir essas cadeias referenciais a que eu chamo de CR. Qual é, você acha que isso é importante no desenvolvimento do texto? Nós percebemos quais as expressões que retomam os tópicos introduzidos?

Mariana: Sim, porque até um problema atual de você ler ou escrever é uma coisa que depois quando você faz o resumo pra tornar o seu texto mais enxuto, você não entende, essas cadeias servem como uma forma de causar entendimento naquele que está escrevendo.

Fábio: Então você acha que reconhecer essas cadeias referenciais traz uma interpretação melhor do texto?

Mariana: Melhor daquilo sobre o qual você está escrevendo.

Fábio: É uma última pergunta, no texto dissertativo, como num tema único, todas essas cadeias elas estão relacionadas ou elas são cadeias independentes? Estão tematicamente relacionadas ou são independentes?

Mariana: São tematicamente relacionadas.

Fábio: Então todas elas se dependem, não é isso?

Mariana: São múltiplas formas de você falar do mesmo assunto, sem que se repita a idéia do tema no texto.

Comentário: Nessa última parte da entrevista, a aluna se dá conta da importância do estudo das CRs, e conclui que torna o entendimento do texto mais eficiente. Além disso, reconhece a existência de um tema único ou macrotópico a que todas as CRs são tematicamente relacionadas. Tal fato confirma nossa questão de pesquisa 4, confirmando que através desta entrevista, a aluna evidenciou consciência em relação ao uso e identificação das expressões referenciais em cadeias do texto.

Fábio: Ok, Mariana muito obrigado pela sua participação.

⇒ MR – gravação sobre redação em Língua Inglesa (LE)

Fábio: Bem, estamos com aluna MR para conversarmos a respeito do seu texto em Inglês para nossa pesquisa. Bem, Mariana, mais uma vez você introduz seu texto, assim como em português “*in Brazil*” que indica “no Brasil”. Qual é o objetivo de fazer isso?

Mariana: Da mesma forma que o texto feito em Português, eu quis localizar, indicar o local do qual eu estaria falando o assunto no caso o país: *in Brazil*.

Comentário: A aluna reconhece a relevância do uso dêitico espacial, que indica que o assunto a ser tratado será abordado à luz do contexto brasileiro.

Fábio: E quando você coloca *voting*, esse *voting* você tem consciência de que não é um verbo e sim um substantivo?

Mariana: Sim.

Fábio: É o ato de votar, não é isso? E quando você fala *voting* você introduz a idéia no texto ou está retomando alguma coisa?

Mariana: Eu retomo o tema da mesma forma que estou introduzindo a idéia do voto ser ou não obrigatório.

Comentário: A aluna verifica a utilização de um substantivo ao invés de verbo, uma vez que, em Inglês, há a possibilidade de se utilizar o sufixo –ing para ambas as classes de palavras. Além disso, reconhece que introduz o tema (*voting*) no contexto, retomando-o.

Fábio: Perfeito. Aí quando você diz *an act mandatory* é um ato mandatário, um ato obrigatório, você está retomando alguma outra coisa?

Mariana: Sim, o tema.

Fábio: O tema, ok, você também retoma esse *voting*?

Mariana: Sim.

Fábio: Então *voting* que retoma o tema vem com a cadeia pra trás, né?

Mariana: Sim.

Fábio: Qual é a ordem do adjetivo e do substantivo em Inglês? Porque em Português, a gente fala *menino bonito* e, em Inglês, você não fala *boy beautiful*, você fala *beautiful boy*. Então, você tem essa consciência?

Mariana: É o adjetivo que vem antes do substantivo em Inglês.

Fábio: Então, você tem consciência que, em Português, você tem opção das duas ordens, mas geralmente nós utilizamos com mais frequência o substantivo depois o adjetivo, você tem essa consciência?

Mariana: Sim, porque até você usar o adjetivo antes do substantivo causa estranheza para quem está escutando.

Fábio: Certamente. E por ser uma falante de língua portuguesa, você acha que foi isso que influenciou pra você usar primeiro o substantivo depois o adjetivo no texto, ao invés de *a mandatory act* você colocou *an act mandatory*?

Mariana: Sim, porque o Português é língua nativa, língua de berço e o Inglês como a segunda opção você acaba caindo em vícios de linguagem, em vícios de língua portuguesa.

Comentário: Além de compreender seu equívoco no que concerne à ordem do sintagma nominal na língua inglesa, a aluna reconhece que há um movimento retrospectivo (anafórico) que constrói a cadeia de *voting*.

Fábio: Depois você fala que é *but it is an act of democracy* aí você diz *voting is a right*, aí você diz que o voto é um direito e diz também que é um *an act of democracy*. Qual é função de *a right*, que é um direito e de *an act of democracy* que é um ato de democracia? Qual é a função dessas expressões no texto?

Mariana: Ligar uma ideia a outra. Além de a gente dizer que é um direito de todo cidadão, é um ato de democracia.

Fábio: Com essas expressões você acha que está já colocando sua opinião?

Mariana: Sim.

Fábio: Já tem um juízo de valor, né?

Mariana: Já tem um juízo de valor embutido nessas ideias.

Comentário: Agora, ela verifica a ligação semântica entre *democracia* e *direito de escolha* quanto ao ato de votar, e, reconhece que há juízo de valor embutido quando da escolha de *right* (referente atributivo).

Fábio: Depois você diz o seguinte: *including illiterate, teenagers with 16 year or more*. Por que você optou pelo singular? *16 year*?

Mariana: Seria uma forma até como o Inglês foi apresentado para mim, dessa forma então acabei fazendo valer o que eu tinha aprendido.

Fábio: Ok, mas você reconhece que deveria ser *16 years*, dezesseis anos?

Mariana: Reconheço entrar o plural.

Comentário: Nesse caso, a aluna não observa a substantivação da idade, algo que não é comum em língua portuguesa, porém produtivo em Inglês.

Fábio: Ok. E quando você fala aqui *all people*, depois você bota *including illiterate, teenagers with* etc. Esse *illiterate* e esse *teenagers* retomam alguma expressão no texto?

Mariana: Retoma a ideia da obrigação do voto, porque há algumas regras, nem todas as pessoas elas podem exercer, por exemplo, no caso do Brasil, menores de dezesseis anos não podem exercer ainda esse direito.

Fábio: Ok, e você acha que *illiterate e teenagers* retomam *all people*? Por que você fala aqui antes *voting is a right that attend all people, including illiterate...* então, *illiterate and teenagers* de certa forma estão retomando *all people*?

Mariana: Todas as pessoas.

Fábio: Então você reconhece que são partes de um todo, que é uma cadeia meronímica, metonímica? As partes de um todo?

Mariana: Sim, eu queria falar de uma forma geral, depois particularizando.

Comentário: A aluna reconhece a utilização de expressão meronímica, explicando-a.

Fábio: Ótimo, perfeito. Por que você usou esse *so all* no final da frase?

Mariana: Para garantir uma ideia de ensino, depois de tantas enumerações todos tem esse direito.

Comentário: A aluna não observa seu equívoco no que diz respeito à expressão idiomática *and so on*, que possui o mesmo valor de *etc.*, e utiliza *so all*, o que constitui uma inadequação normativa em relação ao sistema da língua estrangeira.

Fábio: Ok, depois você diz *to opt for think*, a que se refere esse *to opt for think*? Você diz *people could have a right*, esse *people* está retomando *all people*?

Mariana: *All people*.

Comentário: A aluna identifica a retomada explícita por repetição, dando continuidade à CR.

Fábio: E depois existe *have a right* é um direito de *opt for think that voting is good*. A que se refere esse *to opt*, esse optar?

Mariana: Seria a ideia de escolher se seria bom ou não, de acordo com que ela pensa, de acordo com observador, se votar ou não seria uma boa ideia.

Fábio: E depois você diz assim lá embaixo, no mesmo parágrafo, *that voting is good or not for your lives*, a que se refere esse *your*?

Mariana: Se refere no caso à propriedade de toda população, *people*.

Fábio: As pessoas em geral. Então não teria que ser o pronome *their*? A vida delas, das pessoas?

Mariana: Seria outro vício da língua portuguesa.

Fábio: Perfeito então esse *your* aqui é por conta da língua portuguesa que a gente fala “suas” vidas, né?

Mariana: Suas, seus.

Fábio: E você reconhece que no Inglês não pode?

Mariana: Não tá coerente de acordo com o texto, foi um vício de linguagem.

Fábio: Foi um vício de linguagem, perfeito. Então se fosse *their lives* retomaria as pessoas, *people*?

Mariana: Exatamente.

Comentário: Ela assume o uso inadequado do pronome possessivo, reconhecendo que houve, mais uma vez, influência de sua língua materna que, em vez de usar *deles* ou *delas*, utiliza *seus*. Tal fato parece acontecer por conta da tradução literal que se faz dos referidos termos, o que não condiz com seu uso. Em língua portuguesa, para indicar posse da segunda pessoa do discurso, pode-se utilizar tanto o pronome SEU como TEU, por conta do uso de VOCÊ e TU, em Inglês, não. Todavia, verifica que mesmo assim a retomada é feita, contribuindo para a construção do objeto de discurso em tela.

Fábio: Sim, perfeito. No próximo parágrafo a que se refere esse pronome *it*, *it is an absurd*?

Mariana: Seria a idéia de que retomando o tema do voto ser obrigatório ou não, mas como em Inglês, eu não poderia usar *He* ou *she*, seria específico para ele ou ela, pessoas, e como o voto não é o caso de uma ação de uma pessoa, e não exatamente uma pessoa eu usei *it*.

Fábio: Perfeito. Mas, além disso, você reconhece que no Inglês não existe sujeito oculto e por isso tem que ter o pronome?

Mariana: Sim.

Comentário: Há o reconhecimento do uso do pronome *it* genérico, de categoria vazia (cf. nota 4)

Fábio: E por isso você usou o pronome *it*? (Mariana: usei o pronome) Perfeito. E esse *absurd*, absurdo, se refere a quê, o quê é um absurdo, está retomando o quê?

Mariana: O tema do texto, a obrigação de votar.

Fábio: Você acha que esse absurdo não está anunciando, o que você vai dizer depois *it is an absurd to have punishment for people that...* Você acha também que existe uma retomada...

Mariana: Do tema, mais uma enunciação do que iria falar depois.

Fábio: Então absurdo é do voto obrigatório, e a punição para as pessoas que não querem votar?

Mariana: Sim.

Comentário: A aluna observa o caráter anafórico-atributivo e catafórico-atributivo de *absurd*.

Fábio: Ok, perfeito. Depois você diz *that people that no want voting*. Por que você usou aqui *voting* e não *to vote*?

Mariana: É porque era após um verbo e *voting* também, no caso, vai ficar substantivado.

Comentário: Novamente, a aluna comete um equívoco em relação ao idioma Inglês e não o percebe: o verbo *to want*, quando seguido de outro verbo, deve estar no infinitivo: *want to vote*.

Fábio: Ok, perfeito. E quando você diz *the population*, você está introduzindo a população ou você está retomando uma expressão anterior?

Mariana: *All people*.

Fábio: Por que você não repetiu *all people* optou por *population*?

Mariana: Porque eu achei que cairia no erro da repetição das mesmas palavras. Eu quis usar um sinônimo.

Fábio: Ok, então utilizar um sinônimo, uma expressão metonímica como você fez anteriormente. Você reconhece que são estratégias para que não haja repetição, para que haja progressão no texto?

Mariana: Progressão no texto e não ter impressão de que está falando da mesma coisa em todo tempo.

Comentário: Agora, a aluna assume adotar uma expressão meronímica, a fim de evitar a repetição e, reconhece, ainda, que tal estratégia é importante para a progressão textual.

Fábio: Ok, perfeito. Depois você diz *the population wait in the future*, por que você escolheu o verbo *to wait*?

Mariana: No sentido de dar uma idéia de esperança, de esperar, ter expectativa em relação do futuro.

Fábio: Você acha que poderia ter utilizado o verbo *hope*?

Mariana: Poderia.

Fábio: Ok. Em qual pessoa está o verbo *change*, em: *that situation change*, primeira, segunda ou terceira?

Mariana: Terceira.

Fábio: Terceira, no singular ou no plural?

Mariana: Singular.

Fábio: Singular, e qual é o sujeito desse verbo *change*? O que deveria mudar?

Mariana: *That situation*.

Fábio: *That situation*. Já que está na terceira no singular, você concorda que teria que colocar o S da terceira pessoa? *The situation changes*?

Mariana: Sim.

Fábio: Concorda que teria? Você acha que também por um vício de linguagem da língua portuguesa do S sempre vai indicar plural?

Mariana: Exatamente.

Comentário: Mais uma vez, ela verifica e reconhece o uso indevido de expressões devido a influências da sua língua materna.

Fábio: Ok. E depois no final do texto a que se refere *it is so fantastic for its sons*? A que se refere o pronome *it*? O que é tão fantástico?

Mariana: A idéia da população poder escolher se quer ou não votar, seria fantástico se isso fosse existir, que isso fosse permitido.

Fábio: Ok, perfeito. E quando você fala *its sons*? Esse *it* tá retomando o quê?

Mariana: Está retomando a idéia de filhos.

Comentário: A aluna percebe o uso do *it* anafórico, reconhece o referente, mas não consegue estabelecer a idéia de posse contida no pronome *its*.

Fábio: Ok, perfeito, Mariana. Agora vamos montar de novo aquelas cadeias referenciais?

Mariana: Vamos.

Fábio: Qual é o primeiro tópico introduzido no texto que você acha pra gente fazer nossa cadeia referencial?

Mariana: A questão do *voting*.

Fábio: O *voting*, né? Esse *voting* está retomando o tema, não é isso?

Mariana: Isso.

Fábio: O tema que vem *voting*, retomando o tema, e mais o quê retoma *voting*?

Mariana: *Act*.

Fábio: Então *an act mandatory*, não é isso? Mais o quê? Ah! Outra coisa, você concorda que deveria ter um *it* aqui antes do *is*?

Mariana: Concordo.

Fábio: Então existe uma elipse aqui, não é isso?

Mariana: Isso.

Fábio: Também por conta do hábito do Português, né?

Mariana: Do hábito do Português.

Fábio: Perfeito, mais o quê que retoma *voting*? *An act mandatory*...

Mariana: *An act of democracy*.

Fábio: *An act of democracy*, mais o quê? Podem ter repetições, não tem problema.

Mariana: *Voting*.

Fábio: *Voting*, de novo.

Mariana: *A right*.

Comentário: A aluna consegue reconhecer a construção da primeira CR: *voting*; percebe todas as retomadas no texto, o que sinaliza a importância de se identificar a progressão dos referentes, não só para a produção do texto, mas também para a interpretação dos sentidos, por meio da ordenação dos referentes na CR.

Fábio: *A right*, perfeito. *All people* já é introdução de uma outra cadeia, não é isso? São as pessoas agora não mais o voto?

Mariana: As pessoas, todos os cidadãos.

Comentário: Reconhece, agora, a introdução de um novo referente: *all people*.

Fábio: Perfeito.

Mariana: *So all*.

Fábio: *So all* está retomando o que para você?

Comentário: Vale ratificar que a aluna optou por uma construção inadequada no que tange à estrutura da língua inglesa, pois o correto seria: *and so on*. Todavia, propõe que tal expressão faça parte da CR, reconhecendo que essa colabora com a construção do objeto de discurso em questão.

Mariana: População. *All people*.

Fábio: População? *All people*? Mais o quê que retoma *All people*? Nós vimos que tem a metonímia aí, né? Então, *16 year or more, illiterate*, você concorda que também está retomando?

Mariana: Concordo, também está retomando. *Teenagers...*

Fábio: *Illiterate, teenagers*, mais o quê que retoma *all people*, no texto todo, tanto *all people* como *voting*?

Mariana: *People...*

Fábio: *People*, quando tem *a country democratic*, está retomando alguma coisa ou é outra cadeia referencial?

Mariana: Está retomando a ideia de democracia que eu tinha definido *an act of democracy*.

Fábio: Então *a democratic country* está retomando o quê?

Mariana: *An act of democracy*.

Fábio: Que retoma *voting*. Então, *a country democratic* está retomando o *voting*, implicitamente, né? *A country democratic*, Ok. Mais o quê que retoma *all people* ou *voting* no texto?

Comentário: Nesse momento, a aluna sugere que as CRs são semanticamente associadas, uma vez que dizem respeito a um tema ou macrotópico.

Mariana: *That people*.

Fábio: *That people*.

Mariana: *The population*.

Fábio: *The population*, perfeito, mais o quê?

Mariana: *That situation*.

Fábio: Está retomando o quê? *Voting*?

Mariana: Está retomando *voting*.

Fábio: *That situation*, mais o quê? Os pronomes também, não se esqueça o *your* de *your lives*, né?

Mariana: *Your, your*.

Fábio: O *it is an absurd*, esse *it* retoma o quê?

Mariana: Retoma a idéia do tema.

Fábio: Ok, e o *punishment*?

Mariana: Também a idéia do voto obrigatório, existe uma ligação implícita dentro do mesmo tema.

Fábio: Então *absurd* também, né? O absurdo, né?

Mariana: É.

Fábio: Mais o quê que retoma *voting*, ou *people*, ou alguma outra cadeia introduzida no texto?

Mariana: Tem uma terceira cadeia que seria a parte da conclusão que eu coloquei que seria importante pra cultura e seria fantástico para os cidadãos poder escolher se querem ou não votar.

Comentário: A aluna, sem a ajuda do entrevistador, consegue estabelecer o início de outra CR.

Fábio: O que seria importante para a cultura?

Mariana: Seria importante o ato de decidir.

Fábio: A mudança da situação, né?

Mariana: A mudança da situação.

Fábio: Quando você diz que é importante *that situation change*, retoma a situação do voto obrigatório, mas ao mesmo tempo a mudança da situação...

Mariana: Apresenta uma solução para que aquele problema mude.

Fábio: Ok, perfeito, existe mais alguma outra retomada, esse *it* está retomando o quê?

Mariana: Os pronomes exercem essa função, sim, de retomar, além do tema, mais população.

Comentário: A aluna demonstra conhecimento do papel referencial do pronome.

Fábio: Ok, perfeito. Bem, Mariana, assim como no texto em Português, você acha que fazer essa depreensão das cadeias facilita a interpretação também em Inglês?

Mariana: Principalmente em Inglês, por se tratar de uma língua que não é de berço e que você não se sente tão à vontade em tratar.

Comentário: A aluna indica que a verificação das CRs na língua estrangeira é mais importante do que na língua materna, uma vez que há mais dificuldades nessa do que naquela. Logo, depreende-se que utilizar-se estratégias de referenciação para a interpretação e produção de textos é algo produtivo.

Fábio: Depois que você escreve o texto e reconhece a existência dessas cadeias, facilita por que você passa perceber problemas gramaticais? Como, por exemplo, a inversão problema de regência, de concordância?

Mariana: Certamente. Até porque regência, e eu vejo no caso da parte da língua inglesa tratada aqui no Brasil, não estamos, talvez com problemas que não tem tanto trato poderiam ser melhorados na educação do país.

Fábio: E você acha que essa maneira de tratar a referência, montando as cadeias referenciais facilitaria nesse trabalho, nesse estudo?

Mariana: Facilitaria, certamente, é muito importante.

Fábio: Você percebeu tudo isso na nossa análise?

Mariana: Percebi, muitas vezes o escritor, ele comete alguns erros que poderiam ser suprimidos se tivesse uma maior atenção nesse campo.

Comentário: A aluna reconhece também, que, ao montar as CRs pôde perceber problemas gramaticais no texto.

Fábio: Ok. Obrigado Mariana por sua participação.

A inclusão dessas entrevistas, como fontes complementares, permitiu-nos verificar que, ao ser explanado sobre o fenômeno em questão – a fabricação das CRs – o aluno consegue, auxiliado por uma análise gradual e pontual das estratégias referenciais por ele utilizadas, tomar consciência dos mecanismos que envolvem a

introdução, a retomada e a desativação dos referentes, conseguindo refazer o percurso da constituição das CRs na progressão textual.

4. CONCLUSÕES

Nossa pesquisa aplicou o construto teórico das cadeias referenciais, com a finalidade de observar o tipo de estratégias referenciais utilizadas para o desenvolvimento da progressão textual e tópica em redações dissertativo-argumentativas de alunos do terceiro ano do ensino médio, tanto em língua portuguesa (LM) quanto em língua inglesa (LE).

Como procedimento metodológico, constituímos nossos *corpora* de 5 redações em Português e 5 em Inglês, produzidas, pelos mesmos alunos, em ambas as línguas, uma vez que pretendíamos verificar o comportamento dos participantes, no que concerne ao emprego das estratégias referenciais nesses dois idiomas. Após a produção dos textos, os alunos foram solicitados a responderem a um questionário focalizando a exposição à leitura nas duas línguas e a frequência de contato com a língua inglesa. Além disso, o questionário também mensurou o grau de dificuldade em relação às habilidades linguísticas, com ênfase no conhecimento prévio sobre o tema, na seleção vocabular, na construção sintática, no estabelecimento de ligação entre as partes do texto e no desenvolvimento e retomada dos assuntos tratados no texto.

Como fonte evidencial suplementar, gravamos um dos alunos, a fim de verificar o grau de consciência em relação às estratégias referenciais utilizadas na constituição das cadeias referenciais nas duas línguas em foco.

A nossa hipótese fundadora foi a de que a análise de redações, a partir da identificação e constituição das CRs, poderia vir a ser um mecanismo relevante para detectar, com base no *status* informacional e na atividade de introdução, manutenção

e retomada de referentes na progressão textual e tópica, problemas de ordem sintático-semântica.

Em síntese, os resultados obtidos nos permitem concluir que:

- 1) Com relação à questão de pesquisa : Quais são as estratégias de referenciação mais frequentes na constituição de CRs nas redações de Português (LM) e Inglês (LE)?

Não houve diferença, entre as redações em ambas as línguas, com relação à estratégia mais produtiva: a pronominalização. A segunda estratégia selecionada foi a da retomada implícita por anáfora associativa, evidência esta que pode estar associada à apresentação de argumentos de passagem, que contribuíram para o desenvolvimento do macrotópico (o voto deve ou não ser obrigatório?).

- 2) Com relação à questão de pesquisa: Há diferenças de estratégias de referenciação na constituição de CRs em textos de língua portuguesa e língua inglesa? Essas distinções se devem a características tipológicas de ambas as línguas?.

Todas as ocorrências de elipses foram do sujeito nas redações em língua portuguesa, fato este que vem de encontro ao parâmetro *pro-drop* que a tipifica. Já em Inglês, o emprego do IT está de acordo com o sistema gramatical dessa língua. Registre-se, no entanto, a ocorrência de omissões do pronome IT na produção escrita, fato este que sugere uma possível influência da língua materna na língua estrangeira.

- 3) Com relação à hipótese: Que problemas de ordem sintático-semântica e de distribuição dos referentes em função do *status* informacional estão correlacionados com o não gerenciamento adequado das estratégias de referenciação que configuram as CRs nas redações?

O levantamento específico de problemas gramaticais em ambas as línguas, associados ao emprego inadequado das estratégias referenciais na progressão textual e tópica, revelou maior incidência da falta de concordância verbal (6 ocorrências), seguida de falta de regência (2 ocorrências); truncamentos (2 ocorrências); ambiguidade (1 ocorrência) e contradição (1 ocorrência).

- 4) Com relação à hipótese: Os alunos têm consciência das estratégias de referenciação e da sua configuração em CRs? Um teste complementar, realizado através de entrevistas gravadas em que essas estratégias lhes fossem explicitadas, poderia ativar essa consciência?

A aluna que nos serviu de fonte informacional, ao ser exposta ao construto das cadeias referenciais, foi demonstrando, ao longo da entrevista, maior consciência do emprego e dos usos funcionais dessas cadeias em ambas as línguas, revelando ser capaz de: estabelecer adequadamente os elos referenciais (“Também retoma a idéia do tema, o voto deve ou não ser obrigatório, tudo retomando o tema no decorrer do texto inteiro”); reconhecer problemas de regência, apontando-o e corrigindo-o (“Porque o Português é língua nativa, língua de berço, e o Inglês, a segunda opção, você acaba caindo

em vícios de linguagem”); observar o desenvolvimento do macrotópico, a partir da organização tópica, i.é. da introdução e manutenção de subtópicos tematicamente associados; apontar a funcionalidade do referente de 1ª menção como o ponto de partida para as suas retomadas subsequentes na progressão textual; identificar as referências atributivas conferidas ao macrotópico, enfatizando o seu valor argumentativo (asserção de passagem); registrar a importância da repetição como estratégia de manutenção dos referentes na memória discursiva; salientar o uso do pronome IT genérico, obrigatório em Inglês; perceber os elos semânticos entre as cadeias referenciais correlacionando-as ao macrotópico; reconstruir as cadeias referenciais utilizadas em ambos os textos.

Dentre os juízos de avaliação dessa aluna, cumpre destacar um trecho indiciador do grau de relevância da constituição das cadeias referenciais para a apreensão dos sentidos do texto:

“Fábio: Isso que eu fiz aqui de introduzir essas cadeias referenciais a que eu chamo de CR. Qual é, você acha que isso é importante no desenvolvimento do texto? Nós percebemos quais as expressões que retomam os tópicos introduzidos?”

Mariana: Sim, porque até um problema atual de você ler ou escrever é uma coisa que depois quando você faz o resumo pra tornar o seu texto mais enxuto, você não entende, essas cadeias servem como uma forma de causar entendimento naquele que está escrevendo.”

A partir das evidências fornecidas pelo questionário aplicado aos alunos, após a produção textual, destacamos as seguintes:

Com relação à língua portuguesa (LM), o reconhecimento de que:

- ✓ a leitura influencia diretamente a produção escrita, principalmente no que diz respeito à produção do texto argumentativo que exige conhecimento enciclopédico amplo;
- ✓ a seleção vocabular é um item que revela maior grau de dificuldade;
- ✓ a retomada dos assuntos é a maior das dificuldades para alguns alunos.

Com relação à língua inglesa (LE), o reconhecimento de que:

- o hábito da leitura amplia o conhecimento de mundo (enciclopédico), oferecendo melhores condições para a discussão de determinado assunto;
- o contato in loco não torna mais eficaz o uso da modalidade escrita na LE;
- o vocabulário pode ser uma barreira para a produção do texto;
- os cursos priorizam mais a habilidade oral (compreensão oral e fala) do que a prática da produção escrita.

No que se refere à hipótese fundadora da pesquisa, consideramos que o trabalho com as cadeias referenciais pode contribuir para levar os alunos a adquirirem maior consciência quanto à atividade de introdução, manutenção e retomada de referentes na progressão textual e tópica, possibilitando-os a detectar problemas de ordem sintático-semântica. Tal consideração é ainda de natureza programática e baseia-se no levantamento supracitado e nas avaliações da aluna entrevistada.

Pesquisas futuras poderão oferecer subsídios mais específicos a respeito da correlação aqui estabelecida, a partir de outros textos e gêneros textuais produzidos por um número maior de participantes.

Por fim, ressaltamos que um dos pontos de maior projeção de nosso estudo é o de fornecer evidências a favor da potencialidade aplicativa das cadeias referenciais como um recurso produtivo de conscientização de estratégias referenciais utilizadas no texto dissertativo-argumentativo no contexto de ensino-aprendizagem de Português (LM) e Inglês (LE).

Estudos futuros podem ampliar essa pesquisa, associando, por exemplo, o uso de expressões referenciais atributivas ao desenvolvimento da lógica argumentativa, no sentido de melhor contribuir para a apresentação de provas demonstrativas que possam fazer cintilar o teor persuasivo do texto.

5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgan. **Introduction to text linguistics**. London/New York: Longman, 1981.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2000.

BENTES, Ana Cristina. Linguística textual. In: BENTES, A.C.; MUSSALIM F. (Org.). **Introdução à linguística, domínios e fronteiras**. São Paulo, Cortez Editora: 2001. V.1. p.245-287.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo, Companhia Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo: 1976.V.1.

BRAGA, Maria Luiza; OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de. Novas considerações a respeito de um velho tópico: a taxonomia novo/velho. **Série Estudos**, n.10, p.27-40, 1984.

BITTENCOURT, Terezinha da Fonseca Passos. Teorias linguísticas aplicadas ao ensino de Português. **Cadernos da Academia Brasileira de Filologia**, Rio de Janeiro, 2002. V.1.

BROWN, Gillian; YULE, George. **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CEREJA, William; COCHAR, Thereza. **Português: linguagens**. 2. ed. São Paulo: Atual Editora, 2005. V. 1.

CHAFE, Wallace. **Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view**. NY: Academic Press, 1976

_____. **Discourse, consciousness, and time**. Chicago: The university of Chicago Press, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHOMSKY, Noam A. **Syntactic structure**. Haia: Mouton, 1957.

COSERIU, Eugenio. **Lições de linguística geral**. Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

_____. *Sobre o ensino do idioma Nacional. Problemas, propostas e perspectivas*, In: **Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português**. Rio de Janeiro, n.23, 1º semestre de 2002.

DA VINCI, Leonardo. **Fábulas e lendas**. Interpretadas e transcritas por Bruno Nardini. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1972, p.102

DUBOIS, J. Beyond definiteness: the trace of identity in discourse. In: CHAFE, W.L. (Ed.). **The pear stories – cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. New Jersey: ALEX Publishing Corporation, 1980. p.203-274.

FÁVERO, Leonor; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística textual: introdução**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FIORIN, José Luiz. Notas para uma didática do português. In: BASTOS, N. B. (Org.). **Língua portuguesa história, perspectiva, ensino**. São Paulo: Educ, 1998. p.123-134.

GIVÓN, Talm. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins, 1995.

HALLIDAY, Mike. **Notes on transitivity and theme**. JL 3, 1967.

_____; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Linguística textual e PCNs de língua portuguesa**. 2004. Disponível em: [≤www.unb.br/abralin/index.php?id=4&destaque=4≥](http://www.unb.br/abralin/index.php?id=4&destaque=4). Acesso em: 05 janeiro 2005.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In.: KOCH et al. (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p.33-52.

_____. **Introdução à linguística textual**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **As tramas do texto**. Série Dispersos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

_____; TRAVAGLIA, Luiz C. **Texto e coerência**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.**, v.14, p.169-190, 1998. Edição especial.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

LONDOÑO, Rafael Areiza; ESTUPINÁN, Mireya Cisneros; IDÁRRAGA, Luis Enrique Tabares. **Hacia una nueva visión sociolingüística**. Bogotá: Eco e Ediciones, 2004.

LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH. Harlow: Longman Dictionaries, 1995.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979 [1977]. v 2.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Cristine; SCHÖNBERGER, Axel. (Ed.). **Estudos de linguística do texto**. Frankfurt am Main, 2000.

_____. Atividades de referenciação no processo de produção textual e o ensino de língua. In: ENCONTRO NACIONAL DO GELCO, 1. 2001, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande, 2001.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V (Org.). *et al.* **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p.53-101

_____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes. **Manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 1999.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In.: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete; CIULLA, ALena. (Org.). **Referenciação**. Clássicos da Linguística. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES DA SILVA, Sílvia. **Cadeias referenciais em textos orais e escritos**. 2002. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa)–Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

_____. **Cadeias referenciais: o objeto de discurso e sua evolução na progressão textual**. 2007. 205f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO (PCNEM). Disponível em:http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12598:publicacoes&catid=195:seb-educacao-basica. Acesso em: 05 de abr. 2009.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, Christian. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. São Paulo: Parábola, 2008.

PRINCE, Ellen F.. Toward a taxonomy of given/new information. In: COLE, P. (Ed.). **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981. p. 233-255.

_____. The ZPG Letter: subjects, definiteness, and information-status. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S.A. (Ed.). **Discourse description: diverse linguistic analyses of a fundraising text**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1992. p. 295-325.

RONCARATI, Cláudia. Reiteração e saliência em margens intertópicas. **Letras & Letras**, n.8, v.1, p.21-30, 1993.

_____. Domínios referenciais e a hipótese da trajetória universal. In: RONCARATI C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português brasileiro : contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7letras/FAPERJ, 2003. P.144-159.

_____. **As cadeias do texto: construindo sentidos**. 2009. No prelo.

_____; NEVES DA SILVA, Sílvia Regina. A construção da referência e do sentido: uma atividade sociocognitiva e interativa. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 21, p.319-337, 2º semestre de 2006.

SCHWARZ, M. **Indirekte anaphern in texten**. Tübingen: Niemeyer, 2000.

SWAN, Michael. **Practical English usage**. New Edition. New York: Oxford University Press, 1998.

Van DIJK, Teun a. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

VASCONCELOS, Viveiros de. **Rudimentos de análise léxica**. 53. Ed. Campos: Dinah Silva Editor, 1969.

WEINRICH, Harald. **Tempus: besprochene und erzählte Welt**. Stuttgart: Kohlhammer, 1964.

6.ANEXOS

ANEXO A – Redações em língua portuguesa

ANEXO B – Redações em língua inglesa

ANEXO C – Questionário

QUESTIONÁRIO

- 1.Nome: _____
- 2.Endereço: _____

- 3.Telefone: _____ E-mail _____
4. Idade: _____
5. Sexo: () M () F
-

SOBRE O APRENDIZADO DO INGLÊS LE

1. Instituição ou local onde aprendeu/aprende Inglês:

- 2.Há quanto tempo estudou /estuda inglês: _____
3. Já morou no exterior ou viajou para fora do país: () Sim () Não
- 4.Quanto tempo: _____ Local: _____
- 5.Colégio onde estuda: _____
6. Qual o seu contato com o Inglês? Coloque ao lado a frequência.
- () Internet _____
- () TV _____
- () Filmes _____
- () Revistas _____
- () Jornais _____
- () Livros _____
- () Conversa com colegas ou amigos _____
- () Contato com estrangeiros _____
- () Sem contato fora do curso _____
- 7.O hábito de ler influencia a sua produção escrita? Justifique.
- _____
- _____
- _____

8. Alguém da sua família fala inglês:

() Sim () Não. 9. Instituição ou local onde aprendeu _____

10. Qual a importância da língua inglesa no mundo de hoje?

11. Como você avalia o seu nível de fluência em Inglês? JUSTIFIQUE.

Na fala: _____

12. Em que aspectos da aprendizagem da língua inglesa você encontra mais dificuldade? (Numere em ordem decrescente, começando pela maior dificuldade)

Escrita ()

Leitura ()

Fala ()

Audição ()

Justifique _____

13. Qual a importância que o curso onde você estuda/estudou Inglês confere à produção escrita?

14. Avalie suas dificuldades na produção escrita em Inglês em ordem numérica (Numere em ordem decrescente, começando pela maior dificuldade)

Conhecimento prévio sobre o tema ()

Seleção vocabular ()

Construção sintática ()

Estabelecimento de ligação (coesão) entre as partes do texto ()

Desenvolvimento dos assuntos tratados no texto ()

Retomada dos assuntos tratados no texto ()

Justifique suas respostas:

SOBRE O APRENDIZADO DE PORTUGUÊS LM

1. O que você costuma ler:

() Livro: Que tipo: _____

() Revista: Que tipo: _____

() Jornal: Que tipo: _____

2. Com que frequência:

Livro: _____

Revista: _____

Jornal: _____

3. O hábito de ler influencia a sua produção escrita? Justifique.

4. Avalie suas dificuldades na produção escrita em língua materna, em ordem numérica (Numere em ordem decrescente, começando pela maior dificuldade):

Conhecimento prévio sobre o tema ()

Seleção vocabular ()

Construção sintática ()

Estabelecimento de ligação (coesão) entre as partes do texto ()

Desenvolvimento dos assuntos tratados no texto ()

Retomada dos assuntos tratados no texto ()

Justifique suas respostas:

5. Qual a importância que o colégio onde você estuda confere à produção escrita? JUSTIFIQUE.

Avaliação individual da sua produção das redações em Português e em Inglês

1. Na redação em Português, quais foram suas maiores dificuldades?

2. Na redação em Inglês, quais foram suas maiores dificuldades?

3. Em quais dos dois textos você teve mais dificuldade? Justifique.

Local e Data: _____

Autorizo o uso dos dados para fins de pesquisa.

() Sim () Não

ASSINATURA

ANEXO D – Respostas dos Questionários

**ANEXO E – Quadros de referenciação anteriormente
adotados na literatura**

Quadro proposto por Marcuschi (2000), aplicado por Neves da Silva (2002):

Relação anafórica	Esquema categorial
{1} Retomada explícita de antecedente por repetição de item ou construção linguística com estabilidade/continuidade referencial.	+ correferência _ recategorização + co-significação
{2} Retomada explícita do antecedente por pronome com estabilidade/continuidade referencial.	+ correferência _ recategorização _ co-significação
{3} Retomada implícita de antecedente por sinonímia, paráfrase, associação, metonímia com estabilidade/continuidade referencial; recobre também casos de anáfora associativa.	+ correferência + recategorização _ co-significação
{4} Com remissão e retomada implícita de antecedente não pontualizado e com reorientação referencial realizada por dêiticos textuais às vezes com função resumitiva ou genérica.	_ correferência + recategorização _ co-significação
{5} Com remissão e retomada implícita de antecedente e reorientação referencial por nominalização/verbo ou hipo/hiperonímia.	_ correferência + recategorização _ co-significação
{6} Com remissão sem retomada de antecedente e reorientação referencial por rotulações metalinguísticas ou de força ilocutória. Casos de referenciação atributiva.	_ correferência (?) recategorização (?) co-significação
{7} Sem remissão e sem retomada de antecedente, com construção referencial induzida por pronome/nome ou construção nominal.	(?) correferência (?) recategorização (?) co-significação
{8} Elipse. Retomada implícita de antecedente por elipse do referente (argumento do verbo: sujeito ou objeto) com estabilidade/continuidade referencial. Trata-se de anáfora zero.	+ correferência _ recategorização _ co-significação

Quadro 20-Relações anafóricas (NEVES DA SILVA, 2002)

Quadro revisto e aplicado por Neves da Silva (2007):

Descrição do mecanismo de referenciação na progressão da CR
{1} Introdução do referente, em primeira menção, por expressão nominal definida de uso referencial, para identificação inicial do objeto de discurso ao modo de referente já conhecido, por alusão a conhecimento exofórico; logo, sem antecedente textual: sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao co-texto; é frequente sua ocorrência no título.
{2} Introdução do referente por expressão nominal indefinida de uso referencial, para identificação inicial do objeto de discurso; sem antecedente, logo sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao co-texto; também pode ocorrer no título ou no corpo do texto.
{3} Primeira menção do referente realizada por expressão nominal definida de uso atributivo, em processo de construção do objeto de discurso; sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao co-texto: ocorrência no título ou no corpo do texto.
{4} Primeira menção realizada por expressão nominal indefinida de uso atributivo ou com denominação genérica de valor semântico, sem referencialidade (referente virtual); sem remissão nem retomada retrospectiva associada ao co-texto, podendo ocorrer no título ou no corpo do texto.
{5} Nominalização do referente por derivação lexical com remissão a antecedente implícito em verbo cognato; com continuidade referencial associada à significação do verbo.
{6} Primeira menção realizada por pronome, elipse ou advérbio, em processo de catáfora, com remissão prospectiva ao referente (objeto de discurso) em processo de construção.
{7} Introdução de referente, por expressão nominal referencial de valor atributivo ou sentido genérico, em função dêitica ou alusiva a conhecimento exofórico socioculturalmente compartilhado; com remissão prospectiva ou retrospectiva, por encapsulamento ou rótulo com possibilidade de construir-se em base referencial para a ativação e novos referentes.
{8} Ativação de referente novo, com remissão retrospectiva implícita, com ou sem reorientação referencial (associação semântica ou cognitiva de origem diversa, como: meronímia, hiponímia, metáfora, metonímia); por variados tipos de anáforas indiretas; em geral, com base em estruturas cognitivas, com extensão de sentido; com ou sem aporte de atributo; sem correferência nem co-significação.
{9} Retomada explícita de antecedente por repetição lexical ou por construção linguística com estabilidade (diminutivo, aumentativo, redução lexical, abreviação nominal, sigla); continuidade referencial ou semântica, com co-significação, contudo, sem garantia de correferencialidade.
{10} Retomada explícita de antecedente por substituição por pronome ou advérbio pronominal, com identidade referencial; por processos simultâneos de anáfora e dêixis textual, além de possível remissão exofórica; com correferência.
{11} Designação pronominal sem retomada, portanto, sem correferencialidade, constituída por pluralidade indeterminada, sem antecedente explícito no co-texto, com introdução de elementos novos, sem linearidade continuativa.

{12} Retomada implícita do referente, cancelado por elipse (argumento do verbo; sujeito ou objeto; e, ainda, complemento nominal ou adjunto com remissão ao referente), com recuperação inferencial, a partir de marcas léxico-semânticas no contexto; com correferência e continuidade referencial; trata-se da chamada anáfora zero.
{13} Retomada explícita de antecedente por substituição com recategorização lexical e identidade referencial e/ou semântica (sinonímia, hiponímia, hiperonímia, eufemismo, metonímia, paráfrase com estabilidade ou identificação por nome próprio); com continuidade referencial e possibilidades de aporte de atributo; remissão a esquemas cognitivos; sem garantia de co-significação e correferencialidade simultâneas.
{14} Retomada implícita de porção textual antecedente, por dêitico textual, com remissão e reorientação referencial realizada por expressão com capacidade ou rotulação, de função simultaneamente anafórica e dêitica; com continuidade referencial.
{15} Retomada implícita com recategorização por rotulação metalinguística, ou encapsulamento de força ilocutória; com possibilidade de remissões endofóricas e exofóricas (acesso semântico por memória cognitiva culturalmente compartilhada), com continuidade referencial, sem co-significação.
{16} Retomada de referente por denominação vaga, sem capacidade de recategorização, com à estrutura cognitiva ou algum tipo de pressuposição; inferível por pistas textuais; com possibilidade de aporte de dados informativos, com continuidade referencial.
{17} Remissão com aporte de atributo por remissão anafórica ao referente (objeto de discurso); com função presumível de evolução referencial; com continuidade referencial.

Quadro 21 - Descrição do mecanismo de referenciação na progressão da CR (NEVES DA SILVA, 2007)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)